



Serviço Público Federal

Universidade Federal do Pará

Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento

Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

**RELAÇÕES DE AMIZADE DE ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE
ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: FATORES DE RISCO E DE PROTEÇÃO**

Amanda Cristina Ribeiro da Costa

Belém – Pará

2016



Serviço Público Federal

Universidade Federal do Pará

Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento

Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

**RELAÇÕES DE AMIZADE DE ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE
ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: FATORES DE RISCO E DE PROTEÇÃO**

Dissertação de mestrado apresentada pela aluna Amanda Cristina Ribeiro da Costa ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre, sob orientação da Prof.^a Dra. Lília Iêda Chaves Cavalcante.

Belém –PA

2016

Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento
Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Lília Iêda Chaves Cavalcante (UFPA), Orientadora

Prof.^a Dr.^a Débora Dalbosco Dell'Aglio (UFRGS), Membro

Prof.^a Dra. Milene Maria Xavier Veloso (UFPA), Membro

Belém-PA

2016

Agradecimentos

Agradeço à professora Lília Cavalcante orientadora deste trabalho e minha fonte de inspiração e de apoio nos momentos difíceis durante esta caminhada.

Aos meus pais, Raimunda e Adalberto, que me conduziram de forma muito digna até aqui, dando apoio incondicional e se orgulhando de cada pequena vitória alcançada desde a minha tenra idade, obrigada por tudo, amo vocês.

Às minhas irmãs por estarem sempre comigo, em especial à Allanda, que mora comigo.

À Cynthia e ao Edival que compartilharam com meus pais a função de cuidado e proteção e sempre me deram total segurança para seguir meu caminho, vocês são muito importantes para mim, isso nunca vai mudar.

Ao meu marido, Marcio Gonçalves, que é meu companheiro, minha retaguarda e sempre potencializa minhas qualidades.

Aos meus amigos, que são fator de proteção na minha vida, fonte de ajuda, cuidado, companheirismo e todos os aspectos positivos que uma relação de amizade pode conter.

Meu agradecimento especial à Doroti Rodrigues, Bruna Monteiro, Walquirene Nunes e Marta Souza por compartilharem a dor e a delícia da coleta de dados.

Às instituições de acolhimento que abriram suas portas para que eu realizasse a minha pesquisa e aos adolescentes que estiveram dispostos a participar.

À professora Sandra Helena Ribeiro Cruz pelos ensinamentos que me proporcionou durante a prática de ensino.

À banca avaliadora deste trabalho, Professora Doutora Milene Veloso e Professora Dra. Débora Dell’Aglío, que certamente darão contribuições preciosas.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa para realização deste trabalho.

E não poderia concluir mais uma etapa importante da minha vida sem agradecer a Deus, que em sua magnitude me deu o maior dos meus presentes, minha filha Lívia. Todo e qualquer esforço ou dificuldade que tive durante a vida ou com este trabalho foram compensados quando a vi. Lívia, minha vidinha, espero que daqui a uns anos você leia este documento e saiba que o meu amor por você já é maior que tudo. Obrigada por me tornar uma pessoa melhor a cada dia, pelas experiências únicas que vivenciei contigo em meu ventre e pela emoção de cada sorriso teu. Eu te amo sempre e para sempre.

Sumário

Apresentação.....	8
Capítulo I	12
Fatores de risco e proteção na adolescência.....	12
O grupo de pares e as relações de amizade como fator de risco e proteção.....	16
Capítulo II: Fatores de risco e de proteção nas relações de amizades de adolescentes acolhidos institucionalmente.....	25
Resumo.....	25
Introdução.....	27
Método	42
Resultados	46
Discussão.....	49
Considerações Finais.....	53
Referências.....	57
Capítulo III: A qualidade da amizade na percepção de adolescentes que vivem em situação de acolhimento institucional.....	67
Resumo.....	67
Introdução.....	69
Método.....	76
Resultados e Discussão.....	80
Considerações Finais.....	91
Referências.....	93
Considerações Finais.....	97
Anexo I.....	104
Anexo II.....	120

RESUMO

Costa, A. C. R. C. (2015). *Relações de Amizade de Adolescentes em Situação de Acolhimento Institucional: Fatores de Risco e de Proteção*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Brasil. p. 122.

Estudos apontam que além da família, o grupo de pares constitui-se em um importante contexto de desenvolvimento para o adolescente, sendo as relações de amizade entre seus membros um influente fator de risco e de proteção nesse período da vida. Nesse sentido, esta dissertação objetivou investigar os fatores de risco e de proteção associados às relações de amizade e a percepção da qualidade desse tipo de relacionamento por adolescentes no contexto do acolhimento institucional. No primeiro estudo, quantitativo e com caráter descritivo e exploratório, buscou-se averiguar os fatores de risco e de proteção aos quais os adolescentes acolhidos institucionalmente estão expostos na Região Metropolitana de Belém (RMB), afora identificar a presença ou não dos amigos em eventos de vida que podem ser caracterizados como situação ou experimentação de risco ou proteção. Participaram da pesquisa 40 adolescentes acolhidos institucionalmente em cinco instituições da RMB, amostra esta que foi selecionada por conveniência. Foi utilizado o Questionário Juventude Brasileira (QJB) para coleta de dados. Os resultados apontaram que ser adolescente do sexo masculino esteve associado de forma estatisticamente significativa às variáveis: ‘ter sido expulso da escola’ ($X^2=4,09$; $p= 0,04$), ‘acolhido em instituições’ ($X^2= 5,87$; $p=0,01$) e ‘já trabalhado na rua’ ($X^2=8,67$; $p=0,003$). O sexo feminino entre os adolescentes pesquisados esteve associado significativamente com a variável ter sofrido agressão por meio de soco ou surra ($X^2=4,73$; $p=0,02$). Entre os fatores de risco que envolviam a relação de amizade do adolescente com seus pares, o sexo masculino demonstrou associação estatisticamente significativa com as variáveis: ‘você possui amigos que usam drogas’ ($X^2=4,5$; $p=0,03$), ‘amigos que usam drogas lícitas’ ($X^2=3,74$; $p=0,05$) e ‘amigos que usam drogas ilícitas’ ($X^2=6,34$ e $p=0,01$). Nas situações que representavam fatores de proteção e envolviam os amigos não foi encontrada associação estaticamente significativa, embora seja importante ressaltar que os adolescentes revelaram altas expectativas de ter amigos que lhe darão apoio (72,5%). No segundo estudo, com abordagem qualitativa dos dados, buscou-se conhecer aspectos referentes à qualidade da amizade a partir da percepção de adolescentes acolhidos institucionalmente. Foi utilizada entrevista semiestruturada cujo roteiro foi elaborado especialmente para este trabalho. Participaram 20 adolescentes escolhidos por conveniência. Para compreensão das percepções dos participantes acerca da qualidade da amizade, o conteúdo das transcrições das entrevistas foi organizado em categorias pré-estabelecidas, sendo ‘ajuda e direção’ e ‘companheirismo’ as mais frequentes com 18 menções cada, seguidas por ‘resolução de conflito’ (05 menções), ‘validação e cuidado’ (02), ‘abertura íntima’ (02) e ‘traição e conflito’ (03). Identificou-se que as relações de amizade dos adolescentes acolhidos foram destacadas em suas características positivas e protetivas em termos desenvolvimentais. Constata-se que os adolescentes deste estudo estiveram expostos a diversos fatores de risco e proteção em contextos do desenvolvimento como a família, a instituição de acolhimento e o grupo de pares. Neste último, em particular, verificou-se o caráter paradoxal que podem ter as relações de amizade, representando tanto um fator de risco quanto proteção ao desenvolvimento, pois, embora esta relação exponha o adolescente a comportamento de risco como o uso de drogas, também se mostra como

uma importante base de apoio social dos adolescentes. Este tipo de estudo poderá contribuir com ações específicas para a população pesquisada e com estudos sobre desenvolvimento humano e relações interpessoais contextos marcados pela longa permanência em instituições.

Palavras-chave: amizade; adolescente; fatores de risco, fatores de proteção; acolhimento institucional

Abstract

Costa, A. C. R. C. (2015). *Friendship of Adolescents in Institutional Home situation: Risk Factors and Protection*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Brasil. p. 122.

Studies show that in addition to the family, the peer group constitutes an important development context for the adolescents, and friendship among its members an influential factor of risk and protection during this period of life. In this sense, this work aimed to investigate the risk and protective factors associated with the friendly relations and the perception of the quality of this type of relationship by adolescents in the context of institutional care. In the first study, quantitative and descriptive and exploratory, we sought to determine the risk and protective factors to which adolescents welcomed institutionally are exposed in the Região Metropolitana de Belém (RMB), besides identifying the presence or absence of friends in events of life that can be characterized as a situation or experimentation of risk or protection. The participants were 40 adolescents welcomed institutionally in five institutions of RMB, which this sample was selected by convenience. We used the Questionário Juventude Brasileira (QJB) for data collection. The results showed differences by sex, boys was associated with a statistically significant to the variables thus: 'have been expelled from school' ($X^2 = 4.09$; $p = 0.04$), institucional care ($X^2 = 5.87$; $p = 0.01$) and 'worked on the street' ($X^2 = 8.67$; $p = 0.003$). The female sex among adolescents surveyed was significantly associated with the variable to have suffered aggression by punching or beating ($X^2 = 4.73$; $p = 0.02$). Among the risk factors involving adolescent friendships with peers, was evidenced that male sex statistically significant association with the variables: 'you have friends who use drugs' ($X^2 = 4.5$; $p = 0.03$), 'friends who use legal drugs' ($X^2 = 3.74$; $p = 0.05$) and 'friends who use illicit drugs' ($X^2 = 6.34$ and $p = 0.01$). In situations which represented protective factors and involved friends it was not found statistically significant association, although it is important to emphasize that adolescents revealed high expectations of having friends who give you support (72.5%). In the second study, with qualitative approach, we sought to know aspects relating to the quality of friendship from the perception of adolescents welcomed institutionally. It used semi-structured interviews whose script was developed especially for this work. Attended by 20 adolescents chosen for convenience. To understand the perceptions of the participants about the friendship quality, the content of interview transcripts was organized in pre-established categories, 'help and guidance' and 'companionship' the most frequent with 18 mentions each, followed by 'conflict resolution' (05 mentions), 'validation and caring' (02) 'intimate exchange' (02) and 'conflict betrayal' (03). It was identified that the friendship of adolescents received were highlighted in positive and protective characteristics in developmental terms. It appears that the adolescents in this study were exposed to various risk and protective factors in developmental contexts such as family, the institucional care and the peer group. In the latter, in particular, there was the paradoxical character can have friendship, representing both a risk factor as protection and development, for although this relationship expose your adolescence to risky behavior such as drug use, too It is shown as an important basis for social support of adolescents. This type of study may contribute with specific actions for the population studied and studies on human development and interpersonal relationships contexts marked by long stay in institutions.

Keywords: friendship; adolescents; risk factors, protective factors; institucional care

Apresentação

Esta dissertação dá continuidade às investigações sobre a exposição de adolescentes a fatores de risco e de proteção em diversos contextos, particularmente os trabalhos derivados da Pesquisa Nacional Juventude Brasileira: Comportamentos de risco, fatores de risco e de proteção. A pesquisa, coordenada pela Prof^a Dr^a Sílvia Koller e a Prof^a Dr^a Débora Dell’Aglío, ambas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, teve início em 2005, e serve até hoje de referência para novos trabalhos com propósito semelhante.

O interesse pela temática da adolescência e os fatores de risco e de proteção presentes em diferentes contextos de desenvolvimento de adolescentes tomou forma a partir da inserção da mestranda, ainda na graduação, no Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento (LED), do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará. O LED desenvolve trabalhos sobre o desenvolvimento humano em diversos contextos, tais como: instituições de acolhimento, escolas e famílias ribeirinhas. Nos últimos dez anos, contudo, tem se destacado por pesquisas sobre o acolhimento institucional de crianças em situação de vulnerabilidade social, envolvendo a relação entre grupo de irmãos nesses espaços, comportamento de pares coetâneos na infância, práticas de cuidado de educadores nos abrigos, dentre outras. Essa trajetória ensejou a criação do NEPAIA (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Acolhimento Institucional e Adoção), ficando este ligado ao LED.

Com a formação do NEPAIA, foi realçada a importância de se ter um olhar diferenciado para o acolhimento institucional de adolescentes, procurando compreender os motivos que têm justificado a sua permanência em abrigos, casas-lares e os vários comportamentos e situações de risco vivenciados por eles, e se e de que podem ter contribuído para o seu afastamento da família. Essa preocupação foi destacada no

NEPAIA com a realização da pesquisa denominada “Instituições de Acolhimento de Crianças e Adolescentes em Quatro Regiões do Estado do Pará: Perfil, rotinas e práticas de cuidado, financiada pelo CNPq, da qual a mestrandia é colaboradora. Soma-se a isso, o fato de que o pós-doutoramento da Prof.^a Dr.^a Lília Cavalcante pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a supervisão da Prof.^a Dr.^a Débora Dell’Aglia, provocou uma aproximação do LED/NEPAIA com o NEPA (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Adolescência), propiciando o conhecimento dos trabalhos desenvolvidos sobre adolescentes com vivência em diferentes contextos ecológicos (acolhimento institucional, escola, centros de internação para cumprimento de medida socioeducativa, dentre outros) por parte do primeiro, e uma maior compreensão dos seus traços particulares em outras cidades e regiões do país. Afinal, o NEPA, com a aplicação do Questionário da Juventude Brasileira-Versão Fase II (QJB-II, Dell’Aglia, Koller, Cerqueira-Santos, & Colaço, 2011) e outros instrumentos de pesquisa, têm contribuído na investigação de fatores de risco e de proteção no desenvolvimento de adolescentes que vivem no Brasil, servindo de referência para outros grupos e pesquisadores dentro e fora do país.

Pesquisas que tomam a adolescência como objeto de estudo apresentam relevância social e acadêmica, seja no âmbito internacional ou nacional. Segundo dados do UNICEF, no Brasil, vivem aproximadamente 21 milhões de adolescentes com idade entre 12 e 18 anos incompletos, e destes, 38% compõem famílias com renda abaixo de ½ salário mínimo mensal, ou seja, em condição de pobreza e/ou de vulnerabilidade (UNICEF, 2009). Isso revela a necessidade de se realizar mais estudos que possam contribuir para a compreensão de como se dá esse momento de transformações mais intensas em condições adversas, assegurando o direito de ser adolescente mesmo diante de situações de privação material e emocional, para assim de alguma forma subsidiar

políticas que possam atender esse segmento nos diversos contextos em que estão inseridos: família, escola, instituições de acolhimento, socioeducação e de assistência psicossocial à população de rua, dentre outros.

Além disso, estudos que tratam dos fatores de risco e de proteção na adolescência (Amparo, Galvão, Alves, Brasil & Koller, 2008; Paludo & Schirò, 2012), permitem uma visão contextualizada do desenvolvimento humano, tornando possível explicar por que adolescentes que vivem condições socioeconômicas desfavoráveis conseguem alcançar resultados desenvolvimentais diferentes dos que eram esperados e outros não. Ou ainda: Por que adolescentes que estão expostos às mesmas situações de risco podem vivenciar ou não tais experiências em sua trajetória de desenvolvimento? Discutir as respostas possíveis a esta e outras perguntas semelhantes significa, portanto, conhecer mais sobre o contexto no qual o adolescente está inserido e as relações que são constituintes do mesmo, procurando dar especial atenção àquelas que este estabelece com seus pares.

Nesses termos, a dissertação de mestrado aqui apresentada traz adolescentes como sujeitos de pesquisa que foi realizada em instituições de acolhimento e teve como propósito efetuar investigações para conhecer, mais amplamente, aspectos que caracterizam as condições ecológicas nas quais o desenvolvimento acontece para eles nesse contexto específico e nessa fase da vida. Pretendeu-se, com esta dissertação, compreender o lugar e a importância das relações de amizade na ecologia do desenvolvimento humano de adolescentes. Para tanto, buscou-se investigar os fatores de risco e de proteção associados às relações de amizade e a percepção da sua qualidade por adolescentes no contexto de acolhimento institucional.

Pesquisas (Jensen-Campbell et al., 2002; Lisboa, 2005; Manfroi, 2012; Véronneau, Trempe & Paiva, 2014) mostram que são vários os fatores de risco e de

proteção associados às relações entre pares, sendo a amizade uma delas. No entanto, poucos são aqueles que investigam se e como essas relações associam-se a variáveis contextuais e pessoais, além de aspectos definidores da qualidade destas relações que pode ser pautada por aspectos positivos ou negativos.

Esta dissertação traz, assim, os resultados de dois estudos com igual propósito, mas características metodológicas diferentes: um quantitativo e outro qualitativo. O primeiro, com caráter descritivo e exploratório, averiguou os fatores de risco ou de proteção no desenvolvimento de adolescentes no contexto do acolhimento institucional e que podem estar associados às relações de amizade que estes mantêm com seus pares. O segundo estudo buscou investigar aspectos referentes à qualidade da amizade (ajuda e direção, validação e cuidado, abertura íntima, companheirismo, e resolução de conflito) na percepção de adolescentes que vivem em instituições de acolhimento.

CAPÍTULO I

Fatores de risco e proteção na adolescência

Estudos sobre o desenvolvimento humano têm investigado a ocorrência de fatores de risco e proteção em diversas fases da vida, como a infância, adolescência e velhice, e em diferentes contextos, como a família, escola, trabalho, rua e instituições. Para compreensão dos fatores de risco e proteção na adolescência é necessário dar visibilidade a interação do contexto e das características individuais dos sujeitos, ressaltando a relação entre o caráter flexível e dinâmico do complexo processo de interação entre os adolescentes e seus pares (Zappe, 2014). Segundo Yunes e Szymanski (2001), os fatores de risco são eventos negativos na trajetória de vida de um indivíduo que podem aumentar a probabilidade deste apresentar problemas emocionais, físicos ou sociais. Na adolescência, as pesquisas sobre fatores de risco ganham destaque por se tratar de uma fase caracterizada por intensas mudanças biológicas, sociais e culturais, sendo esta uma etapa peculiar do desenvolvimento humano em que os sujeitos estão em constante busca por autonomia e aceitação pelo grupo de pares, o que pode deixá-los mais vulneráveis aos riscos (Alves & Dell'Aglio, 2015; Amparo, Galvão, Alves, Brasil & Koller, 2008; Morais, Raffaelli & Koller, 2012).

Os fatores de risco ao desenvolvimento humano geralmente são divididos pelos autores em subcategorias. Rutter (1985) conceitua os fatores de risco de acordo com três instâncias: 1) Riscos biológicos: referem-se a episódios de natureza física, pré e pós-natais como é o caso dos bebês prematuros; 2) Riscos orgânicos: de ordem médicas, especialmente de origem genética a exemplo das Síndromes; e 3) Riscos ambientais: como a pobreza, precariedade de recursos culturais, situação de vulnerabilidade. Já Sierra e Mesquita (2006) apontam categorias diferenciadas de fatores de risco: 1) Riscos

inerentes à família (alcoolismo, violência doméstica, abuso sexual, etc.); 2) Riscos referentes ao local de moradia; 3) Riscos colocados à saúde; e 4) Riscos associados aos próprios indivíduos, tais como, sua personalidade e comportamentos, que podem levá-los ao uso de drogas, práticas de atos ilícitos.

Ademais, existem aqueles fatores de risco que possuem características peculiares à adolescência como alguns comportamentos antissociais (uso de drogas, comportamento delinquente, comportamento sexual de risco), baixa expectativa de sucesso, amigos que apresentem comportamento de risco, influência dos amigos maior que a dos pais, baixa autoestima, dentre outros (Jessor, Van den Bos, Vanderryn, Costa & Turbin, 1995).

No entanto, os fatores de risco ao desenvolvimento humano podem ser neutralizados ou atenuados pelos fatores de proteção, que são aqueles mecanismos que podem auxiliar no enfrentamento de adversidades, vulnerabilidades e modificam ou alteram a resposta pessoal para algum risco ao desenvolvimento (Linhares, Bordin & Carvalho, 2010; Paludo & Schirò, 2012; Reppold, 2001). De acordo com Sapienza e Pedromônico (2005), esses fatores de proteção podem favorecer uma trajetória desenvolvimental que foi intensa e prolongadamente exposta a fatores de risco. Assim como existem fatores de risco que são apontados não somente, mas especialmente durante a adolescência, também são mostrados pela literatura fatores de proteção característicos dessa fase da vida, tais como: orientação positiva à escola e à saúde, intolerância a comportamentos desviantes, relações positivas com adultos, amigos que apresentem um comportamento pró-social, realização de atividades de voluntariado e/ou com a família (Jessor, et al 1995; Linhares, Bordin & Carvalho, 2010).

Em resumo, características pessoais ou ambientais e as relações estabelecidas podem afetar a maneira como o adolescente lida com este momento de mudança e

readaptação, constituindo-se como fatores de risco ou de proteção nesse período do desenvolvimento. Crescer num contexto de pobreza, consumir substâncias psicoativas, sofrer atos com atos de violência, rupturas na família de origem, perdas de pessoas importantes, possuir rede de apoio social e afetiva fragilizada, portanto, são fatores de risco que podem prejudicar o desenvolvimento biopsicossocial do adolescente (McKoy, Meyer, McWey & Henderson, 2014; Bernardy & Oliveira, 2010). Sendo assim, indivíduos que apresentam frágeis possibilidades e expectativas positivas para superar desafios e obstáculos podem ter a sua condição de esperada vulnerabilidade agravada nessa fase da vida (Pesce, Assis, Santos & Oliveira, 2004).

Quando a situação de vulnerabilidade social e pessoal torna-se severa, ocasionando ameaças aos direitos ou violações que se expressam no âmbito familiar, são previstas em leis intervenções chamadas de medidas protetivas que estão previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Nos casos de direitos reconhecidos na lei forem ameaçados ou violados, é previsto em excepcionalmente o acolhimento em instituições.

O acolhimento institucional é uma medida provisória e excepcional utilizável como forma de transição para a reintegração familiar ou, se for o caso, para colocação de família substituta. Segundo as normas técnicas do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Brasil, 2009), os serviços de acolhimento devem possibilitar um atendimento inclusivo de qualidade, prevendo estratégias diferenciadas a demandas específicas, mediante acompanhamento de profissionais especializados. Além disso, esses serviços devem buscar articulações com política de saúde, educação, esporte, lazer e cultura. No entanto, sabe-se que a reintegração familiar nem sempre é um processo simples e rápido, em função de práticas parentais negativas, dificuldade em manter ou conseguir um emprego, acesso e cumprimento limitados de programas de tratamentos

para uso de substâncias psicoativas, habitação instável, dentre outros fatores a serem considerados (McKoy et. al., 2014).

Dessa forma, o que era para ser um acolhimento breve e provisório, prolonga-se no tempo, resultando na fragilização ou perda dos vínculos familiares. Ou seja, o acolhimento institucional torna-se, paradoxalmente, uma medida de proteção que pode funcionar como fator de risco para o desenvolvimento saudável do adolescente, como explicam Cavalcante, Silva e Magalhães (2010). Considerando as peculiaridades do desenvolvimento em instituições de acolhimento, pesquisas atuais têm sido realizadas com adolescentes que vivem nesses contextos, procurando entender quem são as crianças e os adolescentes que estão crescendo longe de casa e quais os fatores de risco que os levaram ao acolhimento. Contudo, o acolhimento institucional como medida de proteção para ameaça e violação de direitos, pode ensejar a exposição a novos ou outros fatores de risco, tais como alto índice de repetência (Siqueira, 2010), o uso de drogas (Bernardy & Oliveira) alto índice de reprovação e expulsão da escola (Abaid, 2013) e baixos escores de autoestima (Mihaela, 2014).

Estudos que investigaram fatores de risco e proteção na adolescência em diferentes contextos, inclusive em instituições de acolhimento aqui no Brasil, observando não apenas o contexto e as características pessoais dos adolescentes, mas também a variação dos fatores de risco e proteção em função do sexo dos participantes, sendo notado que, por exemplo, as adolescentes acolhidas institucionalmente estão mais exposta a violência intrafamiliar do que os adolescentes do sexo masculino (Braga & Dell'Aglio, 2012), as meninas tentam se matar mais vezes do que os meninos, embora eles consumam de fato o ato do suicídio (Braga & Dell'Aglio, 2013).

Segundo Vilhena (2009), esclareceu que todas as formas de violência contra o sexo feminino é facilitada em virtude do papel social esperado da mulher. A autora diz

que esse facilitador é reforçado pela cultura patriarcal e as relações de poder e dominação estabelecida nos contextos em que a mulher está inserida, mas especialmente no contexto familiar.

Mais recentemente em estudo sobre o mesmo tema, Antoni & Batista (2014) concordam que embora a este tipo de fatores de risco exponha crianças e adolescentes de ambos os sexos, em se tratando de pessoas do sexo feminino vivenciam este fator de risco com mais frequência, seja quando criança ou adolescente, seja na vida adulta. Tudo isso justificado na crença dos valores autoritários e na prática disciplinar de cunho punitiva, muitas vezes sofridas pelas figuras femininas das gerações anteriores à vítima. Segundo esses autores, a violência intrafamiliar, pode ser fator de risco para comportamentos antissociais, fuga do lar e reprodução das relações punitivas com sequelas emocionais, cognitivas e relacionais no indivíduo.

Se o sexo feminino pode estar mais expostos aos fatores de risco do contexto intrafamiliar, estudo que levaram em consideração o sexo dos participantes, mostraram que os adolescentes do sexo masculino estão mais expostos a fatores de risco extrafamiliares. No estudo de Braga e Dell’Aglia (2012), identificou-se que os adolescentes do sexo masculino apresentam maior exposição a fatores de risco que ocorrem no contexto extrafamiliar, como comunidade, escola e rua, por eles apresentarem com mais frequência comportamentos tidos como agressivos e externalizantes.

A exposição a diversos tipos de fatores de risco pode ser explicada pelo cenário de risco e vulnerabilidade em que os adolescentes se encontravam na comunidade em que vivem e, por vezes, na rua local de trabalho de alguns, e muito provavelmente com as relações de amizade, uma vez que pesquisas têm apontado que essas últimas têm sido um fator de risco para episódios como uso de drogas, por exemplo, como explicam Cardoso e Malbergier (2014).

Alves e Dell'Aglio (2015) também deram atenção ao sexo dos participantes, ao investigarem a relação entre apoio social e comportamentos de risco, considerando o apoio percebido na família, escola e dos amigos. Os resultados apontaram diferenças no sexo e idade, os adolescentes mais velhos se engajaram mais em comportamentos de risco e meninos envolveram-se mais em comportamento infracional e sexual de risco e as meninas em comportamento suicida. O maior envolvimento dos adolescentes em comportamentos de risco esteve associado ao apoio dos amigos, o que reafirma a influência do papel dos pares no desenvolvimento dos adolescentes, sendo decisivos no processo de engajamento a algum comportamento de risco, embora seja mediado pelo monitoramento dos pais. Desta forma, entende-se que os fatores de risco e proteção ao desenvolvimento dos adolescentes e o engajamento destes em comportamentos de risco podem estar relacionados ao grupo de pares e mais intimamente às relações de amizade.

Supõe-se, desta forma, que os adolescentes do sexo masculino e em situação de vulnerabilidade social, estão mais propensos a vivenciar a realidade do acolhimento institucional, como apontam dados nacionais do CONANDA (2004) e do relatório do Ministério Público (2013). Além disso, entende-se que o engajamento em comportamento de risco pode corresponder a uma estratégia durante a adolescência relacionada à tarefa desenvolvimento do processo de construção da identidade, somadas à práticas parentais inadequadas, exposição à violência nas comunidades em que vivem e envolvimento com pares que também apresentam comportamentos de risco (Komatsu & Bazon, 2015).

O grupo de pares e as relações de amizade como fator de risco e proteção

Como mostrado anteriormente, estudos sobre fatores de risco e proteção têm apontado que o grupo de pares e os amigos ganham destaque durante a adolescência (Mc

Mahon e Curtin, 2012). Segundo Tomé (2011), os adolescentes distanciam-se dos pais e começam a partilhar mais experiência com o grupo de pares, na medida em que passam mais tempo com os amigos devido à prática conjunta de atividades diárias como: ir para escola, saírem juntos em eventos sociais e terem mais liberdade de expressar com estes seus sentimentos. Por outro lado, o grupo de pares também é definido por alguns autores como um espaço de auto exploração, que oferece segurança e conforto aos adolescentes e lhes atribuem novos papéis e metas compatíveis com seu amadurecimento intelectual e emocional, sendo um referencial fundamental para o exercício da sociabilidade na adolescência (Romanelli, 2002). As experiências entre pares incluem contatos com pessoas desconhecidas, interações com sujeitos familiares e as relações de amizade, sendo estas últimas mais íntimas e estáveis (Freitas & Santos, 2013).

Segundo Harris (1999), a relação dos adolescentes com seus pares explica cerca de 40% das variações individuais nos traços de personalidade, sendo o restante compartilhado entre a família e pressões ambientais, ou seja, grande parte da influência da cultura dos adolescentes é feita por seus pares. A autora ressalta que os adolescentes se preocupam mais com o que os amigos pensam do que com a forma como os pais pensam, classificando essa mediação do grupo de pares no desenvolvimento como um processo de transmissão da cultura, em geral, mediada pela relação dos adolescentes com seus familiares. Uma concepção reafirmada por Myers (2014), o autor explica que crianças e adolescentes aprendem sua cultura (jogos, gostos, sotaques, dentre outros) a partir também da relação com os pares, sendo o uso de drogas mediado pelos pares como um exemplo de como essa influência pode se expressar.

Segundo McMahan e Curtin (2012), a adolescência é uma etapa importante no desenvolvimento de uma pessoa jovem e, de fato, as experiências que se têm durante este

tempo podem ter um efeito sobre a forma como se procede na vida adulta. Dessa maneira, o grupo de pares assume um significado particular quando o jovem entra na adolescência, e isso evidenciado pela influência e importância crescente dessa forma de contato para os adolescentes. Geralmente as relações de amizades são pensadas como modeladoras positivas do desenvolvimento social, emocional e cognitivo de crianças e adolescentes e de acordo com Shook, Vaughn, Litschge, Kolivoski e Schelbe (2009) quando estes sujeitos não possuem amigos são mais propensos a ser rejeitado por seus pares do que aqueles com amigos, além desses sujeitos se mostrarem mais autoconfiantes, cooperativos, altruístas e com mais facilidade para resolução de problemas do que aqueles sem a experiência desse tipo de relação social e afetiva.

No entanto, o processo de influência entre pares na adolescência não deve ser simplificado, uma vez que diversas características individuais e do próprio grupo podem agir como moderadores da mudança comportamental, além da influência de relacionamentos saudáveis ou não em outros contextos, como é caso das relações familiares (Malta, 2011; Tomé, 2011).

É consenso na literatura que o grupo de pares pode influenciar o adolescente ao ponto de levá-lo a manifestar uma multiplicidade de comportamento antissociais, pois as pressões diárias e a inserção em novas atividades são motivadoras para experimentação de comportamentos novos e, talvez, de risco. Essa tendência negativa pode ser consolidada pelo pouco controle parental, falta de fontes alternativas de comunicação e sustentação emocional (Cid-Monckton & Pedrão, 2011; Tomé, 2011; Neto, Fraga, & Ramos, 2012). Contudo, a presumida influência negativa do grupo de pares ao desenvolvimento do adolescente não muda o fato de que essa relação é um importante fator de proteção para o ajustamento social do mesmo (Garcia & Dettogni, 2010). É

importante notar que a ausência dessa relação se constitui como um fator de risco para problemas emocionais e comportamentais, uma vez que adolescentes que não têm envolvimento com seus pares e que se isolam socialmente podem assumir comportamentos de risco, além de sentirem-se infelizes e sozinhos (Lisboa, 2005).

De modo geral, a literatura (Souza & Hutz, 2007; Vaquera & Kao, 2009) indica que a reciprocidade nas relações do adolescente com o grupo de pares é fundamental para a criação de um ambiente propício ao desenvolvimento saudável e o bom desempenho escolar dos mesmos. Adolescentes que possuem relacionamentos com seus pares têm presumida contribuição para a formação da sua identidade e suporte social (Santana, Doninelli, Frosi & Koller, 2004). Segundo Myers (2014), as relações de amizade estão intimamente relacionadas à ideia de felicidade, pois alimentam a autoestima e o bem-estar, por ajudar a lidar melhor com uma variedade de eventos geradores de estresse como o luto, estupro, perda de emprego e doença.

Os amigos podem proporcionar segurança, afeto, desenvolvimento de habilidades sociais e podem auxiliar na regulação de comportamentos normativos, reconhecimento do valor de outrem através de seu próprio valor, maior controle de impulsos agressivos e internalização de valores morais, dentre outros (Lisboa, 2005; Poeiras, 2015). Desta forma, diz-se que a amizade pode funcionar como um fator de proteção no desenvolvimento do indivíduo, mas em particular do adolescente, uma vez que essas relações ganham destaque nessa fase da vida (Van Ryzin & Leve, 2012). Por outro lado, as relações de amizade também podem ter características que agem no sentido oposto, tais como maltrato entre pares, ciúme, conflito, submissão, desapego, além da influência para comportamentos de risco ou delinquentes que levam a crer que ela é um fator de risco (Lisboa, 2005; Van Ryzin & Leve, 2012; Tomé, 2011).

Uma das formas que se têm para avaliar o caráter predominantemente de risco ou proteção das relações de amizade é estudar a qualidade desse relacionamento específico (Bagci, Rutland, Kumashiro, Smith & Blumberg, 2014; Tomé et al. 2011). Entende-se que a qualidade da amizade compreende aspectos positivos da mesma (ajuda, abertura, confiança, apoio emocional, respeito, intimidade, dentre outras), e também algumas de suas possíveis características negativas, como o ciúme, crítica em público, coerção e submissão. Segundo Tomé (2011), amizades com mais características positivas podem potencializar o desenvolvimento do adolescente e funcionar como fator de proteção para a inserção dele em grupos desviantes, proporcionar um menor envolvimento em comportamento de *bullying*, uma maior sensação de satisfação com a vida e nível de bem-estar.

Em resumo, entende-se que durante a adolescência as relações de amizade, dependendo da qualidade das mesmas, potencializam a aprendizagem de comportamentos adequados ou inadequados (Poeiras, 2015) e, por isso, têm grande impacto no desenvolvimento em três áreas primordiais: 1) comportamento individual associado à relação de amigos: status do indivíduo entre o grupo, popularidade ou rejeição e, a sua relação com o tipo de interação que estabelece com os amigos, mecanismos de *coping* e resolução de problemas, competências sociais, entre outros; 2) características e modo de funcionamento do grupo: estrutura do grupo – na frequência, força, padrão e na base relacional que mantém o grupo coeso e com características únicas; 3) contexto no qual se insere as relações de amizade: diz respeito aos ambientes socioculturais que estão próximos ou distantes da formação do grupo de amigos (Salavessa, 2015).

Esta última área de impacto das relações de amizade no desenvolvimento humano tem sido retratada por estudos que investigaram a sua ação em ambientes de trabalho e nas amizade interculturais e interétnicas (Souza & Sediyaama, 2012). Especialmente no

caso das relações de amizade entre adolescentes, investigações têm sido realizadas na escola (Capelina, 2013) ou com adolescentes que vivem em situação de rua (Nogueira & Oliveira, 2004). Pouco se sabe sobre essas relações quando os parceiros não vivem com suas famílias, como é o caso daqueles que vivem em contextos institucionais, com ou sem privação de liberdade. A investigação dos vários aspectos que cercam essa forma de relacionamento social pode contribuir na compreensão de questões básicas do desenvolvimento humano, no entendimento de como eles são atraídos por seus pares, quem faz a mediação dessas relações, e se os elementos que permeiam suas interações e relacionamentos seriam de qualidade positiva ou negativa para o amadurecimento do adolescente.

Essas investigações são necessárias para a compreensão do modo como são estabelecidas relações de amizade em ambiente extrafamiliar e se elas estariam associadas à influência exercida por relações que os adolescentes estabeleceram em um período anterior à experiência da institucionalização, na convivência com sua família, ou mesmo outras formas de relações que envolvem os cuidadores/educadores que trabalham nessas instituições. Sabe-se que para adolescentes que vivem em família os amigos desempenham papéis importantes na determinação do curso do desenvolvimento e que o apoio social dado por esses relacionamentos pode ter um impacto importante sobre a saúde psicológica e ajuste social. No entanto, não se sabe se para adolescentes acolhidos institucionalmente, esse impacto seria tão profundo e importante quanto para os adolescentes que vivem com suas famílias (Mc Mahon e Curtin, 2012), sendo esta uma importante questão a ser investigada na atualidade.

Entre as poucas pesquisas sobre adolescentes afastados do convívio familiar que deram ênfase às relações de amizade nesse contexto específico, foi encontrado o estudo

realizado na Irlanda por McMahon e Curtin (2012) no qual se buscou conhecer a rede de apoio social e o impacto do acolhimento para a rede de apoio social. Participaram do estudo dois grupos de adolescentes, sendo que o primeiro era composto por aqueles que viviam em famílias acolhedoras e o segundo por outros que já tiveram em algum momento a experiência de acolhimento por essas famílias. Os pesquisadores utilizaram um método misto, composto por instrumentos qualitativo (entrevista) e quantitativo (escala). Os resultados mostraram que os adolescentes apontaram as famílias acolhedoras e os amigos como sendo importantes fontes tanto apoio prático e emocional, e fornecer os indivíduos fontes de informação e aconselhamento para os dois grupos de participantes da pesquisa. Embora o tipo de acolhimento seja diferente do institucional (acolhimento familiar), características como o afastamento da família de origem por um tempo prolongado em razão de situações de risco social e pessoal são parecidas. Pode-se com isso inferir que o apoio dos amigos também é importante para os adolescentes acolhidos em instituições.

Diante do exposto, deve-se considerar o contexto de desenvolvimento e características pessoais (sexo e idade, por exemplo), pois são fatores fundamentais para a tomada de decisões frente aos comportamentos de risco. Além do mais, entende-se que a exposição a fatores de risco e proteção pode ser mediada pelas relações de amizade, sendo esta associada de maneira positiva ou negativa ao engajamento do adolescente em comportamentos de risco. No caso dos adolescentes afastados do convívio familiar, essas relações não irão contar com o monitoramento parental, ou seja, os adolescentes em tese ficam mais expostos à influência de seus pares e esta pode ser positiva ou negativa, dependendo da qualidade do vínculo estabelecido por eles. Nesse sentido, esta dissertação buscou investigar os fatores de risco e de proteção associados às relações de amizade e a

percepção da qualidade desse tipo de relacionamento por adolescentes do contexto de acolhimento institucional.

CAPÍTULO II

Fatores de risco e proteção nas relações de amizades de adolescentes acolhidos institucionalmente.

Resumo

O objetivo deste estudo foi investigar a ocorrência de fatores de risco e de proteção entre adolescentes acolhidos institucionalmente, identificando a presença dos amigos em experimentação de risco. Trata-se de uma pesquisa de cunho descritivo e exploratório. O instrumento utilizado foi o Questionário Juventude Brasileira (QJB). Participaram 40 adolescentes acolhidos institucionalmente, 15 do sexo feminino e 25 do sexo masculino, com média de idade 15 anos ($M=15$). Análises estatísticas foram realizadas utilizando-se o teste Qui-Quadrado. Os resultados apontam que os adolescentes estiveram expostos a diversos fatores de risco, sendo estatisticamente associados ao sexo masculino as variáveis ser expulso da escola ($X^2=4,09$; $p=0,04$), acolhimento em instituições ($X^2= 5,87$; $p= 0,01$) e já trabalhou na rua ($X^2= 8,67$; $p= 0,003$). O sexo feminino esteve associado significativamente com a violência intrafamiliar na forma de agressão por meio de soco ou surra ($X^2= 4,73$; $p=0,02$). Nas situações que representavam risco e envolviam os amigos, observou-se diferença estatisticamente significativa nas variáveis: você amigos que usa drogas? ($X^2= 4,5$; $p= 0,03$), amigos que usam drogas lícitas ($X^2= 3,74$; $p= 0,05$) e amigos que usam drogas ilícitas ($X^2= 6,34$ e $p=0,01$). Nas situações que representavam proteção os adolescentes revelaram altas expectativas de ter amigos que lhe darão apoio (72,5%). Os achados deste estudo são congruentes com outros de pesquisas que investigaram a incidência e prevalência de fatores de risco entre adolescentes acolhidos, sendo notado que os participantes deram entrada na instituição por sua situação de vulnerabilidade social, com baixa escolaridade e com histórico de acolhimento institucional na infância. Os dados fatores de risco relacionados à amizade entre pares mostram que os amigos podem influenciar na experimentação de situações de risco como o uso de drogas, mas, ao mesmo tempo, essas relações são percebidas como fonte de apoio para o futuro desses adolescentes. Pode-se inferir, deste modo, que o grupo de pares e as relações de amizade entre os adolescentes apresentam a mesma relação paradoxal entre risco e proteção que outros contextos de desenvolvimento.

Palavras-chave: fatores de risco; fatores de proteção; amizade; adolescentes; acolhimento institucional.

Abstract

The objective of this study was to investigate the occurrence of risk and protective factors among adolescents in a situation of institutional care, further identifying the presence of friends in life events that may represent risk or protection in the development and to which they may be associated. It is a descriptive and exploratory research. The instrument used was the Questionário Juventude Brasileira (QJB) which has allowed nationally to study the occurrence of risk and protective factors in the development of adolescents enrolled in different contexts. They interviewed 40 adolescents in institutional care situation, 15 female and 25 male, mean age 15 years ($M = 15$). Statistical analyzes were performed using the chi-square test. The results show that adolescents were exposed to several risk factors, some of which were statistically associated with the male as being expelled from school ($X^2 = 4.09$; $p = 0.04$), institutional care ($X^2 = 5.87$; $p = 0.01$) and has worked on the street ($X^2 = 8.67$; $p = 0.003$). But the female was significantly associated with family violence in the form of aggression by punching or beating ($X^2 = 4.73$; $p = 0.02$). In situations representing risk and involved friends, there was a statistically significant difference in the variables: you friends who do drugs? ($X^2 = 4.5$; $p = 0.03$), friends who use legal drugs ($X^2 = 3.74$; $p = 0.05$) and friends who use illicit drugs ($X^2 = 6.34$ and $p = 0.01$). In situations representing protection and involved friends it was not found statistically significant association, although it is noted that adolescents have revealed high expectations of having friends who give you support (72.5%). Our findings are consistent with other studies that investigated the incidence and prevalence of risk and protective factors among welcomed adolescents, noted that the participants were received at the institution for its socially vulnerable, with low education and history institutional care in childhood. Data risk factors related to the friendship between peers show that friends can influence the trial of hazards such as drug use, but at the same time, these relations are perceived as a source of support for the future of these adolescents. It can be inferred therefore that the peer group and the friendly relations between adolescents have the same paradoxical relationship between risk and protection as other development environments such as family, school and the institutions themselves, which, however, particularities of this process a matter to be further investigated.

Keywords: risk factors; protective factors; friendship; adolescents; residential care.

1. Fatores de risco e de proteção na adolescência

Estudos têm discorrido sobre os fatores de risco, questões internalizantes e externalizantes, problemas emocionais e comportamentais na adolescência, assim como os fatores de proteção que balizam o processo de desenvolvimento nessa fase do desenvolvimento, discutindo sua presença e influência em diferentes contextos (Carvalho & Matos, 2014). Neles, a adolescência tem sido apresentada não apenas como um período de transição da infância para a vida adulta, mas como uma fase com características próprias.

O termo fator de risco tem sido associado à pesquisa sobre o desenvolvimento humano desde a década de 1980, com o intuito de identificar as adversidades capazes de influenciar a condição psicossocial de crianças e adolescentes, sendo antes este utilizado somente pela área biomédica, mas hoje também no campo social (Sapienza & Pedromônico, 2005). Segundo Yunes e Szymanski (2001), os fatores de risco são eventos negativos na trajetória de vida de um indivíduo que podem aumentar a probabilidade deste apresentar problemas emocionais, físicos ou sociais. É importante frisar que tais fatores aumentam a probabilidade de um fenômeno ocorrer, mas não são determinantes do mesmo, ou seja, os efeitos de um evento estressor variam conforme a condição de vulnerabilidade do indivíduo.

Segundo Sierra e Mesquita (2006), entre os fatores de risco relacionados aos adolescentes, podem-se destacar: 1) os riscos inerentes à dinâmica familiar (alcoolismo, violência doméstica, abusos sexuais, etc.); 2) os riscos referentes ao local de moradia; 3) os riscos colocados à saúde; e 4) os riscos associados aos próprios indivíduos, tais como, sua personalidade e comportamentos, que podem levá-los ao uso de drogas, práticas de atos ilícitos, comportamentos sexual de risco, dentre outros. Outros autores apontam que vários são os fatores relacionados aos comportamentos desviantes, antissociais ou

problemáticos dos adolescentes atribuindo-os à genética (Carvalho & Matos, 2014) ou à presença de variáveis sociais ou contextuais, como a pressão dos pares, a exemplo de amigos, colegas e conhecidos (Malta, et al., 2011; Strauch, Pinheiro, Silva & Horta, 2009), e eventos estressores (Poletto, Koller & Dell’Aglío, 2009).

Autores de diversas áreas têm se dedicado ao estudo de fatores de risco relacionados à saúde na adolescência, entre outros aqueles associados à obesidade, risco cardiovascular, hipertensão, transtornos mentais, dentre outros (Abbes, Lavrador, Escrivão, & Taddei, 2011; Fiorotti, Rossoni, Borges, & Miranda, 2010). Há preocupação em se estudar os fatores de risco associados à dinâmica familiar e ao próprio indivíduo, além das relações mantidas pelo adolescente com seus pares (Hallal, Gotlieb, Almeida & Casado, 2009; Matos, Carvalho, Costa, Gomes & Santos, 2010; Oliveira, Gama & Silva, 2010; Tomé, Camacho, Matos & Diniz, 2011).

Embora os estudos mencionados tratem dos fatores de risco relacionados a um aspecto ou outro da vida do adolescente, estes representam adversidades que não costumam se apresentar de forma independente, ou seja, envolvem questões políticas, socioeconômicas, culturais, familiares e biológicas. Ademais, os fatores de risco estão associados entre si e podem desencadear um desfecho negativo para o desenvolvimento do sujeito (Sapienza & Pedromônico, 2005). No caso das famílias de baixa renda, sabe-se que a pouca escolaridade, ausência ou fragilidade de uma rede de apoio social, autopercepção de uma qualidade de vida precária, quando associadas a outras variáveis, dificultam o acionamento de processos de resiliência (Dell’Aglío & Hutz, 2002), e, conseqüentemente, o enfrentamento das condições que levam à vulnerabilidade (Poletto & Koller, 2008).

Por fatores de proteção, entende-se aqueles mecanismos que podem neutralizar adversidades, vulnerabilidades e riscos ao desenvolvimento (Linhares, Bordin &

Carvalho, 2010). Logo, a moderação entre a existência de um determinado risco ou situações que oferecem qualquer forma de risco para o desenvolvimento, e ainda a atuação positiva sob a exposição aos riscos e o desenvolvimento biopsicossocial pode ser vista como um fator de proteção (Reppold, 2001; Paludo & Schirò, 2012). De acordo com Schenker & Minayo (2005), o termo proteção significa oferecer condições de desenvolvimento, amparo, crescimento e fortalecimento a uma pessoa. Os fatores protetivos reduzem o impacto do risco e exercem efeitos positivos na saúde mental do indivíduo, podendo operar como apoio, sendo exemplos já conhecidos as práticas educativas saudáveis, o bom funcionamento familiar, o vínculo afetivo, o apoio e monitoramento parental (Siqueira & Dell’Aglío, 2007).

Segundo Pinheiro (2004), os fatores protetivos relacionados à família e rede de apoio podem ser: expectativa de sucesso no futuro, autonomia, boa autoestima, qualidade das interações, pais amorosos e competentes, coesão familiar, ambiente tolerante aos conflitos, com oferta de limites definidos e realistas, além de demonstrações frequentes de reconhecimento e aceitação.

Alguns pesquisadores no Brasil têm se dedicado a investigar fatores de risco e de proteção entre os adolescentes que vivem nos mais diversos contextos de desenvolvimento, dentre eles a família, a escola, as unidades de atendimento em socioeducação e as instituições de acolhimento (Alves & Dell’Aglío, 2015; Braga & Dell’Aglío, 2012; Polleto, Koller & Dell’Aglío, 2009). A seguir, serão apresentados os estudos que apontaram aspectos da dinâmica familiar e de outros contextos de desenvolvimento em que se percebe a exposição do adolescente aos fatores de risco, ao mesmo tempo em que fatores de proteção agem e contrapõem seus efeitos nocivos ao desenvolvimento.

Fatores de risco e proteção em diferentes contextos de desenvolvimento: família e instituições de acolhimento

Em uma pesquisa com adolescentes no contexto escolar da rede pública de ensino de São Gonçalo no Rio de Janeiro, buscou-se averiguar a relação dos níveis de resiliência com eventos da vida desfavoráveis e fatores de proteção. Os dados permitiram verificar que os adolescentes com maiores níveis de resiliência eram aqueles que também tinham mais supervisão familiar passível de mensuração a partir da frequência com que os pais sabiam que eles saíam de casa e com quem estavam. Este fator de proteção estava combinado também à autoestima elevada, maior apoio social e afetivo, dentre outros (Pesce et al., 2004).

Com vista a apreender e a descrever a experiência de adolescentes quanto à exposição a fatores de risco e proteção, Silveira, Maruschi e Bazon (2012) realizaram um estudo qualitativo e entrevistaram 24 adolescentes no contexto escolar do interior de São Paulo. Eles foram divididos em dois grupos: o primeiro com boa adaptação social e outro com histórico de ato infracional. No que concerne aos fatores protetivos, os adolescentes com boa adaptação social fizeram 25 menções sobre viver em um ambiente coeso, resolução de conflitos sem uso da violência, supervisão, diálogos e castigos não corporais e mais 16 menções sobre fatores de risco envolvendo a família como, separação, desemprego, alcoolismo, entre outros. Em contrapartida, os adolescentes com histórico de cometimento de ato infracional, os fatores protetores da família foram mencionados apenas 14 vezes e os fatores de risco relacionados à família tiveram 26 menções.

Diante dos estudos apresentados, é interessante perceber que dependendo do status socioeconômico, frequência de conflitos familiares, reduzida comunicação, pouca reciprocidade, falta de intimidade e baixo nível de ligação emocional, a família pode ter um papel decisivo na externalização de comportamentos antissociais na adolescência

(Deković, Wissink & Meijer, 2004; Siqueira & Dell' Aglio, 2007). Por outro lado, em que pese à presença de situações adversas muitas vezes frequentes, o contexto familiar continua a ser a principal base de apoio e proteção na ocorrência de problemas escolares e de saúde na adolescência, e pode vir a se constituir em um fator imprescindível, por exemplo, para a qualidade das relações mantidas com o grupo de pares.

Nos casos em que a família não consegue desempenhar a função esperada de cuidado e proteção da criança e do adolescente e quando outros dispositivos sociais e educacionais não apresentam resultados no sentido de assisti-los em suas necessidades básicas e especiais, são tomadas medidas protetivas preconizada em lei, sendo prevista a sua permanência em uma instituição de acolhimento (abrigo institucional, casas-lares e similares). Entretanto, as instituições de acolhimento de crianças e adolescentes apresentam semelhante relação paradoxal entre risco e proteção que a família, podendo oferecer condições promotoras ou não do desenvolvimento, como explicam alguns autores (Álvares & Lobato, 2013; Cavalcante, Silva & Magalhães, 2010; Rosa, Santos, Melo & Souza, 2010).

Tal qual a família, a instituição que se destina ao acolhimento de crianças e adolescentes que tiveram seus direitos ameaçados e/ou violados pode ser reconhecida como um contexto abrangente de desenvolvimento, como descreveu Bronfenbrenner (1996). As instituições de acolhimento – remanescentes dos orfanatos, educandários e semelhantes – são responsáveis por zelar pela integridade física e emocional de crianças e adolescentes que tiveram seus direitos desatendidos ou violados, seja por uma situação de abandono social, seja pelo risco pessoal a que foram expostos pela negligência de seus responsáveis (Silva & Aquino, 2005).

A colocação de crianças e adolescentes em instituições, privadas de cuidado parental, tem sido ao longo da história uma estratégia muito comum para, dentre outras

razões, proteger as crianças de situações de risco no ambiente familiar em países da Europa Ocidental, Ásia e nas Américas Central e do Sul (Zeanah et al., 2003). Em estudos realizados no Brasil com adolescentes em situação de acolhimento institucional no século XX, verificou-se que o tempo prolongado de acolhimento, além do afastamento da família por muito tempo, configura-se como fatores de risco ao desenvolvimento do acolhido (Siqueira & Dell’Aglío, 2010; Siqueira, 2010). Observam-se novas práticas de cuidado que se entrelaçam com outras que foram instituídas ao longo da história das instituições, permanece, no entanto, o tipo de público atendido, crianças e adolescentes, em sua maioria, oriundos de famílias pobres e em situação de vulnerabilidade social.

Mais recentemente, vários aspectos da vida dos adolescentes ganharam destaque em estudos, tais como: vida escolar, iniciação sexual, comportamentos de risco, dentre outros. Em estudo com adolescentes acolhidos sobre os fatores de risco a que estão expostos, observou-se baixo desempenho escolar em relação aos adolescentes que não haviam sido acolhidos institucionalmente (Dell’Aglío & Hutz, 2004), precoce experimentação de drogas e alto índice de repetência (Siqueira, 2010), alto índice de reprovação e expulsão (Abaid, 2013). É importante ressaltar que não se deve culpabilizar exclusivamente a instituição de acolhimento como determinadora desses indicadores, nem se deve negligenciar o fato de que os adolescentes que se desenvolvem nesse contexto advêm de uma situação de vulnerabilidade desde a convivência com a família. No entanto, é possível perceber uma falha no papel protetor das próprias instituições de acolhimento e de outros contextos como a escola.

Quanto ao ajustamento psicossocial de adolescentes em situação de acolhimento institucional, Abaid (2013) encontrou os piores escores de ajustamento entre os adolescentes mais velhos e que estava a mais tempo acolhido. A autora enfatizou que não foram encontrados dados consistentes que pudessem indicar o tempo de permanência na

instituição como o fator causal do pior ajustamento, em contrapartida havia evidências de que os eventos estressores e a violência extrafamiliar foram os principais preditores do pior ajustamento psicossocial na população pesquisada.

Ainda na investigação de Abaid (2013), a violência extrafamiliar esteve correlacionada com baixos escores de autoestima dos adolescentes acolhidos. Esta última, por sua vez, tem apresentado baixas pontuações quando comparadas a adolescentes que não estiveram em contexto de acolhimento, como mostra o estudo de Mihaela (2014) com 70 adolescentes romenos divididos em dois grupos, sendo 35 que viviam com suas famílias e outros 35 que viviam em instituição de assistência. Nele, além da autoestima, foi avaliada a inibição e as várias dimensões dos testes utilizado. Ao final, observou-se que os adolescentes que cresceram privados do cuidado parental apresentaram pontuações mais baixas em todas as variáveis, o que inclui alto nível de inibição que os torna menos propensos a se colocarem em novas experiências com medo do fracasso e baixa autoestima, talvez em razão do sentimento de rejeição e poucos estímulos do ambiente físico e social em que estão inseridos.

Embora o ambiente físico e social da instituição possa expor o adolescente a fatores de risco, não se deve esquecer que o adolescente acolhido se desenvolve a partir das condições ecológicas oferecidas por esse contexto e que a exposição a fatores de risco e eventos estressores pode estar relacionada à precariedade com que a instituição se insere e mantém ligação com os sistemas ecológicos de apoio ao adolescente (Yunes, Miranda & Cuello, 2004). Desse modo, a frágil relação da instituição de acolhimento com a escola, centros de saúde, religiosos, de lazer, dentre outros, e mesmo a desproteção pela ausência ou precariedade de políticas públicas, pode não resultar na extinção do risco a que o adolescente já estava sendo exposto antes de ele ser acolhido institucionalmente.

Em oposição aos possíveis prejuízos colocados ao desenvolvimento dos adolescentes acolhidos, a literatura demonstra que algumas instituições conseguem cumprir o seu papel de cuidado e proteção desses sujeitos, ativando mecanismos de proteção que colaboram para a boa adaptação do adolescente, como é o caso do respeito ao princípio estatutário do não desmembramento de grupo de irmãos, que, como indicam estudo recente, contribui para o ajustamento psicossocial dos acolhidos (Abaid, 2013).

Em investigação sobre a instituição de acolhimento numa perspectiva ecológica, Siqueira (2006) deu atenção à rede de apoio e reinserção familiar dos adolescentes acolhidos. Segundo essa autora, a instituição de acolhimento passa a ser o principal contexto de desenvolvimento do adolescente, proporcionando novas relações de amizade e ampliando sua rede de apoio. Embora a adolescência seja uma etapa marcada pela relação e influência do grupo de pares, os resultados mostraram que os adolescentes mencionaram mais os adultos como sujeitos de sua rede de apoio social. Todavia, não se pode afirmar que os adolescentes que estão se desenvolvendo em contexto de acolhimento tenham algum problema de aceitação pelos pares, uma vez que são poucos os estudos que tratam das relações de amizade nesse contexto.

Fatores de risco e proteção no desenvolvimento de adolescentes acolhidos institucionalmente

A exposição a diversos fatores de risco e de proteção na adolescência nos diversos contextos de desenvolvimento, inclusive nas instituições de acolhimento, vem ensejando vários estudos no Brasil e, neles, tem sido largamente utilizado o Questionário da Juventude Brasileira (QJB), elaborado por Dell’Aglia, Koller, Cerqueira-Santos & Colaço (2011). Este instrumento permite ao pesquisador investigar diversas dimensões da vida do adolescente, dentre elas a sexualidade, eventos estressores, uso de drogas,

comportamento antissocial, violência intra e extra familiar, educação, saúde, condição socioeconômica, relações familiares, perspectiva de futuro, entre outros.

Seguindo a tendência de outros estudos que utilizaram o QJB, Zappe, Moura Jr, Dell'Aglio e Sarriera (2013) aplicaram o instrumento em diferentes contextos de desenvolvimento para realização de um estudo sobre as expectativas de futuro de adolescentes, o qual se configura como um poderoso fator de proteção para o desenvolvimento humano. Participaram do estudo 945 adolescentes de três contextos distintos, família (G1), instituições de acolhimento (G2) e em cumprimento de medida socioeducativa (G3). Os resultados mostraram que os adolescentes que viviam com suas famílias (G1), apresentaram escores mais altos na escala de expectativas para o futuro (M= 38,42), seguidos do grupo dos adolescentes acolhidos institucionalmente (M= 37,2), seguidos dos adolescentes que estavam em cumprimento de medida socioeducativa (G2) com média de 35,37. Os dois últimos grupos, além de apresentarem escore mais baixo em relação a esse fator de proteção, também foram expostos em sua trajetória de vida a muitos fatores de risco, tais como: violência intra e extra familiar, ter experimentado drogas, reprovação escolar, dentre outros.

Em pesquisa com adolescentes que cometeram ato infracional realizada por Nardi e Dell'Aglio (2012), buscou-se conhecer a percepção deles sobre ato infracional, medida socioeducativa e suas famílias, a partir estudo de caso com três adolescentes do sexo masculino. Os resultados apontaram que as práticas educativas parentais eram fator de risco para o desenvolvimento dos sujeitos entrevistados, assim como o grupo de pares, exposição às drogas, internação em instituição de acolhimento, vivência na rua, além da separação dos pais, entre outros. Esse estudo demonstra também que os adolescentes não

estavam expostos a um ou outro fator de risco, mas sim a vários deles associados entre si e poderiam estar desencadeando um desfecho negativo para o desenvolvimento em curso.

Com o objetivo de investigar a exposição à violência em adolescentes de diferentes contextos, Braga e Dell'Aglio (2012), aplicaram o QJB com três grupos: adolescentes que viviam com as famílias (G1), em instituições para cumprimento de medida socioeducativa (G2) e em instituição de acolhimento (G3). Os resultados apontaram diferenças quanto a exposição à violência entre os três grupos, o G3 foi o grupo que mais tinha sido exposto a situações de violência, seguido pelo G2 e G1. Além disso, quando realizada uma análise por sexo, foi observado que as meninas, especialmente aquelas em situação de acolhimento institucional, eram as mais expostas a violência intra e extra familiar. Os meninos do grupo em cumprimento de medida socioeducativa (G2) estiveram mais expostos à violência extrafamiliar. Esses dados corroboraram estudos que apontam que os adolescentes do sexo masculino estão mais expostos à violência extrafamiliar, já que apresentam com mais frequência comportamentos agressivos e externalizantes.

Também foram observadas diferenças com relação ao sexo dos participantes em estudo de Alves e Dell'Aglio (2015), sobre o engajamento de adolescentes em comportamentos de risco e a relação com o apoio social percebido. Utilizou-se nesse estudo o QJB e os resultados mostraram que o maior envolvimento de meninos em comportamento sexual de risco e comportamento infracional, no que se refere às meninas o comportamento suicida foi mais prevalente. Além disso, o apoio social dos amigos esteve associado com o envolvimento de risco, quanto maior o apoio dos amigos, maior o comportamento de risco. Já o apoio da família se correlacionou negativamente com consumo de substâncias, comportamento infracional, suicida, dentre outros.

Percebe-se essa tendência de investigações sobre fatores de risco no contexto institucional também no âmbito internacional, como é o caso de um estudo realizado no Canadá por Warburton, Warburton, Sweetman, e Hertzman (2011), que concluiu que são poucas as pesquisas que tomam como participantes adolescentes em acolhimento institucional e dão atenção aos efeitos negativos da institucionalização. Alguns estudos revisados pelos autores apontam que o adolescente do sexo masculino com histórico de acolhimento institucional provavelmente não concluirá o ensino médio ou o fará com atraso, podendo ser assistido com benefício social na maioridade e ainda terá mais chance de ser encarcerado na adultez do que aquele que não teve essa experiência na vida.

De modo geral, a literatura mostra que o desenvolvimento do adolescente é influenciado pelas características pessoais (idade, sexo, dentre outros), pelo contexto em que ele está inserido e dinâmica das relações nele estabelecidas (Lisboa, 2005). Esta última merece especial atenção durante a adolescência, pois os grupos de pares e as relações diádicas, sobretudo as relações de amizade, ganham mais proeminência em contextos nos quais os sujeitos envolvidos estão em busca de aceitação, intimidade e lealdade (Capelinha, 2013).

O grupo de pares e as relações de amizade como fatores de risco ou de proteção para o desenvolvimento do adolescente em diferentes contextos

Sierra e Mesquita (2006) ressaltam a prevalência do risco ou proteção de adolescentes para além do ambiente físico e o status socioeconômico em que vivem, mas também em função da qualidade da interação mantida com outras pessoas. Estudos (Garcia, 2005; Tomé, 2011) apontam que as interações estão presentes ao longo do desenvolvimento do indivíduo, diferenciando-se, contudo, na forma como influenciam seus comportamentos na infância e na adolescência. A importância da amizade que já existente desde a infância ganha mais intimidade e identidade entre os pares durante a

adolescência (McMahon & Curtin, 2012). Nos anos iniciais, as crianças são mais dependentes dos pais, já na adolescência os pares passam a ter um papel essencial, pois apresentam similitude, intimidade, partilha e apoio importantes para o crescimento emocional e autonomia dos adolescentes (Tomé et al., 2011; Viana, 2001).

Na adolescência, mais do que nos anos iniciais do desenvolvimento, as relações com e entre os pares constituem-se importantes dimensões do contexto de desenvolvimento do indivíduo. Nesta fase da vida, o grupo de pares assume influência cada vez mais acentuada sobre o rumo que poderá tomar o desenvolvimento em curso (Harris, 1999), potencializando a aprendizagem de comportamentos socialmente aceitos ou não (Poeiras, 2015).

O grupo de pares é definido como um espaço de auto exploração que oferece segurança e conforto aos adolescentes e lhes atribui novos papéis e metas, sendo um referencial fundamental para o exercício da sociabilidade na adolescência (Romanelli, 2002). Contudo, sabe-se que o grupo de pares também influencia o adolescente no engajamento a comportamentos de risco, pois as pressões diárias e a inserção em novas atividades são motivadoras para experimentação de comportamentos novos (Alves & Dell’Aglío, 2015; Cid-Monckton & Pedrão, 2011; Neto, Fraga, & Ramos, 2012). As experiências entre pares incluem contatos com pessoas desconhecidas, interações com sujeitos familiares e as relações de amizade, sendo estas últimas mais íntimas e estáveis (Freitas & Santos, 2013).

É esperado que o grupo de pares influencie o adolescente pela linguagem, vestimenta, noções atribuídas e compartilhadas por outros membros acerca do que é justo, levando-o a desaprovam o que os outros desaprovam (Viana, 2001). Por essa característica, as relações de amizade têm sido apontadas como as trocas sociais que

servem como fio condutor para compreender a adolescência, uma vez que ganham muito destaque nessa etapa da vida, sofrendo variações conforme classe social, idade, grupo étnico, escolaridade, religião e, especialmente o gênero, dentre outras (Oliosí, Assunção & Santana, 2009). Em estudo sobre a importância da amizade para adolescentes, Shook, et al., (2009) indicam que adolescentes com amigos se mostram mais autoconfiantes, cooperativos, altruístas e com mais facilidade para resolução de problemas do que aqueles sem amigos. Por seu turno, as relações de amizade estão relacionadas à ideia de felicidade (Myers, 2014), segurança, afeto, desenvolvimento de habilidades sociais e podem auxiliar na regulação de comportamentos normativos, maior controle de impulsos agressivos e internalização de valores morais, dentre outros (Lisboa, 2005; Poeiras, 2015). Por esses motivos, as relações de amizade podem funcionar como um fator de proteção no desenvolvimento do indivíduo (Van Ryzin & Leve, 2012).

Embora o grupo de pares e as relações que o constituem sejam considerados tanto fatores de risco quanto de proteção para o desenvolvimento saudável do indivíduo em qualquer fase da vida, observa-se que investigações têm dado proeminência aos comportamentos de risco dos adolescentes como que moldados por seus pares (Jensen-Campbell et al., 2002; Vaquera & Kao, 2009). A influência do grupo de pares na adolescência tem despertado o interesse de pesquisadores no âmbito nacional e internacional. Alguns deles escolheram como objeto de estudo a influência ou a mediação da relação com pares no comportamento do adolescente, o que inclui uso de drogas, comportamento sexual de risco, comportamentos antissociais, gravidez na adolescência, dentre outros.

Um estudo realizado com 2.499 adolescentes portugueses investigou a prevalência do consumo de drogas ilícitas entre os participantes e quais os motivos que os levaram a experimentar a droga (Neto, Fraga, & Ramos, 2012). Os resultados apontaram que 14,6%

dos adolescentes já tinham experimentado alguma droga, sendo a mais a experimentada a *cannabis* (maconha). Em 70% dos casos a curiosidade destacou-se como a razão pela qual eles usaram a droga, tendo sido os amigos citados como o meio a partir do qual mais frequentemente os adolescentes tiveram acesso à maconha.

Em relação à influência dos amigos no consumo de droga entre adolescentes Cardoso e Malbergier (2014) realizaram estudo envolvendo 965 adolescentes escolares do estado de São Paulo. Na avaliação, observou-se que o risco de ser usuário de álcool, tabaco e drogas ilícitas aumentava quando os amigos eram mais velhos, usavam drogas, tinham problemas com a lei, levavam drogas para as festas e eram amizades rejeitadas pelos pais dos adolescentes.

No sudeste asiático, no Camboja, foi realizado estudo semelhante com o objetivo de identificar a atuação dos fatores de risco e proteção para outro importante comportamento de risco na adolescência. De modo particular, os fatores que podem levar ao comportamento sexual de risco foram considerados em diferentes domínios (indivíduo, família, escola, comunidade e grupo de pares). Os autores (Yi et al., 2010) procuraram avaliar o quanto o chamado comportamento sexual de risco (iniciação sexual precoce e sexo desprotegido) estava associado à presença de fatores de risco (depressão, uso de drogas, violência doméstica, delinquência entre os pares) e fatores de proteção (apoio da família, presença do adolescente durante as refeições). Foram entrevistados 1048 adolescentes, dentre eles 52,6% não utilizaram preservativo na última relação sexual e 34,6% relataram ter dois ou mais parceiros no mesmo período. Nesse contexto, os resultados mostraram que a probabilidade de ocorrer um comportamento sexual de risco estava associada significativamente ao sexo masculino, uma vez que os adolescentes usavam substâncias psicoativas e participavam de grupos de pares ditos desviantes. Entre os participantes do sexo feminino, o comportamento sexual de risco

esteve associado com maior utilização de substâncias psicoativas, testemunho de violência na comunidade e menores níveis de apoio familiar, mas sem associação significativa com o grupo de pares.

Em Pittsburgh, nos Estados Unidos, pesquisadores (Sitnick, Brennan, Forbes, & Shaw, 2014) investigaram o comportamento sexual de risco de adolescentes do sexo masculino por meio de estudo longitudinal com diversos instrumentos que mediram depressão, monitoramento parental, problemas externalizantes, filiação a pares desviantes, dentre outros. Participaram 310 adolescentes em situação de risco, com baixo nível socioeconômico. Os autores consideraram que o comportamento sexual geralmente é estudado durante a adolescência e que pouco se sabe sobre os fatores preditores desse comportamento. Nesse sentido, buscou-se compreender sua presença na infância e partir daí a sua presença em outros momentos da vida. Os resultados apontaram que adolescentes que se filiaram a pares desviantes no início da adolescência apresentam comportamento sexual de risco com mais idade, como por exemplo, a recusa em utilizar preservativo nas relações sexuais e gravidez precoce.

Ao contrário do que apontaram outros estudos (Tomé et al., 2011), o baixo monitoramento dos pais não foi positivamente relacionado por Sitnick, Brennan, Forbes, & Shaw (2014) à inserção dos adolescentes em grupos com pares desviantes. Ou seja, nessa amostra, o monitoramento não funcionou como fator de proteção aos comportamentos sexuais de risco, ainda que, de modo geral, este venha sendo explicado pela combinação de diversos elementos, tais como, monitoramento parental reduzido, depressão materna, pouca afetividade dos pais, inserção do adolescente em grupo com pares desviantes e características pessoais na infância. Os autores concluíram que entre os fatores de risco pesquisados estes foram os estiveram associados à presença de comportamentos sexuais de risco na adolescência.

Embora a literatura internacional mostre os fatores de risco e proteção dos grupos de pares relacionados à vida do adolescente, os estudos nacionais levantados pouco têm observado sobre essa influência. Diante do exposto, percebe-se que o grupo de pares é capaz de expor o adolescente a situações de risco, mas também consegue influenciar no comportamento responsável, contribuindo para a formação da sua identidade e lhe oferecendo suporte social (Santana, Doninelli, Frosi & Koller, 2004). Esta influência, contudo, sofre alteração de acordo com o gênero e o ambiente físico e social em que os adolescentes estão se desenvolvendo, sendo interessante investigar a sua associação com variáveis como sexo e outras relativas ao contexto de desenvolvimento.

Deste modo, pretende-se dar evidência aos fatores de risco e proteção aos quais os adolescentes acolhidos institucionalmente na Região Metropolitana de Belém estão expostos e conferir especial atenção à presença dos amigos em determinados eventos de vida que podem ser caracterizados como situação ou experimentação de risco.

Método

Participantes

A amostra foi composta por 40 adolescentes em situação de acolhimento institucional na Região Metropolitana de Belém, sendo 15 do sexo feminino e 25 do sexo masculino, com idades entre 12 e 14 anos (28,94%) e 15 e 18 anos incompletos (71,06%). A maioria dos participantes cursava o ensino fundamental (94,73%), apenas dois deles (5,27%) estavam cursando o ensino médio.

Foram convidados a participar da pesquisa os adolescentes que estivessem acolhidos em um total de cinco instituições que faziam parte de uma lista elaborada pelo Ministério Público do Estado do Pará. Para seleção dos participantes considerou-se os seguintes critérios de inclusão: adolescentes que soubessem ler e escrever, tais como

surdez e mudez, por dificultarem a comunicação com o pesquisador e aqueles que aceitassem participar da pesquisa e assinam o Termo de Assentimento. Foram excluídos os adolescentes que tivessem transtorno cognitivo severo ou deficiência que dificultasse a compreensão do questionário.

Contexto da Pesquisa

A pesquisa foi realizada com adolescentes residentes em cinco instituições de acolhimento localizadas na Região Metropolitana de Belém, que é formada pelos municípios de Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides, Santa Barbara do Pará e Santa Isabel do Pará. Entre aquelas que prestam esse tipo de serviço socioassistencial, três são instituições governamentais e duas não-governamentais. Apenas duas instituições, uma governamental e outra não-governamental atendiam adolescentes do sexo feminino e masculino juntamente com crianças. As três instituições restantes atendem por faixa etária, ou seja, apenas adolescentes.

Instrumentos

Foi utilizado um questionário elaborado por Dell’Aglío, Koller, Cerqueira-Santos, & Colaço (2011) para o Estudo Nacional sobre Fatores de Risco e Proteção da Juventude Brasileira, mas que depois também foi aplicado durante a “Pesquisa Nacional Juventude Brasileira: Comportamentos de risco, fatores de risco e proteção”. O objetivo do Questionário Juventude Brasileira (QJB) é investigar fatores de risco e proteção em adolescentes, abordando aspectos relacionados à educação, saúde, trabalho; comportamentos de risco (drogas, suicídio, sexualidade, violência); fatores de risco (violência intrafamiliar e na comunidade, exposição a drogas e doenças, deficiência, discriminação, acolhimento, vida na rua, conflito com a lei, empobrecimento e perda na família) e fatores protetivos pessoais e sociais.

Originalmente, o QJB é composto por 77 questões, porém, nesta pesquisa, utilizou-se uma versão reduzida do instrumento com 55 questões selecionadas em formato de escala likert, múltipla escolha e dicotômicas. Essa adaptação foi verificada em outros estudos já realizados em razão das dificuldades relatadas por adolescentes institucionalizados ao terem que preencher o instrumento na sua versão original (Zappe, Moura Jr, Dell’Aglia & Sarriera, 2013). No presente estudo, foram analisadas as questões referentes às variáveis características pessoais (sexo, idade, escolaridade) e outras que representam fatores de risco (reprovação e expulsão escolar), violência intrafamiliar (agressão com objeto, ameaça ou humilhação e abuso sexual), uso de drogas lícitas e ilícitas, ter amigo que usa drogas, presença de eventos estressores ao longo da vida, tais como ter sido acolhido em instituição e fatores de proteção representados pela escala de expectativas de futuro.

Procedimentos

Considerações éticas

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética do Instituto de Ciências da Saúde (ICS) da Universidade Federal do Pará e aprovado sob parecer número 1.081.697. Posteriormente foi realizado o contato com as secretarias municipais de assistência social para obtenção da autorização para pesquisa e aquelas que não eram governamentais, a autorização foi expedida diretamente nas instituições que fizeram parte do estudo e eram responsáveis pelos adolescentes durante a coleta. Foi necessária a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelo coordenador das instituições, uma vez que os adolescentes estavam sob a guarda da instituição. Além disso, todos os adolescentes assinaram o Termo de Assentimento (TA).

Antecedendo a coleta era realizada reunião com coordenadores das instituições de acolhimento consideradas como ambientes da pesquisa para explicar os objetivos do

projeto e os possíveis participantes. Com aprovação da pesquisa pela instituição, iniciava-se o período de habituação da pesquisadora nas instituições, o que propiciou conhecimento do ambiente institucional, facilitando a abordagem dos adolescentes e o convite para que os acolhidos respondessem ao QJB.

Procedimento de coleta de dados

Após o momento de inserção na instituição, os adolescentes eram abordados nos momentos em que estivessem sem atividades promovidas pela instituição e só então serão convidados a participar da pesquisa. Após a explicação dos objetivos da pesquisa, os que aceitavam participar assinavam o termo de assentimento. O instrumento da pesquisa foi administrado individualmente, em geral nos espaços destinados à recreação ou nos refeitórios das instituições.

Procedimento de análise

Os dados coletados foram armazenados em planilhas eletrônicas. Para análises realizadas neste estudo foram consideradas questões referentes aos dados sociodemográficos, fatores de risco e proteção, e, nestas últimas, serão destacadas as que investigam a presença dos amigos em situações como experimentação/interrupção no uso de drogas, iniciação sexual, uso de preservativos, informações sobre sexo e planos para o futuro. Foi utilizada estatística descritiva para apontar as características dos sociodemográficas dos adolescentes e os fatores de risco e proteção presente nos dois grupos. Em seguida, realizou-se teste estatístico como o Qui-Quadrado para identificar algum nível de associação dos fatores de risco e de proteção com a variável sexo.

Resultados

Fatores de risco para o desenvolvimento dos adolescentes

Inicialmente verificou-se a frequência da exposição dos adolescentes aos fatores de risco para o desenvolvimento, a análise foi realizada conforme o sexo dos participantes para que fosse possível verificar se essa variável apresentava associação com a ocorrência dos fatores de risco pesquisados segundo relatado pelos adolescentes, por meio da aplicação do Teste Qui-Quadrado. Foram considerados fatores de risco para o desenvolvimento dos adolescentes as variáveis problemas escolares, violência intrafamiliar, acolhimento institucional e cumprimento de medida socioeducativa com ou sem privação de liberdade, fuga do lar, tentativa de suicídio dentre outras. A Tabela 1 apresenta os fatores de risco aos quais os adolescentes da amostra pesquisada estavam mais e expostos:

Tabela 1.

Fatores de risco entre adolescentes que vivem em acolhimento institucional na RMB

Fatores de risco		Sexo		Total	Teste Qui-quadrado	P-valor
		Masculino	Feminino			
Você já foi reprovado?	Não	36,0	40,0	37,5	0,007	0,93
	Sim	64,0	60,0	62,5		
Você já foi expulso de alguma escola?	Não	60,0	93,3	72,5	4,09	0,04*
	Sim	40,0	6,7	27,5		
Já sofreu ameaça ou humilhação?	Não	68,0	40,0	57,5	1,96	0,16
	Sim	22,0	60,0	42,5		
Já levou soco ou surra?	Não	60,0	20,0	45,0	4,73	0,02*
	Sim	40,0	80,0	55,0		
Já sofreu agressão com objeto?	Não	60,0	40,0	52,5	0,81	0,36
	Sim	40,0	60,0	47,5		
Mexeu no seu corpo contra a sua vontade?	Não	96,0	73,3	87,5	2,49	0,11
	Sim	4,0	26,7	12,5		
Relação Sexual Forçada?	Não	96,0	73,3	87,5	2,49	0,11

	Sim	4,0	26,7	12,5		
Já estive internado em instituição (abrigo, orfanato)	Não	8,0	46,7	22,5	5,87	0,01*
	Sim	92,0	53,3	77,5		
Já fugi de casa	Não	32,0	40,0	35,0	0,02	0,86
	Sim	68,8	60,0	65,0		
Já morei na rua	Não	68,0	66,7	67,5	0,06	0,79
	Sim	32,0	33,3	32,5		
Já dormi na rua	Não	40,0	53,3	45,0	0,24	0,62
	Sim	60,0	46,7	55,0		
Já trabalhei na rua	Não	44,0	93,3	62,5	8,67	0,003*
	Sim	56,0	6,7	37,5		
Já cumpri medida socioeducativa sem privação de liberdade	Não	68,0	86,7	75,0	0,92	0,33
	Sim	32,0	13,3	25,0		
Já estive privado de liberdade (instituição fechada)	Não	52,0	80,0	62,5	2,12	0,14
	Sim	48,0	20,0	37,5		
Já fui levado para o Conselho Tutelar	Não	28,0	20,0	25,0	0,03	0,85
	Sim	72,0	80,0	75,0		
Já tive problemas com a justiça	Não	72,0	80,0	77,5	0,48	0,48
	Sim	28,0	20,0	22,5		
Já tive problemas com a polícia	Não	68,0	86,7	75,0	0,92	0,33
	Sim	32,0	13,3	25,0		
Você já tentou se matar?	Não	72,0	60,0	67,5	0,18	0,66
	Sim	28,0	40,0	32,5		

* Foi encontrada associação significativa entre as variáveis de fatores de risco e o sexo dos participantes

Conforme mostra a Tabela 1, ser adolescente do sexo masculino esteve significativamente associado às seguintes variáveis: ter sido expulso de alguma escola ($p=0,04$), ter sido acolhido institucionalmente ($p=0,01$) e ter trabalhado na rua ($p=0,003$). Com relação ao sexo feminino, notou-se que as adolescentes estiveram mais expostas a fatores de risco relacionados à violência intrafamiliar do que os meninos, tanto em relação à frequência da exposição ao fator, quanto pela associação estatística apresentada. A única variável associada estatisticamente ao sexo feminino fazia referência a adolescente ter sido agredida por soco ou surra ($p=0,02$). A Tabela 1 mostra que os fatores de risco relacionados à violência intrafamiliar, atingiram com mais frequência as adolescentes da amostra. Adolescentes do sexo feminino estiveram mais expostas à ameaça ou humilhação (60%), soco ou surra (80%), agressão com objeto (60%) do que os

adolescentes do sexo masculino. Apesar de apresentar uma frequência menor, fatores de risco relacionados à violência sexual como ‘mexer no seu corpo contra a sua vontade’ e ‘relação sexual forçada’, também tiveram predominância no sexo feminino.

A associação entre fatores de risco e o sexo dos participantes também mostrou que as adolescentes foram atendidas de forma mais frequente pelo Conselho Tutelar (80%) do que os adolescentes do sexo masculino (72%), em contrapartida, eles estiveram privados de liberdade (48%), relataram mais problemas com a polícia (32%) e com a justiça (28%) e também apresentaram mais experiência de rua (60%). Outro dado que merece ser comparado reportar-se às tentativas de suicídio: observou-se que as meninas já tiveram mais vezes ideação suicida (40%) do que os meninos (28%).

Tabela 2.

Fatores de risco nas relações de amizades de adolescentes em situação de acolhimento institucional na RMB

Fatores de risco nas relações de amizade	Sexo (f=%)			Teste Qui-quadrado	P-valor	
	Masculino	Feminino	Total			
Você tem amigo que usa drogas...	Não	16,0	53,3	30,0	4,5	0,03
	Sim	84,0	46,7	70,0		
Drogas Lícitas	Não	14,0	60,0	37,5	3,74	0,05
	Sim	76,0	40,0	62,5		
Drogas Ilícitas	Não	16,0	60,0	32,5	6,34	0,01
	Sim	84,0	40,0	67,5		
Consome drogas quando está com amigos	Não	56,0	66,7	60,0	0,11	0,73
	Sim	44,0	33,3	40,0		

* Foi encontrada associação significativa entre as variáveis de fatores de risco e o sexo dos participantes, considerando o nível de significância de $p \leq 0,05$

Dentre as variáveis consideradas como fator de risco ao desenvolvimento do adolescente e que está relacionada com a presença dos amigos, o uso de drogas ganha

destaque, pois quando analisadas as respostas dos participantes deste estudo, chama atenção a alta frequência de adolescentes que possuem pelo menos algum amigo que faça uso de drogas. No caso do sexo masculino, 84% dos adolescentes possuem algum amigo que consome drogas lícitas ou ilícitas, sendo encontrada associação significativa entre essas variáveis. Além disso, 40% dos adolescentes relataram usar drogas quando estão na companhia de seu amigo.

Tabela 3.

Fatores de proteção nas relações de amizade de adolescentes em situação de acolhimento institucional na RMB

Fatores de proteção	Sexo		f (%)	
	Masculino (n=25)	Feminino (n=15)		
Quais as chances de ter amigos que me darão apoio?	Muito Baixas	0	1	2,5%
	Baixas	0	1	2,5%
	Cerca de 50%	1	2	7,5%
	Altas	6	0	15%
	Muito Altas	18	11	72,5%

Observa-se na Tabela 3 que 72,5% dos adolescentes têm expectativas “Muito Altas” de terem amigos que lhe darão apoio. Quando somado esse percentual ao da categoria “Altas”, verificou-se que 87,5% dos adolescentes entrevistados consideram que terão amigos que lhe darão apoio no futuro.

Discussão

De modo geral, os resultados deste estudo que merecem a devida atenção estão relacionados à confirmação de vários fatores de risco no desenvolvimento de

adolescentes, em acolhimento institucional, seja do sexo masculino ou feminino, e ainda sugerem a influência dos amigos em experiências como o uso de drogas e a expectativa compartilhada por vários deles de ter amigos que lhe darão apoio no futuro.

Particularmente no caso de adolescentes do sexo masculino que estão em situação de vulnerabilidade social e acolhimento institucionalmente, estudos mostram ser comum a presença de fatores de risco tais como interação com grupo de pares desviantes (Neto, Fraga & Ramos, 2012; Alves & Dell’Aglío, 2015), vivência na rua (Nardi & Dell’Aglío, 2012), exposição a situações de violência (Braga & Dell’Aglío, 2012; McKoy et al., 2010), pertencer a famílias de baixa renda (McKoy et al., 2010; Poletto & Koller, 2008). No presente estudo, estas variáveis estiveram presentes na caracterização da amostra de adolescentes em situação de vulnerabilidade social pesquisada e, por essa razão, supõe-se, podem ter desencadeado fatores de risco observados nesta amostra.

Uma hipótese que contribui para explicar esse resultado diz respeito ao fato de que o adolescente vê a necessidade de assumir uma postura de adulto, almeja sua autonomia, busca modelos diferentes dos que possui em casa, o que pode levar à exposição aos fatores de risco supracitados (Minayo & Schenker, 2005; Yunes & Szymanski, 2006). Além disso, deve-se lembrar que são adolescentes em situação de vulnerabilidade que às vezes se veem obrigados a buscar alternativa de trabalho nas ruas, e estando nessa condição, tornam-se mais vulneráveis à multiplicidade de fatores de risco que caracteriza esse contexto específico.

Neste estudo, o sexo feminino esteve associado ao histórico de violência intrafamiliar por meio do relato de experiências pessoais de agressão como soco ou surra. Estudos mostram que são vários os fatores de risco associados ao gênero feminino, sendo a violência intrafamiliar um deles, que varia desde ameaças e humilhações, até a

violência física e a violência sexual, como discutem Sierra e Mesquita (2006). Vieira et al. (2008), destacam alguns fatores que podem estar associados à violência doméstica contra o sexo feminino, como é o caso da amostra aqui estudada, dentre eles estão: baixa escolaridade, o uso de drogas, a situação de vulnerabilidade social e pobreza, além das relações familiares com pouco afeto e diálogo. Vale ressaltar que esses dados corroboram outros estudos da literatura, inclusive que utilizaram o QJB e verificaram a presença de violência intrafamiliar entre crianças e adolescentes que estão acolhidos institucionalmente, sendo este inclusive um dos principais motivos do acolhimento desses sujeitos em instituição (Braga & Dell’Aglio, 2012; Zappe, Moura Jr, Dell’Aglio & Sarriera, 2013).

Como visto, as variáveis de fatores de risco estão repetidas vezes existentes entre os participantes da amostra selecionada e quando aplicado o Teste Qui-Quadrado foi confirmada associação significativa entre alguns fatores de risco e o sexo dos participantes. Diante desta exposição a diversos tipos de fatores de risco, é possível que eles estejam relacionados ao cenário de risco e vulnerabilidade em que os adolescentes se encontravam no ambiente familiar e, por vezes, na rua local de trabalho de alguns, e muito provavelmente com as relações de amizade, uma vez que pesquisas têm apontado que essas últimas têm sido um fator de risco para episódios como uso de drogas Cardoso e Malbergier (2014) e cometimento de ato infracional (Nardi & Dell’Aglio, 2012).

Vale ressaltar que este grupo apresenta uma frequência alta e significativa de adolescentes que já foram acolhidos institucionalmente em algum momento da vida, o que é muito preocupante, uma vez que esse é um evento estressor que pode inclusive estar associado à sintomatologia depressiva (Álvares & Lobato, 2013). Além disso, diversos estudos apontam que os adolescentes acolhidos institucionalmente geralmente

estão expostos a uma série de fatores de risco, tais como: gravidez na adolescência, uso de drogas (Bernardy & Oliveira, 2010), alto índice de repetência (Siqueira, 2010), alto índice de reprovação e expulsão (Abaid, 2013) e baixos escores de autoestima (Mihaela, 2014).

Sabe-se que alguns fatores de risco possuem características peculiares à adolescência como o uso de drogas e comportamento sexual de risco e que isso pode estar diretamente relacionado à influência dos amigos (Jessor, et al., 1995). No entanto, na amostra pesquisada, percebe-se que a exposição a diversos fatores de risco e o estímulo influente dos amigos estão associados estatisticamente geralmente ao sexo masculino e não ao sexo feminino. Esse dado corrobora estudo de Nardi & Dell’Aglia (2014) em que foi verificado que adolescentes que consomem substâncias psicoativas estão em idade média de 16 anos, são do sexo masculino e são reincidentes dos espaços de acolhimento institucional. Pode-se dizer que existem evidências de que a relação de amizade dos adolescentes (especialmente sexo masculino) pode estar funcionando como fator de risco para a ocorrência de comportamentos antissociais como o uso de drogas, corroborados ainda pela associação negativa da variável já tentou parar de usar drogas com ajuda de um amigo. Todavia, é importante considerar variáveis como o contexto de desenvolvimento e também as características individuais do adolescente. Embora se saiba que pertencer ao sexo masculino aumenta a predisposição para atitudes violentas e uso de drogas (Vieira et al., 2008). Entende-se que o acolhimento institucional de adolescentes que fazem uso de drogas é marcado por fugas da instituição e dificuldade de articulação da rede para tratamento do problema, o que pode facilitar o acesso e a disponibilidade da droga em outros contextos como a rua, por exemplo.

Quanto à alta frequência da expectativa de ter amigos que darão apoio no futuro, é um dado importantíssimo, embora não se possa afirmar que o apoio dos amigos esteja sempre relacionado a situações protetivas, uma vez que pode influenciar o adolescente a se engajar em comportamentos de risco, de acordo com Alves & Dell’Aglia (2015). No entanto, considerando que os adolescentes estão expostos a diversos fatores de risco que são nocivos ao desenvolvimento, tais como: como o uso de drogas, várias formas de violência, trabalho infanto-juvenil, expulsão de escolas, e principalmente afastados do convívio familiar, não se pode negar a importância dos amigos no presente e no futuro. Neste contexto de desenvolvimento em específico, a falta de monitoramento dos pais e o cuidado impessoal podem estar relacionados ao envolvimento dos adolescentes em comportamentos e situações de risco. Desta maneira, seria fundamental que as relações de amizade pudessem fornecer de alguma forma um suporte para enfrentamento de situações adversas dentro e fora das instituições.

Diante disso, vale contextualizar o desenvolvimento do indivíduo a partir da análise dos fatores de risco e proteção. Assim, entende-se que talvez os adolescentes participantes da pesquisa mantenham relações de amizade ou têm expectativas de tê-las no futuro e que estas, apesar de terem influência direta no uso de drogas entre os adolescentes do sexo masculino, ao mesmo tempo e paradoxalmente, podem ser protetivas.

Considerações finais

Os resultados mostram que os adolescentes participantes da pesquisa estão expostos a diversos fatores de risco associados principalmente ao sexo masculino expulsão escolar, trabalho infanto-juvenil e com histórico acolhido institucionalmente, além da violência doméstica por meio de soco ou surra associado ao sexo feminino. No

que diz respeito às situações de risco que envolviam os amigos, foi observada diferença estatisticamente significativa para ter amigos que usam drogas ($X^2= 4,5$; $p=0,03$), amigos que usam drogas lícitas ($X^2= 3,74$; $p=0,05$) e amigos que usam drogas ilícitas ($X^2= 6,34$; $p= 0,01$), com frequência maior para adolescentes do sexo masculino. Foi observado, por outro lado, alta frequência (72,5%) de expectativa de ter amigos que lhes darão apoio no futuro, um resultado que pode ser positivo, uma vez que os amigos desempenham papel importante na adolescência na busca de identidade entre os pares e na promoção do bem-estar psicológico do indivíduo. Pode-se inferir, deste modo, que o grupo de pares e as relações de amizade apresentam a mesma relação paradoxal entre risco e proteção que outros contextos de desenvolvimento como a família, escola e as próprias instituições.

Este estudo revela o perfil dos adolescentes acolhidos em instituições de proteção na Região Metropolitana de Belém o que pode favorecer estratégias de ação nas instituições. Além disso, a manifestação ou exposição a fatores de risco e proteção na trajetória de vida destes sujeitos é um tema de relevância acadêmica e social e que pode contribuir para a compreensão do desenvolvimento de adolescentes em contextos alternativos à família. A compreensão da situação de vulnerabilidade social e do modelo complexo de risco a que esses adolescentes e suas famílias estão expostos podem garantir reflexões acerca das medidas a serem tomadas para a reinserção do adolescente no seio familiar e evitar a revitimização dos mesmos. Os achados deste estudo são congruentes com outros estudos que investigaram os fatores de risco e proteção entre adolescentes acolhidos, sendo notado que os participantes também estão em situação de vulnerabilidade social, com baixa escolaridade, são provenientes de família de baixa renda e com histórico de acolhimento institucional em outros momentos de sua vida.

Dentre as limitações deste estudo, pode-se citar a amostra reduzida de adolescentes em razão das características do contexto considerado para realização da pesquisa, mas também, em alguns casos, a dificuldades colocadas pelas instituições para aplicação do questionário com os adolescentes, seja desmarcando períodos previamente acertados para a coleta ou horário estabelecido para conversar com adolescentes, até a evasão dos mesmos das instituições pesquisadas. Além disso, deixaram de ser investigadas variáveis importantes para a análise pretendida que estão relacionadas tais como o tempo de duração do acolhimento institucional, a frequência com que ocorria o contato dos adolescentes com familiares, dentre outros. Esta análise, em particular, ficou impossibilitada, pois nem todas as instituições permitiram acesso aos prontuários dos adolescentes e estes na maioria dos casos não conseguiam responder/lembrar há quanto tempo estavam acolhidos.

Nesse sentido, recomenda-se que outros estudos sejam realizados com uma amostra expandida, considerando variáveis como: tempo de acolhimento, contato com os pais e quem realiza visitas. Contudo, deve-se destacar a dificuldade dos adolescentes dessa população em se manterem atentos e disponíveis para responderem a questionários como o que foi utilizado neste estudo, considerado por todos eles muito extenso, ou o fato de os participantes muitas vezes não entenderem o significado de algumas palavras e frases presentes nesse instrumento da pesquisa. Em geral, são termos pouco presentes no seu dia-a-dia, situação esta que pode ter isso agravada em função do baixo nível de escolaridade dos mesmos. Dessa forma, indica-se que pesquisas neste contexto e com este público possam ter algum tipo de recurso audiovisual ou em forma de oficina que provoque o interesse e a atenção dos participantes. Além disso, a evasão dos adolescentes dos espaços de acolhimento é uma preocupação para pesquisadores que desejam fazer

uma inserção ecológica na instituição, uma vez que durante o tempo de reconhecimento do espaço, vários adolescentes fogem da instituição.

Embora vários estudos sobre fatores de risco e proteção entre adolescentes brasileiros estejam sendo realizados nos últimos anos, a região Norte do país ainda carece que estudos sobre adolescentes em situação de vulnerabilidade social e que estão se desenvolvendo em diferentes contextos. Estudos comparativos entre os fatores de risco e proteção no contexto familiar e institucional (instituições de acolhimento, unidades de medida socioeducativa, dentre outros) podem trazer grandes contribuições para o entendimento desta etapa específica do desenvolvimento humano. Além disso, é possível que a compreensão do lugar e da importância das relações de amizade na vida do adolescente ajude na compreensão desta etapa da vida e que subsidie a intervenção profissional quando esta for necessária, uma vez que as instituições podem e deve promover este tipo de contato afetivo que se mostrou ser fonte de apoio, mas como toda visita à instituição, deve ser acompanhada por um profissional.

Referências

- Abaid, J. L. W. (2013). *Entre risco e proteção: ajustamento psicossocial de adolescentes em acolhimento institucional*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.
- Abbes, P. T., Lavrador, M. S. F., Escrivão, M. A. M. S., & Taddei, J. A. de A. C. (2011). edentarismo e variáveis clínico-metabólicas associadas à obesidade em adolescentes. *Revista de Nutrição*, 24(4), 529–538. doi:10.1590/S1415-52732011000400002
- Álvares, A. M., & Lobato, G. R. (2013). Um estudo exploratório da incidência de sintomas depressivos em crianças e adolescentes em acolhimento institucional. *Temas em Psicologia*, 21(1), 151-164. Obtido em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2013000100011&lng=pt&tlng=pt. 10.9788/TP2013.1-11.
- Alves, C. F. & Dell’Aglío, D. D. (2015). Apoio Social e Comportamentos de Risco na Adolescência. *Psico*, (46), 165-175. Obtido em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/18250/13345>
- Amparo, D. M., Galvão, A. C. T., Alves, P. B., Brasil, K. T., & Koller, S. H. (2008). Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: redes de apoio social e fatores pessoais de proteção. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 13(2), 165–174. doi:10.1590/S1413-294X2008000200009
- Antoni, C. Di & Batista, F. A (2014). Violência intrafamiliar: análise de fatores de risco e proteção. *Diáphora*, 14(2), 26-35.
- Bagci, S. C., Rutland, A., Kumashiro, M., Smith, P. K., & Blumberg, H. (2014). Are minority status children’s cross-ethnic friendships beneficial in a multiethnic context? *The British Journal of Developmental Psychology*, 107–115. doi:10.1111/bjdp.12028
- Bernardy, Catia Campaner Ferrari, & Oliveira, Magda Lúcia Félix de. (2010). O papel das relações familiares na iniciação ao uso de drogas de abuso por jovens institucionalizados. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 44(1), 11-17. Obtido

em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342010000100002&lng=en&tlng=pt.

Braga, L. L. & Dell'Aglio, D. D. (2012) A exposição à violência em adolescentes de diferentes contextos: famílias e instituições. *Estudos de Psicologia*, 17(3), 413-420. Obtido em <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v17n3/09.pdf>

Braga, L. L., & Dell'Aglio, D. D. (2013). Suicídio na adolescência: Fatores de risco, depressão e gênero. *Contextos Clínicos*, 6(1), 2-14. doi: 10.4013/ctc.2013.61.01

Brasil (1990). *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Diário Oficial da União, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília, DF.

Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*(M. A. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artmed.

Bronfenbrenner, U. (2011). *A bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humano* .(A. Carvalho-Barreto, Trad.). Porto Alegre: Artmed.

Capelinha, J. C. C. (2013). *A qualidade das relações de amizade na adolescência e suas implicações ao nível do autoconceito e da autoestima*. Dissertação de mestrado, ISPA- Instituto Universitário, Portugal.

Cardoso, L. R. D. & Malbergier, A. (2014). Problemas escolares e o consumo de álcool e outras drogas entre adolescentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, 18(1), 27-34. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572014000100003>.

Carvalho, M., & Matos, M. G. (2014). Psychosocial Determinants of Mental Health and Risk Behaviours in Adolescents. *Global Journal of Health Science*, 6(4), 22–35. doi:10.5539/gjhs.v6n4p22

Cavalcante, L. I. C., Souza, S. S., & Magalhães, C. M. C. (2010). Institucionalização e reinserção familiar de crianças e adolescentes. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 1147–1172. Obtido em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482010000400005&script=sci_arttext

Cid-Monckton, P., & Pedrão, L. J. (2011). Factores familiares protectores y de riesgo relacionados al consumo de drogas en adolescentes. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 19(esp), 738–745. doi:10.1590/S0104-11692011000700011

- Conselho Nacional do Ministério Público (2012). *Um olhar mais atento aos serviços de acolhimento de crianças e adolescentes no país (Relatório de pesquisa/2013)*. Brasília-DF: CNMP. Obtido em: http://www.cnmp.mp.br/portal/images/stories/Destaques/Publicacoes/Res_71_VOLU_ME_1_WEB_.PDF.
- Deković, M., Wissink, I. B., & Marie Meijer, A. (2004). The role of family and peer relations in adolescent antisocial behaviour: comparison of four ethnic groups. *Journal of Adolescence*, 27(5), 497–514. doi:10.1016/j.adolescence.2004.06.010
- Dell'Aglio, D., & Hutz, C. (2002). Estratégias de Coping de Crianças e Adolescentes em Eventos Estressantes com Pares e com Adultos. *Psicologia USP*, 13(2), 203-225. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642002000200012>
- Fiorotti, K. P., Rossoni, R. R., Borges, L. H., & Miranda, A. E. (2010). Transtornos mentais comuns entre os estudantes do curso de medicina: prevalência e fatores associados. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 59(1), 17–23. doi:10.1590/S0047-20852010000100003
- Freitas, M., & Santos, A. J. (2013). Análise fatorial confirmatória do modelo do Questionário da Qualidade da Amizade numa amostra de jovens adolescentes Portuguesa, 11(2), 163–175. doi:10.14417/lp.11.2.655
- Garcia, A., & Dettogni, F. G. (2010). Amizade e focos de atividade no ensino médio. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, 4(2), 291-317. doi:10.5964/ijpr.v4i2.53
- Hallal, A. L. C., Gotlieb, S. L. D., Almeida, L. M. de, & Casado, L. (2009). Prevalência e fatores associados ao tabagismo em escolares da Região Sul do Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 43(5), 779–788. doi:10.1590/S0034-89102009005000056
- Harris, J. (1999). *Diga-me com quem andas*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Jessor, R., Van Den Bos, J., Vanderryn, J., Costa, F. M., & Turbin, M. S. (1995). Protective factors in adolescent problem behavior: moderator effects and developmental change. *Developmental Psychology*, 31(6), 923 -933. Obtido em: http://www.colorado.edu/ibs/jessor/pubs/1995_Jessor_VanDenBos_Vanderryn_etal_DEVPSYCH_ProblemBehaviorModeratorEffects.pdf

- Komatsu, A. V. & Bazon, M. R. (2015). Caracterização de adolescentes do sexo masculino em relação a comportamentos antissociais. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 13 (2), pp. 725-735.
- Linhares, M. B. M., Bordin, M. B. M & Carvalho, A. E. V. (2004) Aspectos do desenvolvimento psicológico da criança ex-prematura na fase escolar. Em: Marturano, E. M., Linhares, M. B. M., & Loureiro, S. R. (Org.) *Vulnerabilidade e proteção: indicadores na trajetória de desenvolvimento do escolar*, 75-106, São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lisboa, A. C. S. (2005). Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.
- Mahon, C. & Curtin, C. (2013). The social networks of young people in Ireland with experience of long-term foster care: some lessons for policy and practice. *Child & Family Social Work*, 18(3), 329-340. doi: 10.1111/j.1365-2206.2012.00849.x
- Malta, D. C., Mascarenhas, M. D. M., Porto, D. L., Duarte, E. A., Sardinha, L. M., Barreto, S. M., & Morais Neto, O. L. de. (2011). Prevalência do consumo de álcool e drogas entre adolescentes: análise dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 14, 136–146. doi:10.1590/S1415-790X2011000500014
- Matos, A. M. de, Carvalho, R. C. de, Costa, M. C. O., Gomes, K. E. P. de S., & Santos, L. M. (2010). Consumo frequente de bebidas alcoólicas por adolescentes escolares: estudo de fatores associados. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 13(2), 302–313. doi:10.1590/S1415-790X2010000200012
- McCoy, D. H., Meyer, A. S., Mc Whey & Henderson, T. L. (2014). Substance Use, Policy, and Foster Care. *Journal of Family Issues*, 35 (10), 1298-1321. doi:10.1177/0192513X13481439
- Mihaela, S. (2014). The Effects of the Growth Environment on the Adolescents' Self-esteem, General Intelligence and Emotional Intelligence. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 127, 864–867. doi:10.1016/j.sbspro.2014.03.369

- Morais, N. A., Rafaelli, M., & Koller, S. H. (2012). Adolescentes em situação de vulnerabilidade social e continuum risco-proteção. *Avances En Psicología Latinoamericana*, 30(1), 118–136. Recuperado em http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-47242012000100010&lng=en&nrm=iso&tlng=pt
- Myers, M. (2014). *Psicologia Social*. Porto Alegre: Artmed.
- Nardi, F. L. & Dell’Aglia, D. D. (2012). Adolescentes em conflito com a lei: percepções sobre a família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(2), 181-191. Obtido em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n2/06.pdf>
- Neto, C., Fraga, S., & Ramos, E. (2012). Consumo de substâncias ilícitas por adolescentes portugueses. *Revista de Saúde Pública*, 46(5), 808–815. doi:10.1590/S0034-89102012000500007
- Nogueira, E. J. & Oliveira, M. A. (2005). Adolescentes em situação de rua: relatos de amizade na escola. *Série-Estudos - Periódico do Mestrado em Educação da UCDB*, (9), 193-207. Obtido em: <http://www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/view/457>
- Oliveira, E. F. V., Gama, S. G. N., & Silva, C. M. F. P. (2010). Gravidez na adolescência e outros fatores de risco para mortalidade fetal e infantil no município do Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos de Saude Publica*, 26(3), 567–578. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2010000300014>.
- Paludo, S. dos S., & Schirò, E. D. B. dei. (2012). Um estudo sobre os fatores de risco e proteção associados à violência sexual cometida contra adolescentes e jovens adultos. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 17(3), 397–404. doi:10.1590/S1413-294X2012000300007
- Pesce, R. P., Assis, S. G., Santos, N., & Oliveira, R. de V. C. de. (2004). Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 20(2), 135–143. doi:10.1590/S0102-37722004000200006
- Pinheiro, D. P. N. (2004) A resiliência em discussão. *Psicologia em Estudo*, 9(1), 67-75. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722004000100009>.

- Poeiras, S. I. G. (2015). *Adolescentes em risco: práticas e percepções*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Psicomotricidade Humana, Universidade de Lisboa. Obtido em:
<https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/8629/1/TESE%20DEFINITIVA%202015.pdf>
- Poletto, M., & Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25(3), 405–416. doi:10.1590/S0103-166X2008000300009
- Poletto, M., Koller, S. H., & Dell’Aglío, D. D. (2009). Eventos estressores em crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social de Porto Alegre. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 455–466. doi:10.1590/S1413-81232009000200014
- Reppold, C. T. (2001). *Estilo Parental percebido e adaptação psicológica de adolescentes adotados*. Dissertação de mestrado. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.
- Romanelli, G. & Prieto, D. I. C. (2002). Adolescentes do sexo feminino: família, grupo de pares e relações afetivas. *Paidéia*, 12(22), 57–68. doi:
<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2002000100006>.
- Rosa, E. M., Santos, P. A., Melo, C. R. S., & Souza, M. R. (2010). Contextos ecológicos em uma instituição de acolhimento para crianças. *Estudos de Psicologia*, 15(3), 233–241. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2010000300002>.
- Rutter, M. (1985). Resilience in the face of adversity. *British Journal of Psychiatry*, 147, 598–611.
- Salavessa, M. C. D. (2015). Vinculação e problemas de comportamento em adolescentes. Faculdade de Psicologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal.
- Santana, J. P., Doninelli, T. M., Frosi, R. V., & Koller, S. H. (2004). Instituições de atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua. *Psicologia & Sociedade*, 16(2), 59–70. doi:10.1590/S0102-71822004000200008

- Sapienza, G., & Pedromônico, M. R. M. (2005). Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Psicologia Em Estudo, 10*(2), 209–216. Retrieved from <http://www.redalyc.org/resumen.oa?id=287122083007>
- Schenker, M., & Minayo, M. C. de S. (2005). Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva, 10*(3), 707–717. doi:10.1590/S1413-81232005000300027
- Shook, J. J., Vaughn, M. G., Litschge, C., Kolivoski, K., & Schelbe, L. (2009). The importance of friends among foster youth aging out of care: Cluster profiles of deviant peer affiliations. *Children and Youth Services Review, 31*, 284–291. doi:10.1016/j.childyouth.2008.07.024
- Sierra, V. M. & Mesquita, W. A. (2006). Vulnerabilidades e fatores de risco na vida de crianças e adolescentes. *São Paulo em perspectiva, 20*(1), 148-155. Obtido em http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v20n01/v20n01_11.pdf
- Silva, E. R. A. & Aquino, L.M. C. (2005). *Os abrigos para crianças e adolescentes e o direito à convivência familiar e comunitária*. Brasília: IPEA/CONANDA, 2005
Obtido em http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/politicas_sociais/ENSAIO3_Enid11.pdf
- Silveira, M. A. A., Maruschi, M. C. & Bazon, M. R. (2012). Risco e proteção para o engajamento de adolescentes em práticas de atos infracionais. *Journal human growth and development, 22*(3), 348-357. Obtido em www.revistas.usp.br/jhgd/article/download/46699/50467
- Siqueira, A. C & Dell'Aglio, D. D. (2007). Retornando para a família de origem : fatores de risco e proteção no processo de reinserção familiar de uma adolescente institucionalizada. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, 17*(3), 134–146. Obtido em www.journals.usp.br/jhgd/article/download/19855/21928
- Siqueira, A. C & Dell'Aglio, D. D. (2010). Crianças e adolescente institucionalizados: desempenho escolar, satisfação de vida e rede de apoio social. *Psicologia: teoria e pesquisa, 26*(3), 407-415. Obtido em <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n3/a03v26n3.pdf>

- Siqueira, A. C. (2010). Processo de reinserção familiar: estudo de casos de adolescentes que viveram em instituições de abrigo. *Estudos de Psicologia*, 15(1), 07-15. Obtido em <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v15n1/02.pdf>
- Sitnick, S. L., Brennan, L. M., Forbes, E., & Shaw, D. S. (2014). Developmental pathways to sexual risk behavior in high-risk adolescent boys. *Pediatrics*, 133(6), 1038–45. doi:10.1542/peds.2013-3976
- Souza, L. K. & Hutz, C. S. (2007). A qualidade da amizade: adaptação e validação dos questionários McGill. *Aletheia*, (25), 82-96. Obtido em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-03942007000100007&script=sci_arttext
- Souza, L. K. & Sedyama, C. Y. N. (2012). Amizades internacionais: panorama da literatura empírica e um estudo descritivo. *Barbaroi*, (36), 6-28. Obtido em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782012000100002&lng=pt&tlng=pt .
- Strauch, E. S., Pinheiro, R. T., Silva, R. A., & Horta, B. L. (2009). Uso de álcool por adolescentes: estudo de base populacional. *Revista de Saúde Pública*, 43(4), 647–655. doi:10.1590/S0034-89102009005000044
- Tomé, G., Camacho, I., Matos, M. G. de, & Diniz, J. A. (2011). A influência da comunicação com a família e grupo de pares no bem-estar e nos comportamentos de risco nos adolescentes Portugueses. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 24(4), 747–756. doi:10.1590/S0102-79722011000400015
- Van Ryzin, M., & Leve, L. D. (2012). Affiliation with delinquent peers as a mediator of the effects of Multidimensional Treatment Foster Care for delinquent girls. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 80, 588-596. Obtido em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22352857>
- Vaquera, E., & Kao, G. (2009). Do you like me as much as I like you? Friendship reciprocity and its effects on school outcomes among adolescents. *Social Science Research*, 37(1), 55–72. doi:10.1016/j.ssresearch.2006.11.002

- Viana, M. A. (2001). O papel do grupo de pares nas tarefas do desenvolvimento do adolescente. Dissertação de mestrado. Curso de mestrado em Psicologia Educacional, Instituto Superior de Psicologia. Lisboa, Portugal.
- Vieira, P. C., Aerts, D. R. G. C., Freddo, S. L., Bittencourt, A., & Monteiro, L. (2008). Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares em município do Sul do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(11), 2487-2498. Obtido em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008001100004&lng=en&tlng=pt.
- Vilhena, V. C. (2009). Pela voz das mulheres: uma análise da violência doméstica entre mulheres evangélicas atendidas no Núcleo de Defesa e Convivência da Mulher – Casa Sofia. Faculdade de Humanidades e Direito. Universidade Metodista de São Paulo.
- Warburton, W. P., Warburton, R. N., & Sweetman, A. (2011). The Impact of Placing Adolescent Males The Impact of Placing Adolescent Males into Foster Care on their Education , Income Assistance and Incarcerations. *Iza Discussion*, (5429), 1-29. Recuperado em http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1741617
- Yi, S., Poudel, K. C., Yasuoka, J., Palmer, P. H., Yi, S., & Jimba, M. (2010). Role of risk and protective factors in risky sexual behavior among high school students in Cambodia. *BMC Public Health*, 10, 477. doi:10.1186/1471-2458-10-477
- Yunes, M. A. M. & Szymanski (2001). Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. Em: Tavares, J (Org.) *Resiliência e Educação*, 13-42, São Paulo: Cortez.
- Yunes, M. A. M., Miranda, A. T., & Cuello, S. E. S. (2004). Um olhar ecológico para os riscos e as oportunidades de desenvolvimento de crianças e adolescentes institucionalizados. In S. H. Koller (Org.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (pp.197-218). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Zappe, J. A. (2014). Comportamentos de risco na adolescência: aspectos pessoais e contextuais. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Zappe, J., Moura Jr., J., Dell'aglio, D.D., & Sarriera, J. (2013). Expectativas quanto ao futuro de adolescentes em diferentes contextos. *Acta Colombiana de Psicología*, 16(1), 91-100. Obtido em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-91552013000100009&lng=en&tlng=pt .

Zeanah, C. H., Nelson, C. a, Fox, N. a, Smyke, A. T., Marshall, P., Parker, S. W., & Koga, S. (2003). Designing research to study the effects of institutionalization on brain and behavioral development: the Bucharest Early Intervention Project. *Development and Psychopathology*, 15(4), 885–907. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/14984131>

CAPÍTULO III

A qualidade da amizade na percepção de adolescentes que vivem em situação de acolhimento institucional

Resumo

O objetivo deste estudo foi investigar aspectos referentes à qualidade da amizade (como por exemplo, ajuda e direção, validação e cuidado, abertura íntima, companheirismo e recreação, resolução de conflito e traição e conflito) na percepção de adolescentes que residem em instituições de acolhimento. Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório e com abordagem qualitativa. Foi utilizada uma entrevista semiestrutura com seis questões abertas, cujo roteiro foi elaborado especialmente para este estudo. Participaram deste estudo 20 adolescentes acolhidos institucionalmente em cinco instituições de acolhimento da Região Metropolitana de Belém, sendo 10 do sexo feminino e 10 do sexo masculino, com média de idade de 15,3 anos. Para análise qualitativa dos dados utilizou-se o *software* NVivo 20. Com essa ferramenta foi gerada uma Nuvem de Palavras, figura que representa graficamente a reunião das palavras que foram mencionadas de forma mais frequente durante a entrevista: conselhos (10 menções), relação (8 menções), carinho (7 menções), conversar (7 menções), problemas (6 menções) e brincar (6 menções). Com a análise de Cluster do Nvivo que aproxima e reúne as palavras por similaridade, notou-se os seguintes agrupamentos: ajudaram e precisei; abraçava, chorava e explicar; compreender, problemas, difíceis e resolver; confiança e preciso. Para percepção da qualidade da amizade as respostas foram agrupadas em categorias pré-estabelecidas sendo as categorias ajuda e direção e companheirismo as mais frequentes com 18 menções. Seguidas por resolução de conflito (5 menções), validação e cuidado (2 menções), abertura íntima (2 menções) e traição e conflito (3 menções). Com relação aos agrupamentos gerados, estes possibilitaram interpretações mais profundas quanto à qualidade da amizade, uma vez que estiveram relacionadas palavras que representavam categorias como ajuda e direção, companheirismo e resolução de conflitos. Observa-se a partir da frequência das categorias de qualidade da amizade que as relações de amizade dos adolescentes participantes deste estudo apresentaram características qualitativas em geral positivas como: ‘ajuda e direção’ e ‘resolução de conflito’. A categoria ‘companheirismo’ que tem sido apontada na literatura como um aspecto positivo ou negativo da amizade, esteve presente no relato dos adolescentes pesquisados. Esta qualidade pode representar, tanto um fator de proteção como de risco, uma vez que nem sempre as atividades conjuntas realizadas pelos amigos são saudáveis e socialmente aceitáveis, a exemplo do uso de drogas e a prática de furtos, entre outros delitos. Novos estudos devem ser realizados no sentido de se conhecer de forma aprofundada o significado atribuído pelos adolescentes à amizade e suas qualidades em diferentes contextos de desenvolvimento, sobretudo para aqueles que vivem em instituições de longa permanência.

Palavras-chave: qualidade; amizade; adolescentes; acolhimento institucional.

Abstract

The objective of this study was to investigate aspects related to the quality of friendship (help and guidance, validation and caring, intimate exchange, companionship, conflict resolution and conflict and betrayal) in the perception of adolescents in institutional care situation. This work refers to a qualitative search, was used interviews with six open questions, whose script was developed especially for this study was used. The study included 20 adolescents welcomed institutionally in five host institutions in the Região Metropolitana de Belém, 10 female and 10 male, with a mean age of 15.3 years. For qualitative data analysis we used software NVivo 20. With this tool generate a Word Cloud, figure graphically depicts the meeting of the words that were mentioned more frequently during the interview: Advice (10 mentions), relationship (8 mentions), affection (7 mentions), speak (7 mentions), problems (6 mentions) and play (6 mentions). With Nvivo Cluster analysis approaching and brings together the words similarity, the following groupings it was noted: helped and needed; hugged, cried and explain; understand issues and solve difficult; reliable and accurate. To perceived friendship quality responses were grouped into categories help and guidance and companionship frequently with 18 mentions. Followed by resolution of conflict (5 mentions), validation and caring (2 mentions), intimate exchange (2 mentions) and conflict and betrayal (3 mentions). Regarding the generated clusters, they allowed deeper interpretations as to the quality of friendship, as were related words representing categories such as help and guidance, companionship and conflict resolution. It is observed from the frequency of friendship quality categories that the friendly relations of the participating adolescents in this study showed qualitative characteristics generally positive as: 'help and guidance' and 'conflict resolution'. The category 'companionship' that has been identified in the literature as a positive or negative aspect of friendship, was present on the reports of adolescents surveyed. This quality can pose not only a protective factor as risk, since not all the joint activities undertaken by the friends are healthy and socially acceptable, like the use of drugs and the practice of burglaries, among other crimes. Further studies should be conducted in order to know in depth the meaning assigned by adolescents to friendship and his qualities in different contexts of development, particularly for those living in long-stay institutions.

Keywords: quality; friendship; adolescents; residential care.

A qualidade das relações de amizade durante a adolescência

Por amizade, entende-se um tipo de relacionamento voluntário e pessoal que propicia intimidade e ajuda, envolvendo duas partes que se gostam e buscam companhia uma da outra (Fehr, 1996). Esse relacionamento interpessoal pode estar associado ao sentimento de pertencimento, felicidade, suporte social, emoções, partilha de interesses e qualidade de vida (Tomé, 2011).

Até a década de 1980 investigações sobre a qualidade da amizade destacaram características que essa relação deve ter para ser considerada positiva. Revisões da literatura disponível sobre o tema realizadas naquele período, observaram que as pesquisas referentes às relações de amizade e a qualidade dela deveriam incluir a partir de então características negativas que esse relacionamento interpessoal também possuía (Souza & Hutz, 2008). Desse modo, a qualidade da amizade passou a ser estudada tanto em seus aspectos positivos (ajuda, abertura, confiança, apoio emocional, respeito, intimidade, dentre outras), como em suas características negativas (ciúme, crítica em público, coerção e submissão).

A partir dos anos de 1990, percebe-se um número maior de estudos que focalizam características positivas e negativas na qualidade da amizade e que são aferidas por meio de entrevistas sociométricas, técnica de observação e mais comumente por meio de entrevistas ou questionários que avaliam as características por meio de auto relato dos participantes (Souza & Hutz, 2007; Freitas & Santos, 2013). Segundo Lisboa (2005), não há uma linha teórica específica que estude as relações de amizade e a qualidade das mesmas, embora elas sejam de interesse da Psicologia do Desenvolvimento há muito tempo. Nesse sentido, muitos estudos têm abordado aspectos da amizade na infância, adolescência, na adultez e na velhice, apontando para os possíveis ganhos desenvolvimentais resultantes das interações entre amigos, tais como: compartilhamento

de brinquedos, aprendizagem de habilidades sociais, internalização de valores morais, tolerância aos medos, ajuda e suporte nas situações estressantes, desenvolvimento de forte senso de identificação e por estas e outras razões, podem servir como fator de proteção ao desenvolvimento da pessoa (Bagci, Rutland, Kumashiro, Smith & Blumberg, 2014; Garcia, & Dettogni, 2010, Harris, 1999; Lisboa, 2005, Souza & Hutz, 2007; Tomé, 2011).

Em pesquisa conhecida sobre as relações de amizade na infância, Parker & Asher (1993) realizaram um estudo com vários objetivos distintos, mas que guardavam relação entre si. O primeiro estudo avaliou as diferenças nas relações de amizade entre crianças que tinham baixa e alta aceitação pelo grupo de pares. O segundo objetivo foi desenvolver um instrumento que fosse capaz de captar a percepção de crianças sobre as características qualitativas de suas melhores amigas. Outra proposta do estudo era compreender o quanto a amizade estaria associada aos sentimentos de solidão e insatisfação das crianças. Participaram deste estudo 881 escolares de uma escola pública. Foi utilizada uma escala para aferir o nível de aceitação das crianças e a qualidade da amizade avaliada a partir do *Friendship Quality Questionnaire*, com as dimensões: ajuda e direção, validação e cuidado, abertura íntima, companheirismo e recreação, e resolução de conflito. Esse instrumento foi criado especialmente para o estudo em questão. Os resultados apontaram que, de modo geral, as crianças com maior aceitação no grupo de pares e que possuíam amigas com características positivas poderiam ser menos propensas à solidão do que aquelas com baixa aceitação e com relações de amizade inferiores no que diz respeito à qualidade por ela apresentada.

Para averiguar se a família e a qualidade das relações de amigas estavam associadas com variáveis como boa adaptação e bem-estar de crianças e adolescentes, Gauze, Bukowski, Aquan-Asee e Sippola (1996) realizaram estudo com famílias,

investigando fatores como companheirismo, ajuda e suporte, segurança e proximidade. Os resultados apontaram que baixa coesão e baixa capacidade de adaptação nas famílias pesquisadas estavam associadas à presença de níveis mais baixos de competência social e autoestima entre os adolescentes. No entanto, essa mesma associação não foi significativa entre os adolescentes que tinham qualidade e reciprocidade na amizade. Ou seja, a qualidade da amizade, provavelmente junto com outros fatores, funcionou como fator de proteção nos grupos familiares com baixa coesão e capacidade de adaptação entre os participantes dessa pesquisa.

Além das características citadas por Parker & Asher (1993) e Gauze, et al., (1996), estudos têm indicado que dimensões da personalidade também estão associadas à qualidade ou positividade das relações interpessoais, em especial da amizade. Em uma pesquisa que relacionou a amabilidade com as relações saudáveis entre pares no início da adolescência (Jensen-Campbell et al., 2002), os resultados apontaram que esse sentimento ou a tendência do indivíduo para ser compassivo e cooperante está associado a uma maior aceitação pelos pares. Em segundo lugar, observou-se que a amabilidade está negativamente relacionada ao aumento da vitimização nas relações de amizade ao longo da vida, funcionando como fator protetivo à ocorrência de depressão, ansiedade e baixa autoestima.

Em investigação longitudinal sobre o papel moderador das relações de amizade positivas (ou de qualidade) entre as relações familiares e a externalização de problemas na escola (Lansford, Criss, Pettit & Bates, 2003), notou-se que altos níveis de qualidade da amizade atenuaram a associação entre tomadas unilaterais de decisões pelos pais e problemas de externalização de adolescentes. Além disso, as relações de amizade serviram como fatores de proteção também em situações que a família era pouco fiscalizadora, isto é, com reduzido monitoramento de seus filhos. Lansford et al., (2010)

argumentou que quando os adolescentes passam por experiência socializadoras inadequadas em seus lares, podem ganhar essa experiência no grupo de pares e com as relações de amizade.

Uma pesquisa buscou conhecer os aspectos qualitativos da amizade de adolescentes e suas percepções de autoconceito e autoestima, fazendo diferenciação entre os sexos (Capelinha, 2013). Participaram do estudo 256 alunos com idade entre 12 e 15 anos de diversas escolas de Lisboa. Os resultados apontaram que a qualidade da amizade está relacionada com algumas dimensões do autoconceito e autoestima dos adolescentes e que as meninas têm mais amigas de qualidade do que os meninos participantes. Adicionalmente, verificou-se que as adolescentes também têm autopercepções mais positivas no estabelecimento e manutenção das amigas do que os rapazes.

Pesquisadores de Londres (Bagci, et al., 2014) debruçaram-se sobre a relação entre a qualidade da amizade, atitudes intergrupais de crianças em contexto multiétnico e nível de resiliência. Os participantes do estudo foram 247 crianças que viviam em Londres e tinham diversas heranças culturais. Os resultados encontrados sugerem que a qualidade da amizade inter-étnica está relacionada a um maior bem-estar e capacidade de resistência psicológica e que também pode fortalecer a resiliência em sujeitos com status de minoria, ou seja, grupos minoritários em determinado contexto. Diante disso, os autores consideraram que a qualidade da amizade entre as crianças funcionava como fator de proteção para os efeitos negativos da discriminação em um contexto de convivência de várias etnias.

Conforme os estudos aqui relatados da literatura internacional, a qualidade da amizade geralmente é aferida por meio de instrumentos padronizados ou entrevistas que, de modo geral, avaliam-na a partir da percepção do próprio participante da pesquisa sobre os aspectos qualitativos desse tipo de relação. Pode-se observar que a amizade,

especialmente na adolescência e dependendo da qualidade do vínculo, pode funcionar como fator de proteção à ansiedade, baixos monitoramento e coesão familiar, depressão e baixa autoestima entre crianças e adolescentes (Garcia, 2005; Lisboa, 2005). Em outros estudos sobre o tema também as relações de amizade entre pares têm sido destacadas por sua presumida influência na saúde, sobretudo a saúde mental (Garcia, 2005; Tomé, 2011), bem estar do adolescente (Véronneau et al., 2014), enfim, associando-a a aspectos desenvolvimentais positivos e negativos (Souza & Hutz, 2008).

Embora as relações de amizade e qualidade das mesmas tenham grande influência no desenvolvimento de adolescentes, no Brasil, qualidade da amizade tem se constituído como objeto de estudo para alguns pesquisadores, no entanto, em sua maior parte as investigações envolvem população infantil (Lisboa, 2005; Manfroi, 2012) e adulta (DeSousa & Cerqueira-santos, 2012; Duarte & Souza, 2010; Souza, 2007). À semelhança dos estudos internacionais, os que foram realizados no país e que envolveram crianças e adolescentes têm utilizado o Questionário da Qualidade da Amizade, originalmente denominado *Friendship Quality Questionnaire* (Parker & Asher, 1993). Esse instrumento permite investigar dimensões descritoras da qualidade da amizade, como por exemplo, ajuda e direção, validação e cuidado, companheirismo e recreação, abertura íntima, e resolução de conflito, a partir de dados qualitativos extraídos de entrevistas semiestruturadas sobre as relações de amizade.

Com foco nos processos que acontecem na esfera interpessoal, Lisboa (2005) estudou a vitimização, a agressividade e a amizade, observando variáveis associadas a esses comportamentos entre 258 crianças de baixo nível socioeconômico, entendendo-as como fatores de risco e de proteção no desenvolvimento. Os resultados apontaram que a agressividade individual pode ser um fator de risco para a vitimização entre os pares, já a

amizade recíproca ou dita de qualidade foi considerada como um fator de proteção à vitimização entre eles.

No Brasil, alguns estudos que tiveram como objeto as relações de amizade, a qualidade das mesmas e suas funções, utilizaram os Questionários McGill (Souza & Hutz, 2007; Souza & Duarte, 2013). O uso das diferentes escalas que compõem esse instrumento indica o propósito de seus autores investigarem as funções de amizade e a percepção dos participantes sobre a qualidade da mesma. Com ele, Souza (2006) buscou conhecer a percepção da qualidade da amizade em adultos de ambos os sexos. Os resultados mostraram que os melhores amigos, em sua maioria, são pessoas do mesmo sexo, ou seja, as mulheres responderam que seus melhores amigos eram mulheres (88,4%) e os homens também indicaram uma melhor amizade com pessoa mesmo sexo (80,1%). As amizades entre mulheres apresentaram mais características ou funções em relação aos homens, como intimidade, companheirismo, segurança emocional, ajuda e auto validação. As mulheres também expuseram mais sentimentos positivos com relação às suas amigas do que os homens e estavam mais satisfeitas com a amizade do mesmo sexo. No caso dos homens, as amizades com o sexo oposto contribuem para tranquilizá-los, fornecer consolo, dentre outros. É possível observar que as categorias de análise da qualidade das relações de amizade do Questionário McGill são semelhantes às utilizadas pelo Questionário de Qualidade da Amizade, uma vez que engloba dimensões como ajuda, companheirismo, autovalidação e intimidade nele presentes. Isso mostra que existe certo consenso na literatura sobre as dimensões da qualidade do vínculo entre amigos, devendo, estas, serem investigadas a partir de diferentes estratégias metodológicas.

Manfroi (2012) defendeu a tese de doutorado que procurou relacionar a qualidade da amizade e do vínculo de apego parental com a auto percepção, um constructo central

da personalidade e que facilita ou dificulta o estabelecimento das relações e interações sociais. Participaram do estudo 289 crianças de Porto Alegre e Santa Catarina, que responderam a dois instrumentos: a Escala de Segurança de Apego e o Questionário da Qualidade da Amizade. Os resultados indicaram que as crianças que avaliam como satisfatória a relação de apego com os pais também definiram como positivas a relação com os amigos e a sua auto percepção. Além disso, foi mostrado que a auto percepção positiva da amizade está relacionada com variáveis como competência acadêmica, atlética e aceitação social. Utilizando uma amostra menor, mas englobando adolescentes de 12 e 13 anos, Zunino et. al. (2012) correlacionaram dimensões qualitativas da amizade com a auto percepção e encontraram resultados muito parecidos, ou seja, crianças com relações de amizade que servem de apoio apresentaram boa adaptação social, além de terem percepções positivas acerca de si.

Diante do exposto, é possível inferir que a relação dos adolescentes com seus pares e a presença de fatores de risco e proteção decorrentes dessa interação, são influenciados e variam de acordo com suas características pessoais (personalidade), relações interpessoais e experiências de socialização de outros contextos em que vivem Zunino et al. (2012). Portanto, uma abordagem desenvolvimental tem se mostrado adequada para captar a complexidade das relações interpessoais mantidas pelo adolescente e do contexto ao qual ele estiver inserido, na medida em que as interações mantidas entre os pares sofrem influência do ambiente de modo que refletem as expectativas sociais, crenças e objetivos do contexto no qual o adolescente está inserido.

Por meio de estudos produzidos, nacional e internacionalmente, vê-se que o grupo de pares e as relações de amizade estão presentes e se destacam em diferentes contextos de desenvolvimento humano, como a família e a escola, e, por motivos diversos, mas, sobretudo em razão da qualidade destas relações, podem implicar risco ou proteção ao

desenvolvimento do adolescente. Dessa forma, ao se investigar relações de adolescentes que vivem em um ambiente que não seja o familiar, assume-se que esse desenvolvimento será instigado, inibido ou modificado, dependendo das condições do contexto ao qual está inserido (condições físicas, relações sociais e estrutura socioeconômica, ideologia, entre outros), como propôs Bronfenbrenner (2011).

Partindo dessa compreensão, estudos sobre as relações de amizade e sobre as características (positivas ou negativas) das mesmas, têm ganhado destaque em todas as etapas do ciclo vital, infância, adolescência, adultez e velhice e também nos diferentes ambientes em que as pessoas estão inseridas como a universidade, o local de trabalho, creches, escolas (Lisboa, 2005; Tomé, 2011; Garcia & Dettogni, 2010).

Presume-se que a importância de investigações sobre as relações de amizade e qualidade das mesmas em ambiente institucional, deve-se ao fato de que elas possuem características positivas (apoio, afeto, partilha) podendo funcionar como fator de proteção ao desenvolvimento do adolescente, em especial daquele se encontra com os vínculos familiares rompidos ou fragilizados e em situação de acolhimento institucional. Desse modo, objetivou-se com este estudo investigar aspectos referentes à qualidade da amizade (companheirismo, ajuda e direção, validação e cuidado, intimidade, aliança confiável e segurança emocional) na percepção de adolescentes que residem em instituições de acolhimento.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 20 adolescentes brasileiros, 10 sexo feminino e 10 do sexo masculino, com idades entre 12 e 18 anos incompletos e que estavam sob medida protetiva de acolhimento em instituições da Região Metropolitana de Belém do Pará. Todos os participantes estavam cursando o nível fundamental durante o período da coleta

de dados. Os critérios de inclusão do adolescente na amostra deste estudo foram os seguintes: 1) ter participado da fase da coleta baseada na aplicação do Questionário Juventude Brasileira (QJB); 2) aceitar participar deste segundo estudo. Foi excluído o adolescente que tivesse algum tipo de deficiência que o impedisse de responder a entrevista.

A amostragem utilizada foi aleatória simples, em que os participantes eram convidados a participar da pesquisa até que se chegasse ao número desejado. Foram realizadas 21 entrevistas, no entanto, uma foi descartada, pois o adolescente se recusou a responder todas as perguntas.

Ambiente

O estudo se deu em quatro instituições de acolhimento, duas governamentais e duas não governamentais. As instituições governamentais são vinculadas à Prefeitura Municipal de Belém e de Ananindeua e atendem crianças e adolescentes de ambos os sexos. As instituições não governamentais, uma acolhe crianças e adolescentes do sexo masculino e feminino e a outra que atende somente adolescentes do sexo masculino. Neste estudo, consideram-se adolescentes pessoas de 12 a 18 anos, conforme o Estatuto da Criança e Adolescentes - ECA (BRASIL, 1990). As entrevistas foram aplicadas pela pesquisadora de forma individual, respeitando o conforto e privacidade dos adolescentes, sendo a seguir transcritas pela mestranda.

Instrumentos e técnicas

Foi utilizada uma entrevista semiestrutura com seis questões abertas, elaborada especialmente para este estudo. O instrumento foi pensado e construído de forma que abarcasse questões sobre os amigos (as) dos (as) adolescentes e sobre a qualidade dessas relações. As dimensões de qualidade da amizade utilizadas para análise foram:

companheirismo, ajuda e direção, validação e cuidado, abertura íntima, resolução de conflito e conflito e traição. Essas características são largamente utilizadas nos instrumentos construídos para avaliar qualidade da amizade, como os Questionários McGill de Amizade e o Questionário de Qualidade da Amizade.

Procedimento da coleta dos dados

Inicialmente, procedeu-se à submissão do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética do Instituto de Ciências da Saúde (ICS) da Universidade Federal do Pará, sendo aprovado sob o parecer nº 1.081.697. Depois, foi feito o contato com as instituições que fizeram parte do estudo e estavam responsáveis pelos adolescentes durante a coleta, tendo sido explicados os objetivos do projeto e os possíveis participantes. As instituições autorizaram a realização da pesquisa e seus respectivos coordenadores assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Além disso, todos os adolescentes assinaram o Termo de Assentimento (TA).

Com aprovação da pesquisa pela instituição, teve início um período de habituação da pesquisadora com a sua inserção nas instituições envolvidas na pesquisa, o que propiciou o conhecimento dos ambientes e da rotina institucional, facilitando a abordagem dos adolescentes e o convite para que participassem da pesquisa.

Após a aplicação do Questionário da Juventude Brasileira (QJB), os adolescentes foram convidados a participar deste estudo. A entrevista foi administrada individualmente, dando maior conforto e privacidade aos adolescentes e transcrita pela mestranda.

Procedimento de análise dos dados

Para a análise de conteúdo referente as falas dos professores, utilizou-se o software Nvivo 10. Assim, foram cumpridas as seguintes etapas: (1) organização e

gerenciamento das fontes de dados no *software*; (2) codificação das fontes; (3) visualização dos resultados de codificação, e (4) criação de gráficos com as categorias utilizadas.

Com o suporte do Nvivo, foram criadas unidades de registro denominadas de “nós” (etapa 2). Os nós são componentes de armazenamento de informações codificadas, podendo assumir diferentes significados. Neste estudo, os nós constituem-se como categorias que indicam aspectos da qualidade da amizade, baseados em instrumentos internacionalmente utilizados quando se trata desta temática, como o QAA (Parker & Asher, 1993) e os Questionários Mc Gill (Souza & Hutz, 2007). As categorias previamente definidas foram: validação e cuidado, resolução de conflito, companheirismo, ajuda e direção, abertura íntima e conflito e traição, conforme mostra o quadro a seguir:

Tabela 1.

Categorias de Qualidade da Amizade

Categorias da Qualidade da Amizade	Definição
Validação e Cuidado	É caracterizada pela expressão adequada de cuidado, preocupação, admiração e afeição com relação ao amigo, envolvendo validação pessoal e contribuindo para o senso de autovalor.
Resolução de Conflito	É definida pelas estratégias de resolução de conflito eficazes, incluindo o perdão.
Companheirismo	Abrange o divertimento obtido um com o outro e com atividades compartilhadas, como por exemplo, as brincadeiras.
Ajuda e direção	Indica o fornecimento de ajuda, aconselhamento, conforto e apoio emocional entre o adolescente e

Abertura íntima	seu amigo. Descreve o revelar das experiências pessoais privadas, pensamentos e sentimentos muito íntimos entre amigos.
Conflito e Traição	Representa as discussões, discordância, aborrecimento ou desconfiança entre os amigos.

Resultados e Discussão

Com o objetivo de investigar aspectos referentes à definição e à qualidade da amizade a partir do ponto de vista de adolescentes atendidos em instituições de acolhimento, foram realizadas e transcritas entrevistas com os participante e, na sequência, organizados os dados coletados a partir do sistema de categorias proposto. Este procedimento contou com o suporte do *software* Nvivo para sistematização e compreensão dos dados. Desta maneira, inicialmente, foi gerada uma nuvem com as principais palavras mencionadas nas entrevistas com os adolescentes (Figura 3).



Figura 1: Nuvem de palavras mais frequentes

Ao se analisar a nuvem formada por um conjunto das palavras extraídas do conteúdo das entrevistas, percebeu-se que os termos que aparecem com maior destaque na imagem foram: conselhos (10 menções), relação (8 menções), carinho (7 menções), conversar (7 menções), problemas (6 menções) e brincar (6 menções). Estes descritores podem ser facilmente relacionados às categorias que se reportam à qualidade de amizade já apresentadas. Os termos ‘conselhos’, ‘conversar’ e ‘problema’ podem ser percebidos nas falas dos participantes na categoria ‘ajuda e direção’. A palavra ‘brincar’ pode ser relacionada à categoria ‘companheirismo’, ou seja, as palavras mais citadas na entrevista e que definem o que é amizade para esses adolescentes foram relacionadas uma a uma às categorias pré-definidas sobre a qualidade da amizade, segundo Parker e Asher (1993).

Além de gerar a imagem da nuvem de palavras, o uso do *software* para análises de pesquisa qualitativa possibilitou o agrupamento dos descritores mais mencionados na entrevista, de forma que seja possível reconhecer um padrão de relação entre as palavras mais frequentes na amostra pesquisada. O *software* permitiu gerar uma imagem que representou graficamente a análise de Cluster feita com base nas palavras mencionadas pelos adolescentes e a forma como se relacionavam entre si, indicando um maior nível de proximidade ou distância entre elas.

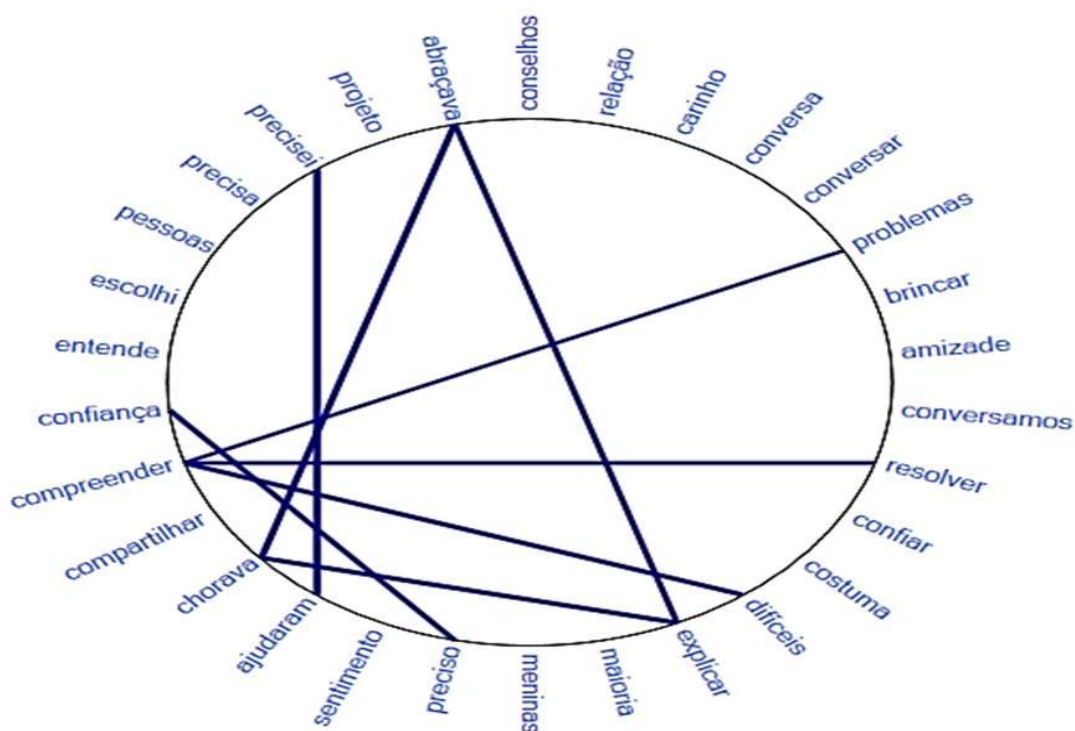


Figura 2. Análise de *Cluster* por similaridade de ocorrências conjunta das palavras mais frequentes.

Ao se analisar o resultado da análise de *Cluster* feita por meio do Nvivo, uma ferramenta que permite unir as palavras por similaridade, notou-se os seguintes agrupamentos: ajudaram e precisei; abraçava, chorava e explicar; compreender, problemas, difíceis e resolver; confiança e preciso, dentre outros agrupamentos representados na imagem acima. Logo, a relação entre as palavras dada a sua similaridade remete a aspectos positivos da amizade como ajuda, companheirismo e resolução de conflitos. Mais especificamente, os conselhos, as conversas e o apoio emocional, são características que se constituem como importantes fontes de felicidade, satisfação com a vida, além de serem fatores de proteção para a solidão e saúde de um modo geral (Duarte & Souza, 2007).

Com base nos resultados obtidos foi possível captar a complexidade das relações interpessoais mantidas pelos adolescentes participantes da pesquisa e parte das características definidoras do contexto ao qual eles estão inseridos, pois os agrupamentos identificados pela análise de *Cluster* mostraram que as relações de amizade para estes adolescentes podem ter grande importância no enfrentamento de problemas e situações de fragilidade emocional entre os adolescentes.

No entanto, é importante notar que seguindo o critério de similaridade entre as palavras, os agrupamentos formados apontaram a presença dos amigos na constituição das formas mais citadas de apoio social. Este é considerado um fator de proteção muito importante para o bem-estar físico e psicológico na adolescência, ainda que, como mostra a literatura, o apoio dos pais, da escola e outros familiares devem ser mediadores do apoio entre os pares (Antunes & Fontaine, 2005). No caso desta amostra, o apoio emocional é revelado pelos agrupamentos ‘abraçava, chorava e explicava’, ‘ajudaram e precisei’, ‘compreender’, ‘problemas’, ‘difíceis e resolver’, o que, a priori, poderia ser considerado fator de proteção. Entretanto, é válido ressaltar que os adolescentes deste estudo estão em situação de acolhimento institucional, afastados do convívio familiar, o que torna difícil afirmar, a priori, que o apoio social do grupo de pares indica a presença de um fator protetivo, sem que haja um olhar mais atento para o apoio exercido nos outros domínios do desenvolvimento do adolescente.

Dando continuidade à discussão iniciada, as repostas dos adolescentes foram analisadas também a partir das dimensões da qualidade da amizade que já são conhecidas de outros estudos, quais sejam: ajuda e direção, companheirismo, resolução de conflito, validação e cuidado, abertura íntima e conflito e traição. Na Figura 2 são apresentados os números de descritores que foram englobados nas categorias definidas, dessa forma foi

possível observar a frequência dos descritores de qualidade da amizade, a seguir são apresentados trechos das respostas para ilustrar as categorias.

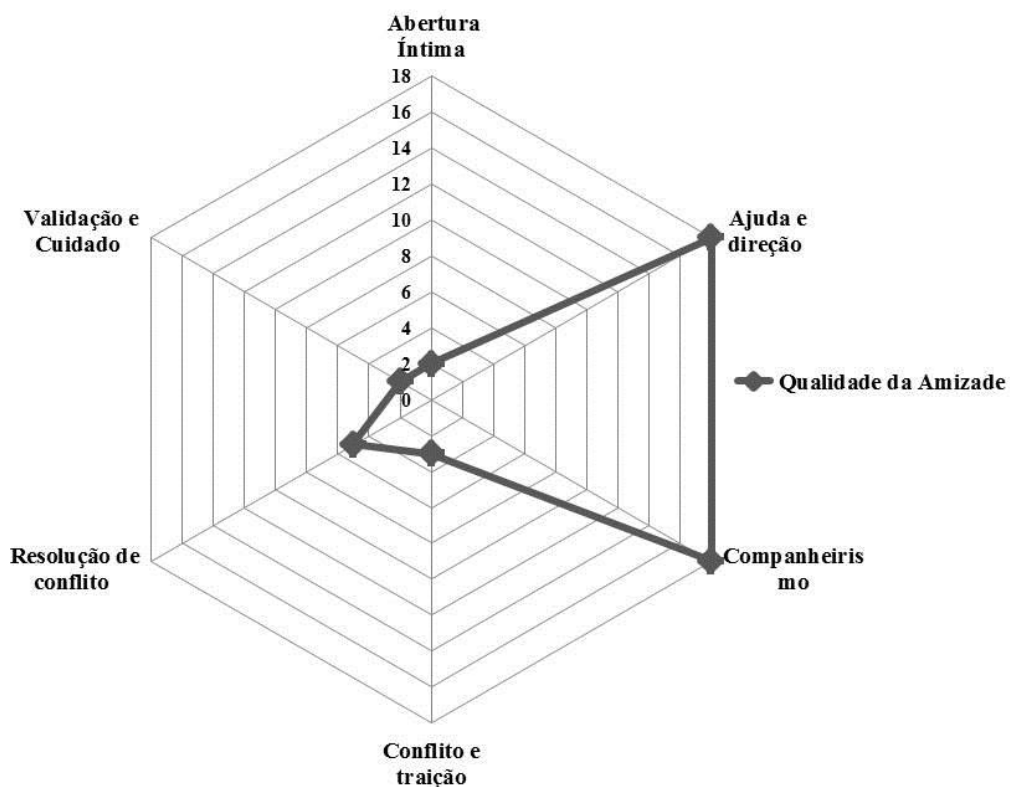


Figura 3. Radar com a frequência de codificação das categorias

Tabela 2.

Dimensões da Qualidade da Amizade

Dimensões da Qualidade da Amizade	Frequência (menções)	Exemplos
Ajuda e Direção	18	“Ela me dá bons conselhos”
Companheirismo	18	“A gente costuma ler, brincar, conversar, assistir palestras”
Resolução de Conflito	05	“Diz que sempre tem um jeito para tudo e ajuda a resolver os problemas”
Validação e Cuidado	02	“Eles são muito legais, eles me aceitam como eu sou”

Abertura Íntima	02	“É um amigo que me escuta”
Traição e Conflito	03	“A nossa relação é calma, mas também é tensa”

Os resultados apontam que a categoria ‘ajuda e direção’ apareceu na resposta de quase todos os participantes do estudo (18 menções). Também a Tabela 1 mostra que a dimensão ‘companheirismo’ apresentou uma frequência elevada, uma vez que apenas dois participantes não fizeram qualquer menção ao conteúdo dessa categoria.

De acordo com Tomé (2011), as relações de amizade na adolescência geralmente possuem características positivas ou protetivas, uma vez que os amigos podem ajudar e serem solidários nesta fase de mudanças físicas e psicossociais tão intensamente vividas. Neste estudo, a dimensão ‘ajuda e direção’ esteve presente na fala da maioria dos entrevistados deste estudo e consiste no fornecimento de orientação, apoio, aconselhamento (Souza & Hutz, 2007). A presença desta categoria da qualidade de amizade pode ser considerada como um fator de proteção ao desenvolvimento dos adolescentes que estão vivendo em contexto de acolhimento institucional, embora as relações de amizade mantidas antes do acolhimento possam ser desfeitas ou fragmentadas, e dentro da instituição novos laços serem constituídos, fomentando a presença de comportamentos de cooperação, auxílio e outras formas concretas de ajuda e proteção.

Ao contrário da dimensão ‘ajuda e direção’, da qual não resta dúvida quanto a ser uma característica positiva da amizade e, portanto, um fator de proteção ao desenvolvimento, a dimensão ‘companheirismo’, principalmente neste estudo possui um caráter ambíguo. O companheirismo tem sido definido por alguns autores, como aquela categoria que expressa o divertimento, a recreação, o engajamento em atividades conjuntas entre os amigos (Fehr, 1996; Souza & Hutz, 2007). No entanto, a partir da

análise qualitativa das respostas dos entrevistados deste estudo, é possível perceber que apesar de realmente os amigos se envolverem em atividades conjuntas, com o objetivo de se divertirem, nem sempre essas atividades são saudáveis, seguras ou mesmo protetivas, inclusive, sendo atividades consideradas de alto risco.

Foram incluídas na categoria ‘companheirismo’ 18 menções que expressavam o engajamento em atividades conjuntas, no contexto da entrevista realizada para este estudo, uma participante do sexo feminino, com 12 anos de idade, quando perguntada sobre o que costumava fazer junto com seus amigos na instituição, diz:

“Conversar, brincar, praticar esportes. A gente joga vôlei aqui, joga bola...”. (Participante 3, sexo feminino, 12 anos)

Esta foi uma das frases incluídas na categoria sobre companheirismo, essas atividades realizadas entre a participante e sua amiga, que, por sinal, também vive na instituição, podem ser consideradas promotoras do desenvolvimento. Segundo Bronfenbrenner (1996), quando duas pessoas se envolvem juntas em alguma atividade, frequentemente desenvolvem sentimentos mais intensos uma para com a outra, uma vez que esses sentimentos são positivos e recíprocos, favorecem a presença de processos desenvolvimentais. Por outro lado, embora alguns adolescentes entrevistados também tenham mencionado descritores que puderam ser englobados na categoria *companheirismo*, as atividades que eles realizam juntos nem sempre eram consideradas saudáveis e socialmente aceitáveis, serão mostrados alguns exemplos para elucidar as respostas a mesma pergunta “o que vocês costumam fazer juntos?”:

“A gente fuma, bebe, fala besteira, mas quando mais precisa tá junto, cai junto, cai no mesmo buraco”. (Participante 9, sexo feminino, 17 anos)

“Jogar bola, ir para a praia, usar droga juntos...”

(Participante 19, sexo masculino, 17 anos)

É importante observar que, ao mesmo tempo em que os participantes citaram o apoio dos amigos ou atividades recreativas, como jogar bola, eles também revelaram comportamentos de risco realizados conjuntamente como a experimentação de drogas. Há de se levar em consideração dois fatores de risco que podem estar associados a este comportamento, estes dois participantes já possuem histórico de acolhimento institucional e isto tem sido visto como um evento estressor para a externalização de comportamentos antissociais na adolescência (Álvares & Lobato, 2013). Além disso, diferentemente da adolescente de 12 anos que citou atividades conjuntas que podem ser consideradas como promotoras do desenvolvimento e mesmo protetivas, os dois participantes mencionados acima já se aproximam dos 18 anos.

Apesar da faixa etária não ser a única dimensão para analisar os ciclos de vida, ela possibilita compreender algumas implicações para a representação social e construção identitária dos indivíduos e os marcos desenvolvimentais. Neste sentido, ao analisar a idade como um fator importante para estudos sobre a adolescência, alguns autores têm trabalhado com a ideia de que, quanto maior a idade do adolescente em situação de vulnerabilidade social, maior a sua exposição ao risco, especialmente para o uso de drogas (Jinez, Sousa, Pillon, 2009; Malta et. al., 2011).

Além das categorias ‘ajuda e direção’ e ‘companheirismo’, a Tabela 1 mostra também a frequência de categorias como ‘resolução de conflito’ e ‘traição e conflito’, sendo esta última uma característica negativa da amizade, assim como ciúme, desapego e submissão (Souza & Hutz, 2007). A dimensão resolução de conflito englobou descritores mencionados por cinco participantes, o que representa cerca de 25% deles. Essa categoria

geralmente é percebida por meio de referências à resolução de problemas pela colaboração e mutualidade (Capelinha, 2013). Essa característica em uma relação de amizade é extremamente relevante, uma vez que talvez os adolescentes deste estudo não tivessem estabelecido em seus lares esse tipo de relação colaborativa. Dado o contexto em que se encontram, pode-se supor que a família de alguma forma era omissa ou violadora e que, portanto, a experiência de socialização na mesma não tenha sido dotada de apoio social, mutualidade e colaboração, então os adolescentes podem ganhar essa experiência no grupo de pares e com as relações de amizade (Lansford et al., 2010).

A categoria ‘traição e conflito’, é uma dimensão negativa da amizade em que é possível analisar a existência de desacordos, aborrecimentos e desconfiança tem sido associada com sentimentos de solidão e ansiedade (Capelinha, 2013). Outros estudos já apontaram que crianças e adolescentes que vivem em situação de acolhimento institucional, podem desenvolver sentimentos de perda, abandono, medo e solidão e isso dificulta a criação de laços afetivos duradouros, especialmente pelo caráter excepcional e provisório da medida. Embora com uma baixa frequência (três descritores), as frases que puderam ser englobadas na categoria ‘traição e conflito’ não devem ser desconsideradas na análise, principalmente porque pode estar associada a outros sentimentos capazes de desencadear desfechos negativos para o desenvolvimento. Abaixo um trecho da entrevista que ilustre o conteúdo desta categoria:

“Eu tenho amigos, mas não tenho um melhor amigo, não podemos confiar em todo mundo, a maioria dos problemas eu resolvo sozinha”.

(Participante 16 , sexo feminino, 15 anos)

Quando as relações de amizade possuem características como desconfiança, ameaças, falta de compromisso e traição, pode ocorrer conflitos considerados destrutivos, haja vista que são estabelecidas relações de poder e pode ocorrer do adolescente reagir de forma agressiva a essas situações ou se isolar do grupo, o que dificulta a aceitação social e o estabelecimento de novas relações de amizade. Desta forma, amizades com características de conflito e traição são preocupantes em contexto de desenvolvimento em instituições, pois nesse contexto a aceitação e o apoio social dos pares é fundamental para a superação das adversidades e para o ajustamento psicossocial dos adolescentes.

As duas dimensões da qualidade da amizade que apresentaram menor frequência nas respostas dos entrevistados foram *abertura íntima* e *validação e cuidado*, com a primeira é possível avaliar se a relação de amizade envolve divulgação de sentimentos e informações pessoais. A segunda está associada com a presença de amigos que encorajam, ajudam a manter uma autoimagem positiva e autoafirmação (Souza & Hutz, 2007). Esta baixa frequência de dimensões extremamente importantes para as que as relações de amizade sejam consideradas positivas e protetivas, levam à reflexão o quanto o ambiente institucional tem conseguido proporcionar condições favoráveis a construção de relações de qualidade. Em algumas instituições envolvidas nesta pesquisa, foram identificados atendimentos padronizados, com um grande número de adolescentes acolhidos, com pouca ou nenhuma atividade planejada, o que são considerados fatores de risco para o desenvolvimento humano no contexto institucional (Rosa, Santos, Melo & Souza, 2010).

Nesse sentido, os dados dessa pesquisa sugerem que estar acolhido provisoriamente em um ambiente físico e social que pouco estimula a qualidade das relações estabelecidas pelo adolescente e seus pares, pode fazer com que o adolescente

pode tenha dificuldade para estabelecer estas e outras formas relacionais que atinjam um grau de estabilidade necessário à vivência da intimidade ou que contribua para o senso de autovalor do indivíduo, características estas que podem ser consideradas protetivas para o desenvolvimento humano (Castilho, 2013; Souza & Hutz, 2007).

Ante o exposto, é importante que estudos sobre qualidade da amizade, verifiquem não apenas a frequência dos descritores, mas também o conteúdo das respostas dos entrevistados, além disso, verificar possíveis tendências e relação entre os resultados, apresentando diferentes perspectivas captadas a partir da análise do material coletado.

Apesar de não ser possível fazer generalizações, observa-se que as relações de amizade do ponto de vista dos adolescentes participantes deste estudo possuem características positivas e que podem nesses termos serem consideradas protetivas para o desenvolvimento. Em particular, destaca-se que as categorias ‘ajuda e direção’ e ‘companheirismo’ foram as mencionadas com maior frequência nas respostas dos participantes no momento da entrevista. A presença dessas categorias de análise fica demonstrada quando se analisa a representação gráfica formada pela nuvem de palavras mais frequentes nas transcrições de das entrevistas e pela análise de Cluster que apontou os agrupamentos possíveis quando se tratam dos descritores de cada uma das categorias tomada para análise e interpretação das relações estabelecidas entre si.

Considerações finais

O presente estudo se propôs a investigar aspectos referentes à qualidade da amizade (ajuda e direção, companheirismo, resolução de conflito, validação e cuidado,

abertura íntima e conflito e traição) na percepção de adolescentes que residem em instituições de acolhimento. Optou-se por realizar um estudo qualitativo e organizar os dados da pesquisa a partir de um sistema de categorias elaborado com base em estudos anteriores sobre a qualidade da amizade e questionários internacionalmente utilizados em pesquisas sobre o tema, mas que também pudesse analisar e interpretar o conteúdo das respostas dos participantes, com destaque para as informações que seriam utilizadas, análise reflexiva e diálogo com a literatura disponível na atualidade.

No que diz respeito aos achados deste trabalho, a partir de categorias de análise previamente definidas, identificou-se que as relações de amizade dos adolescentes participantes deste estudo são dotadas de características qualitativas em geral positivas como: ajuda e direção e resolução de conflito. No que tange a categoria companheirismo que tem sido apontada na literatura como um aspecto positivo e mesmo protetivo da amizade, a análise do conteúdo da resposta dos participantes ressaltou que nem sempre as atividades conjuntas realizadas pelos amigos são saudáveis e socialmente aceitáveis, tais como uso de drogas e furtos. Desta forma, a alta frequência desta categoria não pode ser considerada altamente positiva e protetiva em virtude do seu caráter ambíguo de proteção e risco.

A partir da utilização do *software* Nvivo, foi possível gerar imagens que ajudaram na sistematização do conteúdo das entrevistas, especialmente no que se refere à frequência e agrupamento de palavras por similaridade como foi feita por meio da técnica de análise de *Cluster*. Estes recursos permitiram que outras análises pudessem ser realizadas a partir das respostas dos participantes. As palavras mais frequentes na fala dos participantes foram: conselhos, relação, carinho, conversar, problemas, brincar e resolver. Com relação aos agrupamentos gerados, estes possibilitaram interpretações mais profundas quanto à qualidade da amizade, uma vez que estiveram relacionadas palavras

que representavam categorias como ajuda e direção, companheirismo e resolução de conflitos.

Embora o presente trabalho tenha avançado no sentido de analisar o conteúdo das frases englobadas nas categorias, em vez de apenas mencionar o percentual ou a frequência das mesmas, ele não foi realizado sem dificuldades ou sem apresentar limitações. A principal dificuldade é referente à análise das respostas muito pontuais dos adolescentes, embora tenha ocorrido um período de habituação nas instituições em que se manteve um contato prévio com os mesmos, eles deram respostas muito breves às perguntas elaboradas nas entrevistas. Uma limitação deste estudo é que apesar dos dados terem permitido uma análise exploratória das dimensões da qualidade da amizade do ponto de vista dos participantes, não foi possível verificar a existência de associação significativa de cada uma dessas categorias com as múltiplas variáveis do seu perfil biosociodemográfico, inclusive pelo tamanho da amostra ser reduzido.

Essa limitação pode ser superada em estudos futuros, que, espera-se, tenham igualmente um caráter tanto qualitativo quanto quantitativo, combinando técnicas de análise qualitativas com análise estatísticas. Além disso, é importante que em investigações futuras seja dada mais atenção às características físicas e sociais das instituições de acolhimento e de outros contextos de desenvolvimento, o que é fundamental em pesquisas sobre o desenvolvimento humano, pois o ambiente relacional pode influenciar as relações estabelecidas no mesmo e algumas características das relações de amizade aqui encontradas, podem estar associadas a variáveis presentes no contexto específico estudado, como os locais que facilitam disponibilidade de drogas, baixo monitoramento por parte da equipe técnica para evitar evasões e poucas proposições de atividades conjuntas que estimulem o desenvolvimento saudável do adolescente.

Referências

- Bagci, S. C., Rutland, A., Kumashiro, M., Smith, P. K., & Blumberg, H. (2014). Are minority status children's cross-ethnic friendships beneficial in a multiethnic context? *The British Journal of Developmental Psychology*, 107–115. doi:10.1111/bjdp.12028
- Bronfenbrenner, U. (2011). *A bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humano*. (A. Carvalho-Barreto, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Capelinha, J. C. C. (2013). *A qualidade das relações de amizade na adolescência e suas implicações ao nível do autoconceito e da autoestima*. Dissertação de mestrado, ISPA- Instituto Universitário, Portugal.
- Desousa, D. A. & Cerqueira-santos, E. (2012). Relacionamentos de Amizade e Coping entre Jovens Adultos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 345–356. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722012000300010>.
- Duarte, M. G., & Souza, L. K. De. (2010). O que importa em uma amizade? A percepção de universitários sobre amizades. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, 4(2), 271–290. doi:10.5964/ijpr.v4i2.52
- Fehr, B. (1996). *Friendship process*. London: Sage.
- Freitas, M., & Santos, A. J. (2013). Análise fatorial confirmatória do modelo do Questionário da Qualidade da Amizade numa amostra de jovens adolescentes Portuguesa, 11(2), 163–175. doi:10.14417/lp.11.2.655
- Garcia, A. (2005). Psicologia da amizade na infância: uma revisão crítica da literatura recente. *Interação em Psicologia*, 9(2), 285-294. Obtido em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a08v13n2.pdf>

- Garcia, A., & Dettogni, F. G. (2010). Amizade e focos de atividade no ensino médio. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, 4(2), 291-317. doi:10.5964/ijpr.v4i2.53
- Harris, J. (1999). *Diga-me com quem andas*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Jensen-Campbell, L. a., Adams, R., Perry, D. G., Workman, K. a., Furdella, J. Q., & Egan, S. K. (2002). Agreeableness, extraversion, and peer relations in early adolescence: winning friends and deflecting aggression. *Journal of Research in Personality*, 36(3), 224–251. doi:10.1006/jrpe.2002.2348
- Lansford, J. E., Criss, M. M., Pettit, G. S., & Bates, J. E. (2003). Friendship quality, peer group affiliation, and peer antisocial behavior as moderators of the link between negative parenting and adolescent externalizing behavior. *NIH Public Access*, 13(2), 1–19. Obtido em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2832223/>
- Lisboa, A. C. S. (2005). Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.
- Manfroi, E. C. (2012). Percepção da qualidade do apego e da amizade entre pares como fatores preditores da autopercepção em pré-adolescentes. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
- Parker, J. G. & Asher, S. R. (1993). Friendship and friendship quality in middle childhood: links with peer groups acceptance and feelings loneliness and social dissatisfaction. *Development Psychology*, 29(4), 611-621. Obtido em http://www.psych.utah.edu/classes/2007_fall/3220_001/readings/parker.pdf

Souza, L. K. & Hutz, C. S. (2007). A qualidade da amizade: adaptação e validação dos questionários McGill. *Aletheia*, (25), 82-96. Obtido em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413->

[03942007000100007&script=sci_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-03942007000100007&script=sci_arttext)

Souza, L. K. & Hutz, C. S. (2008). Relacionamentos pessoais e sociais: amizade em adultos. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 257-265. Obtido em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-

[73722008000200008&lng=en&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000200008&lng=en&tlng=pt).

Souza, L. K. (2006). Amizade em adultos: adaptação e validação dos questionários McGill e um estudo de diferenças de gênero. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

Souza, L. K. (2007). A qualidade da amizade : adaptação e validação dos questionários McGill. *Alethéia*, (25), 82–96. Obtido em

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-

[03942007000100007&lng=pt&nrm=isso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942007000100007&lng=pt&nrm=isso)

Souza, L. K., & Duarte, M. G. (2013). Amizade e bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(4), 429-436. Obtido em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-

[37722013000400009&lng=en&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722013000400009&lng=en&tlng=pt).

Tomé, G. M. Q. (2011). *Grupo de Pares, Comportamentos de risco e a saúde de adolescentes portugueses*. Tese de doutorado. Faculdade de Psicomotricidade Humana, Universidade de Lisboa.

Tomé, G. M. Q. (2011). *Grupo de Pares, Comportamentos de risco e a saúde de adolescentes portugueses*. Tese de doutorado. Faculdade de Psicomotricidade Humana, Universidade de Lisboa.

Tomé, G., Camacho, I., Matos, M. G. de, & Diniz, J. A. (2011). A influência da comunicação com a família e grupo de pares no bem-estar e nos comportamentos de risco nos adolescentes Portugueses. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 24(4), 747–756. doi:10.1590/S0102-79722011000400015

Véronneau, M.-H., Trempe, S.-C., & Paiva, A. O. (2014). Risk and protection factors in the peer context: how do other children contribute to the psychosocial adjustment of the adolescent? *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(3), 695–705. doi:10.1590/1413-81232014193.17972013

Zunino, L., Manfroi, E., Nunes, S., Faraco, A., Vieira, M., & Rubin, K. (2013). Correlações entre Dimensões da Qualidade das Amizades e Autopercepção em Crianças. *Interação em Psicologia*, 16(2). Recuperado de <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/view/23061/20253>

Considerações Finais

O objetivo geral deste trabalho foi investigar fatores de risco e proteção associados às relações de amizade e a percepção da sua qualidade por adolescentes acolhidos institucionalmente. Para alcançá-lo, foram realizados dois diferentes estudos independentes, mas que podem ser compreendidos de forma integrada. Neste sentido,

foram encontradas associações existentes entre o sexo dos participantes e os fatores de risco ao desenvolvimento, particularmente aqueles decorrentes das relações de amizade que podem ser estímulo influente para o uso de drogas, mas, ao mesmo tempo, compreendeu-se a partir da fala dos adolescentes que a amizade parece ser importante fonte de ajuda e apoio entre eles.

De modo geral, os capítulos II e III trazem resultados de estudos que pretenderam identificar e analisar os fatores de risco e proteção nessa forma particular de se viver a adolescência, dando visibilidade ao complexo processo de interação entre os adolescentes acolhidos institucionalmente e seus pares. A seguir serão apresentadas os principais achados deste trabalho, com possíveis contribuições para o tema pesquisado e a prática profissional nas instituições que acolhem adolescentes afastados do convívio familiar.

No Estudo 1, apresentado no capítulo II, os resultados indicaram que os adolescentes estão expostos a diversos fatores de risco para o desenvolvimento, sendo encontrada associação estaticamente significativa entre o sexo masculino e problemas escolares, trabalho na rua e histórico de acolhimento institucional; já o sexo feminino esteve associado à violência intrafamiliar por meio de soco ou surra. Esses resultados estão em conformidade com outros estudos que apontam a prevalência da violência intrafamiliar entre as meninas; além disso, notou-se que adolescentes do sexo masculino e em situação de vulnerabilidade social, podem estar mais propensos a vivenciar a realidade do acolhimento institucional e ter vivência na rua, um dado que também foi verificado em outros estudos sobre esse contexto específico. Ainda no capítulo II, os dados sobre fatores de risco relacionados à amizade entre pares mostram que os amigos podem influenciar na experimentação de situações de risco como o uso de drogas lícitas e ilícitas, sendo encontrada diferença significativa para o sexo masculino, mas, do mesmo modo, essas relações são percebidas como fonte de apoio para o futuro dos adolescentes

dos dois sexos. Contudo, entende-se que esse apoio percebido nem sempre é fonte de proteção, uma vez que tem sido associado pela literatura com o engajamento dos adolescentes em comportamentos de risco.

Diante desses resultados, ressalta-se que as ações de intervenção dos técnicos das instituições de acolhimento devem levar em consideração o sexo dos adolescentes, uma vez que existe uma clara distinção entre os fatores de risco a que estão expostos. Enquanto os meninos vivenciam uma realidade de riscos extrafamiliares e a externalização de comportamentos antissociais que podem levá-los a terem problemas com a polícia, com a justiça e serem privados de liberdade, as meninas estão propensas a fatores de risco intrafamiliares como a violência, e à manifestação de comportamento suicida, possivelmente devido a condutas internalizantes, experimentando estados psicológicos mais negativos.

Em se tratando das situações que podem representar risco ou proteção ao desenvolvimento do adolescente e que envolveram os amigos, sabe-se que os adolescentes nesta fase podem estar mais vulneráveis aos riscos, pois estão em constante busca por autonomia e aceitação pelo grupo de pares, preocupam-se mais com o que os amigos pensam do que com a forma como os pais pensam. Neste sentido, as relações de amizade podem ser um dos fatores de risco para o envolvimento dos adolescentes em comportamento de risco, dado que os participantes deste estudo relataram ter amigos que usam drogas e uma grande parte destes adolescentes faz uso junto com os amigos. Todavia, não se conseguiu identificar nesta dissertação um caráter predominantemente de risco ou de proteção, pois embora haja o uso de drogas e a presumida influência dos amigos, as relações de amizades podem ser pensadas como modeladoras positivas do desenvolvimento social, emocional e cognitivo de crianças e adolescentes, como observado no relato de participantes, em vários relatos foi mencionado. Essa percepção

sugere que as amizades possam hoje e no futuro se tornar fonte de apoio para a superação das adversidades presentes na vida dos adolescentes, podendo ser um fator de proteção poderosíssimo ao desenvolvimento do adolescente.

Considerando que a relação entre pares também pode ser influenciadora para a experimentação de comportamentos novos e, talvez, de risco, a literatura mostra que os possíveis balizadores desse processo de engajamento em comportamentos de risco podem ser: controle parental, fontes alternativas de apoio e sustentação emocional. Este estudo não investigou essas variáveis, então esta seria uma sugestão para novas investigações sobre as relações de amizade entre adolescentes. Dessa forma, o desafio para as instituições e as famílias de adolescentes é: fazer com que adolescentes afastados do convívio familiar recebam algum tipo de monitoramento/controlado ao passo que, com o apoio nos diferentes contextos e relações sejam sujeitos que consigam desenvolver a autoconfiança, cooperação e alguma autonomia para resolução de problemas.

No Estudo 2, capítulo III, aprofundou-se sobre as relações de amizade, investigando a qualidade das mesmas, considerando que elas possuem aspectos positivos e negativos, pois esta é uma das formas que se têm para avaliar o caráter predominantemente de risco ou proteção dessas relações. A partir da utilização do *software* Nvivo, foi formada uma nuvem de palavras e agrupamentos identificados pela análise de Cluster, com as respostas dadas pelos participantes. Os resultados mostraram que as relações de amizade para estes adolescentes podem ter grande importância no enfrentamento de problemas e situações de fragilidade emocional, uma vez que palavras como conselhos, carinho, conversar, problemas e brincar foram as mais citadas e remetem a aspectos positivos da amizade como ajuda, companheirismo e resolução de conflitos.

Levando em conta as palavras e os agrupamentos formados por elas, pode-se dizer que as relações de amizade entre os adolescentes entrevistados têm um caráter protetivo, pois os conselhos, conversas e o apoio emocional são características que se constituem como importantes fontes de felicidade, satisfação de vida e amenizam os efeitos da solidão e contribuem para a saúde de um modo geral. Congruente com esses dados, quando analisados trechos inteiros das entrevistas, notou-se que as categorias que mais se destacaram foram ‘ajuda e direção’, que diz respeito ao fornecimento de orientação, apoio, aconselhamento, e ‘companheirismo’, que expressa o divertimento, a recreação, o engajamento em atividades conjuntas entre os amigos. Todavia, nesta última categoria, alguns relatos mostram que os participantes e seus amigos se envolviam em atividades conjuntas, com o objetivo de se divertirem, mas, nem sempre, essas atividades podem ser consideradas saudáveis. Algumas podem ser vistas como de alto risco para a saúde, a exemplo do uso de drogas, tendo sido observadas tais atividades entre os adolescentes pesquisados.

Ao se fazer uma análise dos resultados encontrados nos estudos apresentados nesta dissertação, percebe-se que o comportamento de risco mais associado a esta população específica e que envolvem as relações de amizade é o uso de drogas, algo já identificado em outros estudos com adolescentes acolhidos institucionalmente. Sabe-se, inclusive que os amigos são um estímulo influente para que os adolescentes se engajem neste tipo de comportamento. O consumo e o uso abusivo de drogas na adolescência podem acarretar consequências negativas em diversas áreas da vida, como prejuízos no desempenho de habilidades sociais e conflitos interpessoais, infração juvenil e outros.

Por outro lado, o apoio entre os amigos obteve destaque nos dois estudos, tanto na expectativa de no futuro ter o apoio dos mesmos, quanto pelo apoio recebido no presente, o que ficou bem demarcado a partir da análise das entrevistas. Embora o envolvimento

dos adolescentes em comportamentos de risco possa estar associado ao apoio dos amigos, o que reafirma a influência do papel dos pares no desenvolvimento dos adolescentes, é indiscutível a importância dessas relações para o seu desenvolvimento. Especialmente para esta população, há evidências de que os amigos têm sido aqueles que escutam, aconselham e ajudam na resolução de problemas (exemplificar). Afastados do convívio familiar e com poucas chances de monitoramento parental no período em que permanecerem acolhidos, supõe-se que a amizade venha a ser um importante fator de proteção para o ajustamento social do adolescente. Destaca-se então a necessidade das instituições de acolhimento estarem atentas a essas relações de forma a identificar os fatores de risco que a permeiam, minimizando-os, assim como, potencializar os fatores de proteção presentes nesse tipo de relacionamento social e vinculação afetiva. Contudo, para que isso seja possível, é necessário que as instituições deem espaço e horário por meio de visitas para que os vínculos entre os amigos não sejam quebrados com o acolhimento e incentivem a interação entre os adolescentes que estão acolhidos, por meio da promoção de atividades de educação social.

A partir da literatura revisada e da investigação concluída, entende-se que populações específicas como a envolvida neste estudo demandam intervenções igualmente específicas, que considerem as particularidades da sua trajetória de vida e condição de vulnerabilidade. Espera-se que este trabalho contribua neste processo e de alguma forma subsidie ações especializadas nos espaços de acolhimento, que valorize os fatores de proteção reais e potenciais. Para tanto, aponta-se aqui algumas possibilidades, aumentar o monitoramento parental que é um fator de proteção fundamental para evitar o engajamento dos adolescentes em comportamentos de risco e o envolvimento com pares desviantes. O desafio da instituição é aproximar as famílias dos adolescentes e sensibilizá-las de sua função protetiva. Para um grupo afastado do convívio familiar, mas

que está na expectativa de retorno ao lar, isso é fundamental, uma vez que pode acarretar em novos padrões de relações familiares, que envolvam cuidado e proteção, fatores fundamentais para o enfrentamento das adversidades a que estão expostas famílias em situação de vulnerabilidade social. Ou seja, deve-se potencializar os fatores de proteção e minimizar os fatores de risco, embora se reconheça que alguns como a pobreza, sejam inerentes a ordem social vigente.

Há de se expor também as dificuldades e limitações deste trabalho, que podem ser ultrapassadas em estudos futuros. Primeiramente, uma das grandes dificuldades deste estudo foi realizá-lo em instituições localizadas em diferentes cidades, ainda que pertencentes a mesma região, foi difícil o deslocamento seguro para todas elas, uma vez que algumas instituições ficavam em locais de difícil acesso e inseguros. Outra questão foi a postura mantida pelos coordenadores e técnicos de algumas instituições que apresentaram resistência quanto a coleta de dados. Em uma instituição em específico, estabeleceram apenas uma hora por dia para a equipe frequentar a instituição, o que dificultava um contato que propiciasse alguma confiança entre entrevistador e entrevistados. Em outra instituição, os técnicos queriam que a coleta fosse realizada em apenas um dia, chegaram a propor que os adolescentes fizessem uma fila e aguardassem a sua vez para responder o questionário. Para modificar isso, foram necessárias várias conversas para que a equipe técnica entendesse não somente o método da pesquisa, mas também sua importância. Além disso, em apenas duas instituições foi liberada a análise de prontuários para fins de coleta de tempo de permanência, contato com familiares, dentre outros, por isso, que este estudo não apresenta esses dados que são fundamentais para trabalhos realizados em contexto de acolhimento institucional, sendo esta uma limitação evidente deste trabalho.

Enfrentadas essas dificuldades iniciais, a equipe de pesquisadores se deparou com o fato de os adolescentes falarem pouco nas entrevistas, alguns não entendiam questões do QJB, achavam demorado o tempo de coleta e ficavam impacientes. Como já visto, muitos deles faziam uso de drogas, então, não raras vezes, alguns se encontravam em momento de abstinência e se recusavam a participar da pesquisa. Por esses e outros motivos, como a constante evasão dos adolescentes acolhidos dos espaços, é que mesmo com quase seis meses de coleta, o número amostral ficou reduzido a 40 adolescentes, ao invés de 100 adolescentes como proposto no projeto, sendo esta outra limitação deste trabalho. Com a amostra reduzida, ficou difícil realizar testes estatísticos mais complexos e obter informações sobre associações significativas entre outras variáveis, senão as que foram trabalhadas nos capítulos anteriores. Pelo exposto, entende-se ser necessária a realização de estudos com uma ampla amostra, podendo gerar comparações entre adolescentes acolhidos institucionalmente e adolescentes que vivem com suas famílias, de modo a conhecer o impacto da influência dos amigos em comportamentos de risco e em situações protetivas em cada um desses contextos.

Além disso, é necessário que instrumentos sobre relações de amizade sejam construídos ou validados para o Brasil. No caso do Friendship Quality Questionnaire (FQQ), este instrumento foi traduzido para o português, mas o seu uso não foi liberado para esta pesquisa.

Em relação às análises das entrevistas, o *software* Nvivo foi utilizado para explorar o conteúdo por elas trazido, contudo, com as respostas tão pontuais que os adolescentes reservaram às entrevistas, não foi possível utilizar muitos recursos disponíveis no programa.

Investigações que somam aspectos quantitativos e qualitativos permitem estudos com amostras amplas e conhecer também alguns significados atribuídos ao tema

pesquisado. Desse modo, podem ser fundamentais para estudos sobre desenvolvimento humano e relações interpessoais em contextos diferenciados. Considerando a relevância das relações de amizade para o comportamento dos adolescentes, este deve ser um tema mais explorado por pesquisadores, no contexto do acolhimento institucional e em outros em que os jovens estejam afastados do convívio familiar, pois se sabe que o equilíbrio entre os pais e os pares é fundamental para o seu desenvolvimento. Assim são necessárias outras investigações que possam compreender a importância e o lugar da amizade diante da frágil ou inexistente relação dos adolescentes com os genitores e como esse processo complexo de risco e proteção está sendo estabelecido.

ANEXO I

QUESTIONÁRIO JUVENTUDE BRASILEIRA

(QJB II, Dell'Aglio, Koller, Cerqueira-Santos, & Colaço, 2011)

Código: _____ Data: ___/___/_____

Instituição de Acolhimento: _____

Bairro onde morava: _____ Cidade: _____ Estado: _____

1. Sexo: a. () Masculino b. () Feminino

2. Idade: _____ anos

3. Data de nascimento: ___/___/_____

4. Cor:

a. () Branca b. () Negra c. () Parda d. () Amarela e. () Indígena

5. Estado civil:

a. () Solteiro b. () Casado c. () Mora junto d. () Separado/divorciado

e. () Viúvo f. () Outros: _____

6. Com quem você mora? (Marque mais de uma resposta se for o caso)

a. () Pai b. () Mãe c. () Padrasto d. () Madrasta e. () Irmãos f. () Avô

g. () Avó h. () Tios i. () Pais adotivos j. () Filho(s) l. () Companheiro(a)

m. Outros: _____

7. Quantas pessoas moram na sua casa incluindo você? _____

Quantos têm:

até 5 anos _____

entre 6 e 14 anos _____

entre 15 e 24 anos _____

acima de 25 anos _____

8. Quem são as pessoas que mais contribuem para o sustento na sua casa?

- a. () Você mesmo b. () Outros: Quem?

9. Qual o total da renda mensal familiar do seu domicílio? Em média R\$_____ () não sabe

10. Você ou sua família recebe algum tipo de bolsa ou auxílio (bolsa escola, bolsa alimentação, etc.)?

- a. () Não b. () Sim. c. Que tipo? (Marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. () Bolsa família b.() Bolsa de estudo c.() Pró-Jovem

- d.() PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

- e.() Outra _____

11. Em qual série/etapa/ano escolar você está? _____

12. Qual o turno em que você frequenta a escola?

- a. () Manhã b. () Tarde c. () Integral d. () Noite

13. Você já foi reprovado?

- a. () Não b. () Sim c. Quantas vezes? _____

14. Você já foi expulso de alguma escola?

- a. () Não b. () Sim c. Quantas vezes? _____ d. Por quê? () Brigas () Faltas () Outro:

–

15. Por favor, marque com X no número que corresponde a sua opinião sobre as seguintes afirmativas:

1. Discordo totalmente 2. Discordo um pouco 3. Não concordo nem discordo 4. Concordo um pouco 5. Concordo totalmente

A	Eu me sinto bem quando estou na escola	1 2 3 4 5
B	Gosto de ir para a escola	1 2 3 4 5
C	Gosto da maioria dos meus professores	1 2 3 4 5
D	Quero continuar meus estudos nessa escola	1 2 3 4 5
E	Posso contar com meus professores	1 2 3 4 5
F	Posso contar com técnicos da escola (orientador, coordenador)	1 2 3 4 5
G	Confio nos colegas da escola	1 2 3 4 5

16. Você alguma vez já teve que parar de estudar para trabalhar?

- a. () Não b. () Sim.

17. Você participa de alguma das atividades abaixo? (Marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Grêmio estudantil ou diretório acadêmico
- b. Grupo de escoteiros ou bandeirantes
- c. Grupo ou movimentos religiosos
- d. Grupos musicais (coral, bandas, etc.)
- e. Grupo de dança, teatro ou arte
- f. Grupos ou movimentos políticos
- g. Grupo de trabalho voluntário
- h. Equipe esportiva

18. Agora vamos falar um pouco das suas relações com a família, especialmente entre você e seus pais (mãe, madrasta, pai, padrasto, ou outras pessoas que cuidam ou cuidaram de você).

Ao responder estas questões, pense em diferentes momentos que a sua família passou e nas diferentes pessoas com quem você mora/morou.

1. Discordo totalmente 2. Discordo um pouco 3. Não concordo nem discordo

4. Concordo um pouco 5. Concordo totalmente

A	Costumamos conversar sobre problemas da nossa família	1 2 3 4 5
B	Meus pais raramente me criticam	1 2 3 4 5
C	Raramente ocorrem brigas na minha família	1 2 3 4 5
D	Quando estou com problemas, posso contar com a ajuda dos meus pais	1 2 3 4 5
E	Sinto que sou amado e tratado de forma especial pelos meus pais	1 2 3 4 5
F	Meus pais em geral sabem onde eu estou	1 2 3 4 5
G	Nunca sou humilhado por meus pais	1 2 3 4 5
H	Meus pais raramente brigam entre eles	1 2 3 4 5
I	Meus pais dão atenção ao que eu penso e ao que eu sinto	1 2 3 4 5
J	Meus pais conhecem meus amigos	1 2 3 4 5
K	Eu me sinto aceito pelos meus pais	1 2 3 4 5
L	Meus pais me ajudam quando eu preciso de dinheiro, comida ou roupa	1 2 3 4 5
M	Costumo conversar com meus pais sobre decisões que preciso tomar	1 2 3 4 5
N	Meus pais sabem com quem eu ando	1 2 3 4 5
O	Eu me sinto seguro com meus pais	1 2 3 4 5

19. Identifique situações que VOCÊ já viveu COM SUA FAMÍLIA, relacionadas aos eventos na coluna 1 e a seguir responda às questões:

Tipo de situação	A. Já aconteceu?	B. Em geral, com que frequência esta situação acontecia?	C. Em geral, o quão ruim foi para você esta situação?	D. Indique quem fez isto com mais frequência?
a) Ameaça ou humilhação	A () não B () sim	() nunca () quase nunca () às vezes () quase sempre () sempre	() nada ruim () um pouco ruim () mais/menos ruim () muito ruim () horrível	A () mãe B () madrasta C () pai D () padrasto E () irmãos F () avós G outros: _____
b) Soco ou surra	A () não B () sim	() nunca () quase nunca () às vezes () quase sempre () sempre	() nada ruim () um pouco ruim () mais/menos ruim () muito ruim () horrível	A () mãe B () madrasta C () pai D () padrasto E () irmãos F () avós G () outros: _____
c) Agressão com objeto (madeira, cinto, fio, cigarro, etc.)	A () não B () sim	() nunca () quase nunca () às vezes () quase sempre () sempre	() nada ruim () um pouco ruim () mais/menos ruim () muito ruim () horrível	A () mãe B () madrasta C () pai D () padrasto E () irmãos F () avós G () outros: _____
d) Mexeu no meu corpo contra a minha	A () não B () sim	() nunca () quase nunca () às vezes	() nada ruim () um pouco ruim () mais/menos ruim	A () mãe B () madrasta C () pai

vontade		() quase sempre () sempre	() muito ruim () horrível	D () padrasto E () irmãos F () avós G () outros: _____
e) Relação sexual forçada	A () não B () sim	() nunca () quase nunca () às vezes () quase sempre () sempre	() nada ruim () um pouco ruim () mais/menos ruim () muito ruim () horrível	A () mãe B () madrasta C () pai D () padrasto E () irmãos F () avós G () outros: _____

20. Você tem algum amigo próximo que usa drogas?

a. () Não b. () Sim. () drogas lícitas (bebida alcoólica, cigarro)

() drogas ilícitas (*crack*, cocaína, cola, etc)

21. Você tem algum familiar que usa drogas?

a. () Não b. () Sim. () drogas lícitas (bebida alcoólica, cigarro)

() drogas ilícitas (*crack*, cocaína, cola, etc)

22. Quanto a você, responda às questões abaixo:

	Tipo	Já experimentou ao menos uma vez na vida?	Que idade você tinha quando usou pela 1ª vez?
A	Bebida alcoólica	a. () Não b. () Sim	
B	Cigarro comum	a. () Não b. () Sim	
C	Maconha	a. () Não b. () Sim	
D	Cola, solventes, <i>thinner</i> , lança-perfume, acetona	a. () Não b. () Sim	
E	Cocaína	a. () Não b. () Sim	
F	<i>Crack</i>	a. () Não b. () Sim	
G	<i>Ecstasy</i>	a. () Não b. () Sim	

H	Remédio para emagrecer sem receita médica	a. () Não b. () Sim	
I	Anabolizante	a. () Não b. () Sim	
J	Remédio para “ficar doidão”	a. () Não b. () Sim	
K	Chá para “ficar doidão”	a. () Não b. () Sim	
L	Outra _____	a. () Não b. () Sim	

23. Se você nunca experimentou drogas pule para a questão 28. Se você já experimentou, responda qual foi a primeira droga que você usou?

24. Se você consome drogas, você o faz quando: (Marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. () Está sozinho b. () Está com amigos c. () Está com algum familiar
d. () Está com o(a) namorado(a) e. () Outros. Quem? _____

25. Você já **pensou** em parar de usar alguma droga?

- a. () Não (pule para a questão 28) b. () Sim

26. Já **tentou** (de fato) parar de usar alguma substância?

- a. () Nunca tentei parar, pois nunca usei nenhuma substância regularmente
b. () Nunca tentei parar, apesar de usar ou já ter usado regularmente alguma substância
c. () Sim, já tentei parar (então preencha a tabela abaixo)

	A – Tentou parar	B – Conseguiu parar de usar
1. Álcool	A () Não B () Sim	A () Não B () Sim C () Parou por um tempo e depois voltou
2. Tabaco	A () Não B () Sim	A () Não B () Sim C () Parou por um tempo e depois voltou
3. Solventes	A () Não B () Sim	A () Não B () Sim C () Parou por um tempo e depois voltou

4. Maconha	A () Não B () Sim	A () Não B () Sim C () Parou por um tempo e depois voltou
5. Cocaína	A () Não B () Sim	A () Não B () Sim C () Parou por um tempo e depois voltou
6. Crack	A () Não B () Sim	A () Não B () Sim C () Parou por um tempo e depois voltou
7.Outra: _____	A () Não B () Sim	A () Não B () Sim C () Parou por um tempo e depois voltou

27. Se você já tentou parar de usar drogas, alguém ajudou você nesta tentativa? (Marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. () Tentei sozinho b. () Tentei com um amigo/grupo de amigos
c. () Alguém da igreja d. () Alguém de escola
e. () Alguém do hospital, posto de saúde ou comunidade terapêutica
f. () Alguém da família g. () Outros _____

28. Onde você obtém informações sobre sexo? Marque com um X no número que correspondente a frequência:

1. Nunca 2. Quase nunca 3. Às vezes 4. Quase sempre 5. Sempre

A	Família	1 2 3 4 5
B	Amigos	1 2 3 4 5
C	Escola (professores, funcionários, coordenadores diretores, etc.)	1 2 3 4 5
D	Líderes religiosos (padre, pastor, pai de santo, etc.)	1 2 3 4 5
E	Organização não governamental (ONG)	1 2 3 4 5
F	Televisão	1 2 3 4 5
G	Internet	1 2 3 4 5
H	Rádio	1 2 3 4 5
I	Jornal, revista ou livro	1 2 3 4 5

29. Você já teve relações sexuais (transou) alguma vez?

- a. Não (pule para a questão 46) b. Sim
- c. Quantos anos você tinha “na primeira vez”? ____
- d. Quantos anos o(a) parceiro(a) tinha ? _____ anos Não sei
- e. Com quem foi? Namorado(a) Vizinho(a) Parente. Qual? _____
- Outro _____ f. A primeira relação sexual foi desejada foi forçada

30. Você já transou com:

- a. Meninas/mulheres b. Meninos/homens c. Ambos sexos

31. NO ÚLTIMO ANO, nas suas transas, você teve: (Marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Parceiro(a) FIXO(a) [namorado(a), companheiro(a), esposa/marido]
- Quantos ____namorado(a) ____companheiro(a) ____esposa/marido

- b. Parceiro(a) NÃO-FIXO(a) Quantos(as): _____

32. NO ÚLTIMO ANO, com que frequência você ou seu parceiro usou camisinha?

- a. Nunca b. Poucas vezes
- c. Muitas vezes, mas não em todas d. Sempre (pule para a questão 35)

33. NO ÚLTIMO ANO, nas vezes em que você NÃO USOU camisinha, por que motivo você não usou? (Marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. Não tinha camisinha b. Não tinha dinheiro para comprar
- c. Não gosto d. Camisinha machuca/incomoda
- e. Não acho que seja importante f. Não lembrei de colocar
- g. Estava sob efeito de álcool h. Estava sob efeito de drogas
- i. Meu parceiro(a) não aceita j. Porque confio no meu parceiro(a)
- k. Porque usa anticoncepcional (pílula) l. Outro motivo: _____

34. NO ÚLTIMO ANO, nas vezes em que você USOU camisinha, por que motivo você usou? (Marque mais de 1 se for o caso)

- a. () Para evitar doenças b. () Para evitar AIDS
 c. () Para evitar gravidez d. () Porque o (a) parceiro (a) exigiu
 e. () Porque é importante usar f. () Porque dizem que é bom usar
 g. () Porque é mais limpo (higiene) h. () Não sei
 i. () Outros: _____

35. Atualmente, você possui algum parceiro FIXO [namorado(a), companheiro(a), esposa/marido]:

- a. () Não b. () Sim

36. Na última vez que você transou, você ou seu parceiro(a) usou camisinha?

Com parceiro FIXO (namorado(a), companheiro(a), esposa/marido) Com parceiros NÃO-FIXOS

- | | |
|-------------------|-------------------|
| a. () Não | a. () Não |
| b. () Sim | b. () Sim |
| c. () Não lembra | c. () Não lembra |

37. No ÚLTIMO MÊS, você carregou camisinha com você alguma vez?

- a. () Não b. () Sim Quantos dias você carregou camisinha com você? _____

38. Onde você costuma pegar camisinha? (Marque mais de 1 se for o caso)

- | | |
|---|--|
| a. () Não costumo pegar camisinha | b. () Busco/recebo na Rede/SUS |
| c. () Compro na farmácia/supermercado | d. () Compro de vendedores ambulantes |
| e. () Busco/recebo em instituições ou ONGs | g. () Ganho de conhecidos ou amigos |
| h. () Troco por objetos/favores | |

39. Você usa algum método para evitar gravidez?

- | | |
|------------------------------------|---|
| a. () Não | b. () Sim Quais? Marque mais de uma resposta se precisar. |
| a. () Camisinha | b. () Coito interrompido (interromper a transa antes do orgasmo masculino) |
| c. () Pílula anticoncepcional | d. () Injeção/implante/adesivo |
| e. () Tabela / ritmo / calendário | f. () DIU |
| g. () Outro: _____ | |

40. Você já engravidou alguém/esteve grávida?

a. () Não (pule para a questão 45) b. () Sim

c. Quantas vezes? _____

d. Que idade tinha quando engravidou/ficou grávida na primeira vez? _____

e. A sua gravidez foi desejada? a. () Não b. () Sim

f. Quantos filhos(as) vivos(as) você tem? _____

g. Com quantas pessoas você já teve filho? _____

41. Alguma das situações abaixo ocorreu com você em consequência da PRIMEIRA gravidez? (+ de 1 resposta)

a. () Interrompeu os estudos b. () Casou ou foi morar junto com o pai/mãe da criança

c. () Precisou começar a trabalhar d. () Precisou parar de trabalhar

e. () Família não aceitou a gravidez f. () Família ou parceiro(a) sugeriu fazer aborto

g. () Parou de fumar h. () Parou de usar drogas

i. () Não precisou mais ter que cuidar dos irmãos menores

j. () Passou a ser mais respeitada(o) dentro de casa l. () Terminou o namoro/relação

42. Durante a ÚLTIMA gravidez, você/sua parceira fizeram algum exame médico para acompanhar a gravidez?

a. () Não b. () Sim Quantas vezes? _____ c. () Não sabe

43. Com quem moram seus filhos hoje? (Marque mais de uma resposta se for o caso) (Escreva o número de filhos)

a. () Com ambos os pais _____ b. () Apenas comigo _____

c. () Apenas com o pai/mãe _____ d. () Avós paternos _____

e. () Avós maternos _____ f. () Outro parente _____

g. () Abrigos _____ h. () Família adotiva _____

i. () Na rua _____ j. () Não sei _____

44. Você/sua parceira já teve algum aborto?

a. () Não sabe b. () Não c. () Sim

Quantas vezes? _____ Natural _____ Provocado

45. Identifique situações que você já viveu FORA DE CASA, na coluna 1 e a seguir responda às questões:

Tipo de	A. Já aconteceu	B. Em geral, com que frequência	C. Em geral, o quão ruim foi para você	D. Indique quem fez isto
---------	-----------------	---------------------------------	--	--------------------------

situação	?	esta situação acontecia?	esta situação?	com mais frequência?
a) Ameaça ou humilhação	A () não B () sim	() nunca () quase nunca () às vezes () quase sempre () sempre	() nada ruim () um pouco ruim () mais/menos ruim () muito ruim () horrível	A () amigos B () colegas de escola C () vizinhos D () professores/monitores E () policiais F () desconhecidos G () outros: _____
Tipo de situação	A. Já aconteceu ?	B. Em geral, com que frequência esta situação acontecia?	C. Em geral, o quão ruim foi para você esta situação?	D. Indique quem fez isto com mais frequência?
b) Soco ou surra	A () não B () sim	() nunca () quase nunca () às vezes () quase sempre () sempre	() nada ruim () um pouco ruim () mais/menos ruim () muito ruim () horrível	A () amigos B () colegas de escola C () vizinhos D () professores/monitores E () policiais F () desconhecidos G () outros: _____
c) Agressão com objeto (madeira, cinto, fio, cigarro, etc.)	A () não B () sim	() nunca () quase nunca () às vezes () quase sempre () sempre	() nada ruim () um pouco ruim () mais/menos ruim () muito ruim () horrível	A () amigos B () colegas de escola C () vizinhos D () professores/monitores E () policiais F () desconhecidos G () outros: _____
d) Mexeu no meu corpo contra a minha vontade	A () não B () sim	() nunca () quase nunca () às vezes () quase sempre () sempre	() nada ruim () um pouco ruim () mais/menos ruim () muito ruim () horrível	A () amigos B () colegas de escola C () vizinhos D () professores/monitores E () policiais

				F () desconhecidos G () outros: _____
e) Relação sexual forçada	A () não B () sim	() nunca () quase nunca () às vezes () quase sempre () sempre	() nada ruim () um pouco ruim () mais/menos ruim () muito ruim () horrível	A () amigos B () colegas de escola C () vizinhos D () professores/monitores E () policiais F () desconhecidos G () outros: _____

46. Dentre os eventos abaixo, indique quais os que já aconteceram em sua vida, e escolha o número que mais representa o quão ruim foi esta situação para você:

1 Nada Ruim 2 Um Pouco Ruim 3 Mais ou Menos 4 Muito Ruim 5 Horrível

	A - Já aconteceu?	B - O quão ruim foi?
a) O nível econômico da minha família baixou de uma hora para outra	A () não B () sim	1 2 3 4 5
b) Alguém em minha casa está desempregado	A () não B () sim	1 2 3 4 5
c) Meus pais se separaram	A () não B () sim	1 2 3 4 5
d) Já estive internado em instituição (abrigo, orfanato)	A () não B () sim	1 2 3 4 5
e) Já fugi de casa	A () não B () sim	1 2 3 4 5
f) Já morei na rua	A () não B () sim	1 2 3 4 5
g) Já dormi na rua	A () não B () sim	1 2 3 4 5
h) Já trabalhei na rua	A () não B () sim	1 2 3 4 5
i.) Alguém da minha família está ou esteve preso	A () não B () sim	1 2 3 4 5
j) Sofri algum acidente grave	A () não B () sim	1 2 3 4 5
l) Alguém muito importante pra mim faleceu	A () não B () sim	1 2 3 4 5
m) Já passei fome	A () não B () sim	1 2 3 4 5
n) Meu pai/mãe casou de novo	A () não B () sim	1 2 3 4 5
o) Meu pai/minha mãe teve filho com outros parceiros	A () não B () sim	1 2 3 4 5

p) Já fui assaltado(a)	A () não B () sim	1 2 3 4 5
q) Já cumpri medida socio-educativa sem privação de liberdade	A () não B () sim	1 2 3 4 5
r) Já estive privado de liberdade (Instituição fechada)	A () não B () sim	1 2 3 4 5
s) Já fui levado para o Conselho Tutelar	A () não B () sim	1 2 3 4 5
t) Já tive problemas com a justiça	A () não B () sim	1 2 3 4 5
u) Já tive problemas com a polícia	A () não B () sim	1 2 3 4 5

47. Em algum momento da sua vida você já se envolveu em situações ilegais como as citadas abaixo? Marque todas que já aconteceram:

- a. () Envolvimento em brigas com agressão física/violência contra pessoas
- b. () Destruição de propriedade
- c. () Envolvimento em pichação
- d. () Assaltou alguém
- e. () Roubou algo
- e. () Vendeu drogas
- f. () Outra. Qual? _____

48. Você já pensou em se matar?

- a. () Não (pule para a questão 52)
- b. () Sim Quantas vezes: _____

49. Você já tentou se matar?

- a. () Não
- b. () Sim Quantas vezes: _____

c. Quantos anos você tinha quando tentou se matar pela primeira vez? _____

d. Quando você tentou se matar, como foi que você fez? (Marque mais de uma resposta se for o caso)

- a. () Com faca, tesoura, canivete
- a1. Quantas vezes: _____

- b. () Com revólver
- b1. Quantas vezes: _____

- c. () Enforcado
- c1. Quantas vezes: _____

- d. () Com remédios, venenos
- d1 Quantas vezes: _____

- e. () Atropelamento
- e1 Quantas vezes: _____

f. () Queda provocada (viadutos, edifícios,...) f1. Quantas vezes: _____

g. () Com fogo

g1. Quantas vezes: _____

h. () Outro: _____

h1. Quantas vezes: _____

50. Marque com um X no número correspondente à sua opinião sobre as seguintes afirmações:

1 Nunca 2 Quase nunca 3 Às vezes 4 Quase sempre 5 Sempre

A	<input type="checkbox"/> Eu sinto que pertenço a minha comunidade/bairro	1 2 3 4 5
B	<input type="checkbox"/> Eu posso confiar nas pessoas da minha comunidade/bairro	1 2 3 4 5
C	<input type="checkbox"/> Eu me sinto seguro na minha comunidade/bairro	1 2 3 4 5
D	<input type="checkbox"/> Eu posso contar com meus vizinhos quando preciso deles	1 2 3 4 5
E	<input type="checkbox"/> Eu posso contar com alguma organização/instituição comunitária quando preciso	1 2 3 4 5
F	Minha comunidade tem melhorado nos últimos cinco anos	1 2 3 4 5

51. O que você costuma fazer quando não está estudando ou trabalhando? (marque mais de uma resposta se for o caso)

a. () Praticar esportes b. () Jogar/brincar c. () Passear d. () Assistir TV

e. () Ouvir ou tocar música f. () Desenhar/pintar/artesanato g. () Namorar

i. () Descansar j. () Navegar na Internet k. () Ir a festas l. () Cinema ou teatro

m. () Ler livros, revistas ou quadrinhos n. () Outros _____

52. Marque com um X no número que corresponde à sua opinião sobre as seguintes afirmações:

1 Nunca 2 Quase nunca 3 Às vezes 4 Quase sempre 5 Sempre

A	Sinto que sou uma pessoa de valor como as outras pessoas	1 2 3 4 5
b	Eu sinto vergonha de ser do jeito que sou	1 2 3 4 5
C	Às vezes, eu penso que não presto para nada	1 2 3 4 5
D	Sou capaz de fazer tudo tão bem como as outras pessoas	1 2 3 4 5
E	Levando tudo em conta, eu me sinto um fracasso	1 2 3 4 5
F	Às vezes, eu me sinto inútil	1 2 3 4 5
G	Eu acho que tenho muitas boas qualidades	1 2 3 4 5

H	Eu tenho motivos para me orgulhar na vida	1 2 3 4 5
I	De modo geral, eu estou satisfeito(a) comigo mesmo(a)	1 2 3 4 5
J	Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo (a)	1 2 3 4 5

53. Marque com um X no número que corresponde à sua opinião sobre as seguintes afirmações:

1. Não é verdade a meu respeito
2. É dificilmente verdade a meu respeito
3. É moderadamente verdade a meu respeito
4. É totalmente verdade a meu respeito

a	Se estou com problemas, geralmente encontro uma saída	1 2 3 4
b	Mesmo que alguém se oponha eu encontro maneiras e formas de alcançar o que quero	1 2 3 4
c	Tenho confiança para me sair bem em situações inesperadas	1 2 3 4
d	Eu posso resolver a maioria dos problemas, se fizer o esforço necessário	1 2 3 4
e	Quando eu enfrento um problema, geralmente consigo encontrar diversas soluções	1 2 3 4
f	Consigo sempre resolver os problemas difíceis quando me esforço bastante	1 2 3 4
g	Eu acho que sou capaz de fazer coisas tão bem quanto a maioria das pessoas	1 2 3 4
h	Tenho facilidade para persistir em minhas intenções e alcançar meus objetivos	1 2 3 4
i	Devido às minhas capacidades, sei como lidar com situações imprevistas	1 2 3 4
j	Eu me mantenho calmo mesmo enfrentando dificuldades porque confio na minha capacidade de resolver problemas	1 2 3 4
l	Eu geralmente consigo enfrentar qualquer adversidade.	1 2 3 4

54. Use a seguinte escala para indicar suas chances de:

1. Muito Baixas 2. Baixas 3. Cerca de 50% 4. Altas 5. Muito Altas

A	Concluir o ensino médio (segundo grau)	1 2 3 4 5
B	Entrar na Universidade	1 2 3 4 5
C	Ter um emprego que me garanta boa qualidade de vida	1 2 3 4 5
D	Ter minha casa própria	1 2 3 4 5
E	Ter um trabalho que me dará satisfação	1 2 3 4 5
F	Ter uma família	1 2 3 4 5
G	Ser saudável a maior parte do tempo	1 2 3 4 5
H	Ser respeitado na minha comunidade	1 2 3 4 5
I	Ter amigos que me darão apoio	1 2 3 4 5

55. Neste espaço você pode colocar o que achou deste questionário e/ou mencionar algo que considera importante e/ou que não foi perguntado:

ANEXO II
ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE A QUALIDADE DA AMIZADE DE
ADOLESCENTES

Nome:

Idade:

Sexo: () feminino () masculino

1. O que é amizade?
2. Você tem amigos(as)? Descreva-os.
3. O que vocês costumam fazer juntos(as)?
4. Quais os motivos para você escolhê-los como amigos(as)?
5. Você tem um(a) melhor amigo(a)? Fale sobre a sua relação ele(a)?
6. Fale sobre seus sentimentos em relação ao seu melhor amigo (a).
7. Seu melhor amigo (a) o apoia quando você está com algum problema? Que tipo de apoio você recebe?